REDAÇÃO

ESCREVENDO COM PRÁTICA

PARA TODOS

2ª Edição

JOÃO JONAS VEIGA SOBRAL

IGLU
EDITORA

REDAÇÃO
ESCREVENDO COM PRÁTICA

JOÃO JONAS VEIGA SOBRAL

**Licenciado em Letras, Professor de Português Instrumental
na Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo,
Professor de Redação no Colégio Comercial
Álvares Penteado e Escola Técnica Oswaldo Cruz**

REDAÇÃO
ESCREVENDO COM PRÁTICA

2000

Edição Digital

Iglu Editora

© Copyright by João Jonas Veiga Sobral
© Copyright 1995 by Iglu Editora Ltda.

Editor responsável:
Júlio Igliori

Revisão:
Maria Aparecida Salmeron

Composição:
Real Produções Gráficas Ltda.

Capa:
Osmar das Neves

Todos os direitos reservados à

IGLU EDITORA LTDA.
Rua Duílio, 386 – Lapa
05043-020 – São Paulo-SP
Tel.: (011) 873-0227

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom de ensinar.
Ao meu editor pela confiança no trabalho.
Ao professor Manuel José Nunes Pinto pela força e incentivo.

DEDICATÓRIA

Para minha mãe, figura forte, fantástica e bela a quem amo.
Para Eliana, a quem a vida presenteou-me como mulher e amiga.
Para meus alunos, companheiros de gostosas jornadas.
Para meus colegas de trabalho, que muito me ajudaram.
Para o Zíngari, meu mestre sempre.

"Esta é uma declaração de amor; amo a língua portuguesa. Ela não é fácil. Não é maleável. E, como não foi profundamente trabalhada pelo pensamento, a sua tendência é a de não ter sutilezas e de reagir às vezes com um pontapé contra os que temerariamente ousam transformá-la numa linguagem de sentimento e de alerteza. E de amor. A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa do superficialismo.

Às vezes ela reage diante de um pensamento mais complicado. Às vezes se assusta com o imprevisível de uma frase. Eu gosto de manejá-la como gostava de estar montada num cavalo e guiá-lo pelas rédeas, às vezes lentamente, às vezes a galope."

Clarice Lispector

APRESENTAÇÃO

Para escrever não é necessário o dom da escrita, dos privilegiados, para escrever basta um pouco de técnica e dedicação.

Esta obra mostra os mecanismos que facilitam o trabalho da produção escrita, por meio de teorias e exercícios práticos.

Ao lado desses mecanismos, há textos consagrados de autores expressivos. Esses modelos certamente o auxiliarão na produção de seus textos. Há, também, exercícios de enriquecimento da língua e propostas de redações retiradas de vestibulares, de textos de jornais, de tiras de quadrinhos e de letras de canções, recursos que subsidiarão o ato de redigir com eficácia.

A nossa experiência no ensino de redação nos 2º e 3º graus fez com que tanto a exposição teórica quanto as propostas de trabalho fossem didáticas e práticas a fim de tornar o trabalho de redigir mais gostoso e eficiente.

Acreditamos que *Redação: escrevendo com prática* **aliado a dicionários, gramáticas e boas leituras, constituir-se-á em material indispensável para aqueles que pretendam escrever de forma adequada.**

Finalizando, é preciso de sua parte bastante dedicação para conseguir êxito no ato de redigir textos. Parafraseando o escritor alemão, GOETHE: "O ato de redigir é 10% de inspiração e 90% de transpiração"; por isso, meu caro amigo, mãos à obra.

Boas redações!

João Jonas Veiga Sobral

SUMÁRIO

UNIDADE 1
Início de trabalho: escrevendo o texto 15
Exercícios 16

UNIDADE 2
Os mecanismos de coesão e coerência textuais 21

Capítulo 1: A coesão 22
Exercícios 23

Capítulo 2: A coerência 25
Exercícios 26

UNIDADE 3
A descrição 28

Capítulo 1: Descrição objetiva e subjetiva 28
Exercícios 29

Capítulo 2: Descrição sensorial 32
Exercícios 33

Capítulo 3: Descrevendo a personagem: 34
a) Descrição física e psicológica 34
b) Critérios de seleção na composição da personagem 38

c) Critérios de seleção em benefício da mensagem 41
Exercícios 42

Capítulo 4: Descrição de ambiente e paisagem 43
a) Descrição de paisagem 46
b) Descrição de ambiente fechado 47
c) Descrição de cena 48
Exercícios 49
Propostas de redação 50

UNIDADE 4
A narração 55

Capítulo 1: A técnica narrativa 55
Exercícios 57

Capítulo 2: O narrador 60
a) Narrador em 1ª pessoa 60
b) Narrador em 3ª pessoa 60
Exercícios 61

Capítulo 3: O discurso 62
a) Discurso direto 62
b) Discurso direto e os verbos de locução 62
c) Discurso indireto 64
d) Trocando os discursos 64
e) Discurso indireto-livre 65
Exercícios 66

Capítulo 4: Níveis de linguagem 70
a) Linguagem formal 70
b) Linguagem informal 70
Exercícios 71

Capítulo 5: O tempo na narrativa 72
a) Tempo psicológico 72
b) Tempo cronológico 72
Exercícios 74

Capítulo 6: O enredo e sua estrutura 75
Exercícios 78

Capítulo 7: A estrutura narrativa 82
a) Manipulação 82
b) Competência 82
c) *Performance* 82
d) Sanção 82
Exercícios 83

Capítulo 8: A organização do texto narrativo 85
a) Narração objetiva 85
b) Narração subjetiva 85
c) O conflito 89
d) Ações da personagem 91
e) O fato novo 92
Exercícios 93
Propostas de redação 94

UNIDADE 5
A dissertação 108

Capítulo 1: O texto dissertativo 108
Exercícios 109

Capítulo 2: O título e o tema no texto dissertativo 111
Exercícios 112

Capítulo 3: O fato e a opinião 113
Exercícios 113

Capítulo 4: O desenvolvimento da opinião 115
Exercícios 116

Capítulo 5: O planejamento do texto 117
Exercícios 118

Capítulo 6: A organização das idéias 119
Exercícios 120

Capítulo 7: Escrevendo o texto dissertativo 121
a) O parágrafo dissertativo 122
b) Desenvolvimento do texto: 1) enumeração, 2) causa/ conseqüência, 3) exemplificação, 4) confronto, 5) dados estatísticos, 6) citações 123
c) Conclusão: 1) conclusão-síntese, 2) conclusão-solução, 3) conclusão-surpresa 125
Exercícios 127

Capítulo 8: A dissertação subjetiva 128
Exercícios 130
Propostas de redação 135

UNIDADE 6
Apoio funcional 158

Capítulo 1: Acentuação gráfica 159
Exercícios 161

Capítulo 2: A crase 162
Exercícios 165

Capítulo 3: O uso da vírgula 167
Exercícios 169

Capítulo 4: O uso dos pronomes 171
Exercícios 174

Capítulo 5: Concordância verbal 175
Exercícios 181

Capítulo 6: Concordância nominal 179
Exercícios 181

Bibliografia 183

UNIDADE 1: INÍCIO DE TRABALHO:

Escrevendo o texto

"Penetra surdamente no reino das palavras."
Carlos Drummond de Andrade

É comum ouvir das pessoas frases como essas: "*Escrever é muito difícil***", "***Eu não sei escrever***", "***Redação é uma das matérias mais difíceis da escola***" e outras parecidas.**

Será possível, realmente, aprender a escrever ou é um dom natural?

As respostas para as duas perguntas são positivas: é possível aprender a escrever; e escrever é, também, um dom natural.

No entanto, mesmo escritores que possuem o dom natural de escrever trabalham tecnicamente o texto. O trabalho de correção e reescritura chega a ser árduo, porém o resultado é compensador. Conclui-se, então, que escrever é uma técnica e, dessa forma, pode ser aprendida.

Há em nossa literatura depoimentos de escritores sobre a técnica da escrita:

"Esta é a terceira vez ou quarta vez que ponho o papel na máquina e começo a escrever: mas sinto que as frases pesam ou soam falso, e as palavras dizem de mais ou dizem menos e a escrita sai desentoada com o sentimento."

(Rubem Braga)

"Escrevo trezentas páginas, aproveito no máximo trinta."
(Fernando Sabino)

"Você irá escrevendo, irá escrevendo, se aperfeiçoando, progredindo, progredindo aos poucos: um belo dia (se você agüentar o tranco) os outros percebem que existe um grande escritor."
(Mário de Andrade)

Percebemos pelos depoimentos que escrever não é uma tarefa fácil, e aí reside sua graça: o desafio de escrever.

É maravilhoso ver no papel a concretização de um pensamento, de um sonho, de uma idéia.

Para isso, é preciso um pouco de técnica na escolha da palavra, do estilo do texto, do ponto de vista; estes recursos técnicos serão trabalhados nos próximos capítulos.

Porém, antes, que tal começar o trabalho produzindo um texto?

EXERCÍCIOS

1) Leia as duas belas crônicas de dois dos maiores cronistas brasileiros: Rubem Braga e Fernando Sabino. A seguir, elabore uma redação expressando sua vontade sobre como quereria o seu texto.

MEU IDEAL SERIA ESCREVER...

Rubem Braga

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta, quando lesse minha história no jornal, risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse – "ai meu Deus, que história mais engraçada". E então contasse para a cozinheira e telefonasse para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse rissem muito e ficassem alegremente espantados de vê-la tão alegre. Ah, que minha história fosse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente. Que ela mesma ficasse admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetisse para si própria – "mas essa história é mesmo muito engraçada!"

Que um casal que estivesse em casa mal-humorado, o marido bastante aborrecido com a mulher, a mulher bastante irritada com o marido, que esse casal também fosse atingido pela minha história. O marido a leria e começaria a rir, o que aumentaria a irritação da mulher. Mas depois que esta, apesar de sua má vontade, tomas-

se conhecimento da história, ela também risse muito, e ficassem os dois rindo sem poder olhar um para o outro sem rir mais; e que um, ouvindo aquele riso do outro, se lembrasse do alegre tempo de namoro, e reencontrassem os dois a alegria perdida de estarem juntos.

Que nas cadeias, nos hospitais, em todas as salas de espera, a minha história chegasse – e tão fascinante de graça, tão irresistível, tão colorida e tão pura que todos limpassem seu coração com lágrimas de alegria; que o comissário do distrito, depois de ler minha história, mandasse soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres colhidas na calçada e lhes dissesse – "por favor, se comportem, que diabo! eu não gosto de prender ninguém!" E que assim todos tratassem melhor seus empregados, seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história.

E que ela aos poucos se espalhasse pelo mundo e fosse contada de mil maneiras, e fosse atribuída a um persa, na Nigéria, a um australiano, em Dublim, a um japonês, em Chicago – mas que em todas as línguas ela guardasse a sua frescura, a sua pureza, o seu encanto surpreendente; e que no fundo de uma aldeia da China, um chinês muito pobre, muito sábio e muito velho dissesse: "Nunca ouvi uma história assim tão engraçada e tão boa em toda a minha vida; valeu a pena ter vivido até hoje para ouvi-la; essa história não pode ter sido inventada por nenhum homem; foi com certeza algum anjo tagarela que a contou aos ouvidos de um santo que dormia, e que ele pensou que já estivesse morto; sim, deve ser uma história do céu que se filtrou por acaso até nosso conhecimento; é divina."

E quando todos me perguntassem – "mas de onde é que você tirou essa história?" – eu responderia que ela não é minha, que eu a ouvi por acaso na rua, de um desconhecido que a contava a outro desconhecido, e que por sinal começara a contar assim: "Ontem ouvi um sujeito contar uma história..."

E eu esconderia completamente a humilde verdade: que eu inventei toda a minha história em um só segundo, quando pensei na tristeza daquela moça que está doente, que sempre está doente e sempre está de luto e sozinha naquela pequena casa cinzenta de meu bairro.

(BRAGA, Rubem. "Meu ideal seria escrever...". *200 Crônicas Escolhidas.* **Rio de Janeiro, Record, 1977.)**

A ÚLTIMA CRÔNICA

Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu quereria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acentuar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho – um bolo simples amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de coca-cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa a um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a coca-cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. De súbito, dá comigo a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu quereria a minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

(SABINO, Fernando. *A companheira de viagem.* **10ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1987, p. 169-71.)**

2) Leia o depoimento de Carlos Drummond de Andrade sobre "Como comecei a escrever" e imagine-se como um escritor de sucesso dando o seu depoimento de como começou a escrever.

Aí por volta de 1910 não havia rádio nem televisão, e o cinema chegava ao interior do Brasil uma vez por semana, aos domingos. As notícias do mundo vinham pelo jornal, três dias depois de publicadas no Rio de Janeiro. Se chovia a potes, a mala do correio aparecia ensopada, uns sete dias mais tarde. Não dava para ler o papel transformado em mingau.

Papai era assinante da *Gazeta de Notícias*, **e antes de aprender a ler eu me sentia fascinado pelas gravuras coloridas do suplemento de domingo. Tentava decifrar o mistério das letras em redor das figuras, e mamãe me ajudava nisso. Quando fui para a escola pública, já tinha a noção vaga de um universo de palavras que era preciso conquistar.**

Durante o curso, minhas professoras costumavam passar exercícios de redação. Cada um de nós tinha de escrever uma carta, narrar um passeio, coisas assim. Criei gosto por esse dever, que me permitia aplicar para determinado fim o conhecimento que ia adquirindo do poder de expressão contido nos sinais reunidos em palavras.

Daí por diante as experiências foram-se acumulando, sem que eu percebesse que estava descobrindo a literatura. Alguns elogios da professora me animavam a continuar. Ninguém falava em conto ou poesia, mas a semente dessas coisas estava germinando. Meu irmão, estudante na Capital, mandava-me revistas e livros, e me habituei a viver entre eles. Depois, já rapaz, tive a sorte de conhecer outros rapazes que também gostavam de ler e escrever.

Então, começou uma fase muito boa de troca de experiências e impressões. Na mesa do café-sentado (pois tomava-se café sentado nos bares, e podia-se conversar horas e horas sem incomodar nem ser incomodado) eu tirava do bolso o que escrevera durante o dia, e meus colegas criticavam. Eles também sacavam seus escritores, e eu tomava parte nos comentários. Tudo com naturalidade e franqueza. Aprendi muito com os amigos, e tenho pena dos jovens de hoje que não desfrutam desse tipo de amizade crítica.

(Como comecei a escrever. Carlos Drummond de Andrade. Apud *Para Gostar de Ler*, **vol. 4, Ed. Ática, 1992, pág. 6 e 7.)**

UNIDADE 2: OS MECANISMOS DE COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAIS

"O certo é saber que o certo é certo."
Caetano Veloso

O texto não é simplesmente um conjunto de palavras; pois se o fosse, bastaria agrupá-las de qualquer forma e teríamos um.

O ontem lanche menino comeu

Veja que neste caso não há um texto, há somente um grupo de palavras dispostos em uma ordem qualquer. Mesmo que colocássemos estas palavras em uma ordem gramatical correta: *sujeito-verbo-complemento* **precisaríamos, ainda, organizar o nível semântico do texto, deixando-o inteligível.**

O lanche comeu o menino ontem

O nível sintático está perfeito:
sujeito = o lanche
verbo = comeu
complementos = o menino ontem

Mas o nível semântico apresenta problemas, pois não é possível que o lanche coma o menino, pelo menos neste contexto. Caso a frase estivesse empregada num sentido figurado e em outro contexto, isto seria possível.

Pedrinho saiu da lanchonete todo lambuzado de maionese, mostarda e *catchup*, **o lanche era enorme, parecia que** *"o lanche tinha comido o menino"*.

A coesão e a coerência garantem ao texto uma unidade de significados encadeados.

CAPÍTULO 1

A COESÃO

Há, na língua, muitos recursos que garantem o mecanismo de coesão:

*** por referência: Os pronomes, advérbios e os artigos são os elementos de coesão que proporcionam a unidade do texto.**

O Presidente foi a Portugal em visita. Em Portugal o presidente recebeu várias homenagens.

Esse texto repetitivo torna-se desagradável e sem coesão. Observe a atuação do advérbio e do pronome no processo de e elaboração do texto.

O Presidente foi a Portugal. Lá, ele foi homenageado.

Veja que o texto ganhou agilidade e estilo. Os termos "Lá" e "ele" referem-se a Portugal e Presidente, foram usados a fim de tornar o texto coeso.

*** por elipse: Quando se omite um termo a fim de evitar sua repetição.**

O Presidente foi a Portugal. Lá, foi homenageado.

Veja que neste caso omitiu-se a palavra "Presidente", pois é subentendida no contexto.

*** lexical: Quando são usadas palavras ou expressões sinônimas de algum termo subseqüente:**

O Presidente foi a Portugal. Na Terra de Camões foi homenageado por intelectuais e escritores.

Veja que "Portugal" foi substituída por "Terra de Camões" para evitar repetição e dar um efeito mais significativo ao texto, pois há uma ligação semântica entre "Terra de Camões" e intelectuais e escritores.

*** por substituição: É usada para abreviar sentenças inteiras, substituindo-as por uma expressão com significado equivalente.**

O presidente viajou para Portugal nesta semana e o ministro dos Esportes o fez também.

A expressão "o fez também" retoma a sentença "viajou para Portugal".

*** por oposição: Empregam-se alguns termos com valor de oposição (mas, contudo, todavia, porém, entretanto, contudo) para tornar o texto compreensível.**

Estávamos todos aqui no momento do crime, porém não vimos o assassino.

*** por concessão ou contradição: São eles: embora, ainda que, se bem que, apesar de, conquanto, mesmo que.**

Embora estivéssemos aqui no momento do crime, não vimos o assassino.

*** por causa: São eles: porque, pois, como, já que, visto que, uma vez que.**

Estávamos todos aqui no momento do crime e não vimos o assassino uma vez que nossa visão fora encoberta por uma névoa muito forte.

*** por condição: São eles: caso, se, a menos que, contanto que.**

Caso estivéssemos aqui no momento do crime, provavelmente teríamos visto o assassino.

*** por finalidade: São eles: para que, para, a fim de, com o objetivo de, com a finalidade de, com intenção de.**

Estamos aqui a fim de assistir ao concerto da orquestra municipal.

EXERCÍCIOS

1) Use os mecanismos de coesão textual nas frases a seguir:
   a) O presidente esteve na França ontem. O presidente disse na França que o Brasil está controlando bem a inflação.
   b) Comprei muitas frutas e coloquei as frutas na geladeira.
   c) Acabamos de receber dez caixas de canetas. Estas canetas devem ser encaminhadas para o almoxarifado.
   d) As revendedoras de automóveis não estão mais equipando os seus automóveis para vender os automóveis mais caro. O cliente vai à revendedora de automóveis com pouco dinheiro e, se tiver que pagar mais caro o automóvel, desiste de comprar o automóvel e as revendedoras de automóveis têm prejuízo.
   e) Eu fui à escola, na escola encontrei meus amigos que há muito tempo não via, eu convidei alguns amigos da escola para ir ao cinema.
   f) O professor chegou atrasado e ele começou a ditar matérias sem parar um instante, o professor é meio estranho, ele mal conversa com a classe, a classe não gosta muito do professor.
   g) Minha namorada estuda inglês. Minha namorada sempre gostou de inglês.

2) Ligue os períodos com auxílio de conjunções.
   a) Todos participaram das festas. Alguns não gostaram muito.
   b) Todos participaram das festas. Alguns gostariam de ter ficado em casa.
   c) Estudamos muito para o vestibular. Conseguiremos a vaga tranqüilamente.
   d) O réu não depôs. Não se sentia bem no dia.
   e) É importante a contribuição de todos no revezamento de veículos. Possamos respirar um ar saudável.
   f) O tempo vai passando, vamos ficando mais experientes.
   g) O fumo deveria ser proibido em locais públicos. O fumo faz muito mal à saúde.
   h) Você tenha tempo, apareça aqui para tomarmos um café.
   i) Ela tem bastante dinheiro. Ela viajará nas férias.
   j) O professor de matemática é muito sério. O professor de redação é um figurão.

CAPÍTULO 2

A COERÊNCIA

É muito confusa a distinção entre coesão e coerência, aqui entenderemos como coerência a ligação das partes do texto com o seu todo.

Ao elaborar o texto, temos que criar condições para que haja uma unidade de coerência, dando ao texto mais fidelidade.

"Estava andando sozinho na rua, ouvi passos atrás de mim, assustado nem olhei, saí correndo, era um homem alto, estranho, tinha em suas mãos uma arma..."

Se o narrador não olhou, como soube descrever a personagem?

A falta de coerência se dá normalmente:

Na inverossimilhança, falta de concatenação e argumentação falsa.

Observe outra situação:

"Estava voltando para casa, quando vi na calçada algo que parecia um saco de lixo, cheguei mais perto para ver o que acontecia..."

Ocorre neste trecho uma incoerência pois se era realmente um saco de lixo, com certeza não iria acontecer coisa alguma.

Outro tipo de incoerência: Ao tentar elaborar uma história de suspense, o narrador escolhe um título que já leva o leitor a concluir o final da história.

Um milhão de dólares

"Estava voltando para casa, quando vi na calçada algo que parecia um saco de lixo, ao me aproximar percebi que era um pacote..."

O que será que havia dentro do pacote? Veja como o narrador acabou com a história na escolha infeliz do título.

A incoerência está presente, também, em textos dissertativos que apresentam defeitos de argumentação.

Em muitas redações observamos afirmações falsas e inconsistentes. Observe:

"No fundo nenhuma escola está realmente preocupada com a qualidade de ensino."

"Estava assistindo ao debate na televisão dos candidatos ao governo de São Paulo, eles mais se acusavam moralmente do que mostravam suas propostas de governo, em um certo momento do debate dois candidatos quase partem para a agressão física. Dessa forma, isso nos leva a concluir que o homem não consegue conciliar idéias opostas é por isso que o mundo vive em guerras freqüentemente."

Note que nos dois primeiros exemplos as informações são amplas demais e sem nenhum fundamento. Já no terceiro, a conclusão apresentada não tem ligação nenhuma com o exemplo argumentado.

Esses exemplos caracterizam a falta de coerência do texto.

Finalizando, tanto os mecanismos de coesão como os de coerência devem ser empregados com cuidado, pois a unidade do texto depende praticamente da aplicação correta desses mecanismos.

EXERCÍCIOS

1) Imagine, para cada situação, uma complicação e uma solução.

a) Um rapaz deveria chegar às duas horas da tarde, na frente do colégio para um encontro com a namorada.

b) João pediu o carro emprestado a um amigo e bateu em um poste.

c) Eliana, uma menina de 15 anos, esqueceu-se do horário combinado e chegou às três da manhã em casa, seus pais estavam furiosos.

2) Explique como poderíamos solucionar estes problemas:
   a) Dois rapazes moram sozinhos em um apartamento, um deles é encontrado morto no *play-ground* do prédio. A janela do apartamento estava aberta, na sala havia dois copos de uísque e um tábua de frios, um dos quartos estava em ordem como se ninguém tivesse dormido no local; no outro, o amigo havia dormido.
   b) O marido desconfia que sua esposa o trai com seu chefe, um colega mostra a foto dos dois, possíveis amantes, em uma loja de roupas íntimas femininas.

3) Dê um argumento para cada proposição.
   a) O menor de 18 anos deve ser punido pelos crimes cometidos.
   b) Qual a principal conseqüência da violência na TV, no comportamento de crianças e adolescentes?
   c) A doação de órgãos deveria ser obrigatória?

UNIDADE 3: A DESCRIÇÃO

CAPÍTULO 1

DESCRIÇÃO OBJETIVA E SUBJETIVA

"A Beleza, gêmea da verdade, arte pura, inimiga do artifício é a força e a graça na simplicidade."
Olavo Bilac

A descrição é a representação, por meio de palavras, das características de um objeto que as distinguem de outros.

A descrição tem por objetivo transmitir ao leitor uma imagem do objeto descrito. Podendo ser:

Objetiva: quando retratamos a realidade como ela é.
Subjetiva: quando retratamos a realidade conforme nossos sentimentos e emoção.

Descrição objetiva:

"A cômoda era velha, de madeira escura com manchas provocadas pelo longo tempo de uso. As três gavetas possuem puxadores de ferro em forma de conchas, nas duas laterais há ornamentos semelhantes àqueles de esculturas barrocas, os pés são redondos e ornamentados."

Descrição subjetiva:

"Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. Nas gavetas guarda coisas de outros tempos, só para si. Foi sempre assim, dona Cômoda: gorda, fechada, egoísta."

(QUINTANA, Mário, *Sapo Amarelo*, **Porto Alegre Mercado Aberto, 1984, p. 37).**

Como podemos observar, a cômoda foi descrita de duas maneiras diferentes.

Na primeira descrição houve um retrato fiel do objeto; já na segunda, houve o ponto de vista do autor, o objeto foi descrito conforme ele o vê.

Observação:

É importante não confundir descrição e definição.
Definir é explicar a significação de um ser.
Descrever é retratar a partir de um ponto de vista.

VEJA A DEFINIÇÃO DE UMA CÔMODA:

CÔMODA: móvel guarnecido de gavetas desde a base até a parte superior.

Note que na definição não há ponto de vista, o objeto é descrito de maneira geral, serviria para qualquer cômoda; já nas descrições prevaleceram a particularidade, cada cômoda foi descrita de forma diferente, sob pontos de vista diferentes.

EXERCÍCIOS

1) Elabore uma descrição objetiva e subjetiva dos seguintes objetos:
a) um armário.
b) um guarda-chuva.
c) um caderno.
d) uma caneta.

2) Leia o texto de Carlos Drummond de Andrade, observe o processo descritivo e faça o mesmo com um animal perdido.

ANÚNCIO DE JOÃO ALVES

Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, está assim redigido:

À procura de uma besta – **A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em conseqüência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de 4 a 6 centímetros, introduzido por um jumento.**

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que hão sido falhas todas as indagações.

Quem, pois, aprendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) *João Alves Júnior.*

55 anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à *Cidade de Itabira*. **Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.**

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo "de todos os seus membros locomotores". Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser "muito domiciliada nas cercanias deste comércio", isto é, do povoado, e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmaste em tom peremptório: "tudo me induz a esse cálculo". Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a aprender ou pelo menos "notícia exata ministrar", será "razoavelmente remunerado". Não prometes recompensa tentadora; não fazes praças de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e também hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesses os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Fala, amendoeira.* **u. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978. p. 82-4.)**

CAPÍTULO 2

DESCRIÇÃO SENSORIAL

É um tipo de descrição, conhecida também por sinestésica, que se apóia nas sensações. A descrição sensorial torna o texto mais rico, forte, poético; faz com que o leitor interaja com o narrador e com a personagem.

As sensações são:

Visuais: relacionadas à cor, forma, dimensões, etc.

"Era um olho *amendoado, grande,* **dum** *azul celestial*, **de traços** *suaves*...**"**

Auditivas: relacionadas ao som.

"*O silêncio* **tornara-se assustador, o** *zumbido* **do vento fazia** *chorar* **as janelas..."**

Gustativas: relacionadas ao gosto, paladar.

"Tua despedida *amarga*, **o sorrido irônico,** *insosso*; **deixaram-me angustiado."**

Olfativas: relacionadas ao cheiro.

"*O cheiro de terra* **trazido pelo vento úmido era prenúncio de chuva."**

Táteis: relacionadas ao tato, contato da pele.

"As mãos *ásperas* **como** *casca de árvore, grossas, ríspidas, secas* **como pedra."**

Veja o belíssimo texto de Cecília Meireles. Observe como as descrições sensoriais são trabalhadas.

NOITE

Úmido gosto de terra,
cheiro de pedra lavada,
– tempo inseguro do tempo! –
sobra do flanco da serra,
nua e fria, sem mais nada.

Brilho de areias pisadas,
sabor de folhas mordidas,
– lábio da voz sem ventura! –
suspiro das madrugadas
sem coisas acontecidas.

A noite abria a frescura
dos campos todos molhados,
– sozinho, com o seu perfume! –
preparando a flor mais pura
com ares de todos os lados.

Bem que a vida estava quieta.
Mas passava o pensamento...
– de onde vinha aquela música?
E era uma nuvem repleta
entre as estrelas e o vento.

(MEIRELES, Cecília. *Obra Completa*.
Rio de Janeiro, Aguilar, 1967.)

EXERCÍCIOS

1) Retire do texto de Cecília Meireles as descrições sensoriais e classifique-as.

2) Faça uma descrição em que você passe para o leitor todas as sensações que o objeto descrito proporciona. Pode ser uma paisagem, o rosto da amada, o amanhecer, o anoitecer, o mar, a chuva...

3) Descreva uma paisagem em que o cheiro é o seu ponto forte.

4) Elabore uma descrição em que prevaleçam as cores.

CAPÍTULO 3

DESCREVENDO A PERSONAGEM

A) A DESCRIÇÃO DE PERSONAGEM: FÍSICA E PSICOLÓGICA

Ao descrever uma personagem, você poderá fazê-lo de duas maneiras:

a) *aspectos físicos* **– corpo, voz, roupa, andar, etc.**

"A pele suave daquela menina era como pêssego maduro, colhido da árvore, os olhos negros e redondos faziam par com os longos e encaracolados cabelos, e o sorriso meigo dos lábios carnudos eram um convite ao beijo."

b) *aspectos psicológicos* **– caráter, estado de espírito, comportamento, etc.**

"Era de uma bondade de fazer inveja, os olhos alegres brilhavam como lamparinas em noite sem lua, a voz invadia os ouvidos como canto de flauta, se pudesse ficaria ali, prostrado a vida toda ouvindo os ensinamentos do mestre."

Importante:

É sempre bom começar sua descrição de personagem retratando primeiro um aspecto de caráter geral e em seguida mesclar descrições físicas e psicológicas.

Deve-se, contudo, seguir uma certa ordem na descrição. Se você começar a descrever uma personagem pela cabeça por exemplo, procure descrever os cabelos, olhos, boca... sempre seguindo uma ordem lógica.

Veja algumas descrições de personagens em que se misturam os aspectos físicos e psicológicos:

"Stela era espigada, dum moreno fechado, muito fina de corpo. Tinha as pernas e os braços muito longos e uma voz ligeiramente rouca."

(Marques Rebelo)

"Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes."

(Graciliano Ramos)

"Ó minha amada
Que olhos os teus
São cais noturnos
Cheios de adeus
São docas mansas
Trilhando luzes
Que brilham longe
Longe nos breus..."

(Vinícius de Moraes)

Leia, agora, um fragmento de texto descritivo em que a autora descreve um professor e as sensações que este provoca:

OS DESASTRES DE SOFIA

Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele.

O professor era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano. E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhara. Pas-

sei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho:

– Cale-se ou expulso a senhora da sala.

Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastradamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos. (...)

(LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira.* **São Paulo, Ática, 1977, p. 11.)**

OBSERVE A ANÁLISE ESTRUTURAL DO PROCESSO DESCRITIVO:

– *aspectos gerais*: **"Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão, e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele."**

– *aspectos físicos*: **"O professor era gordo, grande (...) de ombros contraídos.**

Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com fio de ouro encimando o nariz grosso e romano."

– *aspectos psicológicos*: **"E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhara. Passei a me comportar mal na sala. Falava alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas..."**

Note que cada característica compõe o tipo desejado; sua personagem tomará a vida que você quiser, ao escolher de maneira harmônica características físicas e psicológicas.

EXERCÍCIOS

1) Leia os textos a seguir e faça as divisões solicitadas:
aspectos gerais:
aspectos físicos:
aspectos psicológicos:
e outros:

"A fachada abria-se numa sucessão de portas envidraçadas, refulgentes sob os reflexos dourados do sol e escancaradas à tarde cálida e ventosa, e Tom Buchanan, em seu trajo de montaria, achava-se de pé, as pernas separadas, no alpendre fronteiro.

Era um homem vigoroso, de trinta anos, cabelos cor de palha, boca um tanto dura e maneiras desdenhosas. Dois olhos vivos, arrogantes, estabeleceram domínio sobre o seu rosto, dando-lhe a aparência de alguém que estivesse sempre pronto a agredir. Nem mesmo o corte efeminado de suas roupas de montar conseguia ocultar o enorme vigor daquele corpo; ele parecia encher as suas botas rebrilhantes até o ponto de forçar os laços que as prendiam na parte superior, e podia-se notar o grande feixe de músculos a retesar-se, quando seus ombros se moviam debaixo do casaco leve. Era um corpo capaz de levantar grandes pesos; um corpo cruel." (F. Scott Fitzgerald)

(*O Grande Gatsby***, 7ª ed. Rio de Janeiro. Record. Apud.** *Trabalhando com Descrição***. Ana H. C. Belline. Ática, p. 27.)**

RETRATO

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
– Em que espelho ficou perdida
a minha face?

(MEIRELES, Cecília. *Poesia*. **Rio de Janeiro, Agir, 1974, p. 19.)**

2) Faça o seu retrato.
3) Invente uma personagem ou descreva um amigo.
4) Baseando-se no texto "Os desastres de Sofia", elabore um texto descritivo sobre um professor.

B) CRITÉRIOS DE SELEÇÃO NA COMPOSIÇÃO DA PERSONAGEM

1) A ESCOLHA DO TIPO DE PERSONAGEM

Ao produzir sua personagem, você deverá fazer a escolha entre personagem linear ou complexa.

Personagem linear **é aquela em que suas características são simples e imutáveis ao longo do texto, e** *personagem complexa* **é aquela que ao longo do texto vai mudando suas características.**

Personagem linear:

"Desde menino era arteiro, gostava de fazer maldades, torcia rabo do gato, trocava nos potes sal por açúcar, acordava os outros com estouro de bombinhas... quando adulto não melhorou muito, continuava a maltratar os filhos, castigava-os por nenhum motivo, batia na mulher; sempre bêbado, desleixado, barba por fazer, roupas desalinhadas, largas; um homem asqueroso."

Personagem complexa:

"Quando criança era tímido, submisso aos caprichos da mãe, sempre obedecendo às ordens do pai, na adolescência com a morte dos pais herdou a fazenda; a vontade de enriquecer, o dinheiro

fácil e a bebida transformaram o rapaz num homem cruel, mal patrão, e com a descoberta do adultério da esposa, tornou-se o próprio diabo encarnado, mandou matá-la e ao amante, enterrou-os no chiqueiro, alimentou os porcos com carnes do corpo dos dois, a fazenda perdera o menino, a paz e o encanto."

Perceba que as personagens descritas acima são diferentes. A primeira conservou seu jeito mal, seu caráter nocivo; enquanto a segunda, devido a alguns acontecimentos em sua vida, foi-se transfigurando, mudando sua conduta.

2) A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM

Após escolher o tipo de personagem que vai trabalhar em seu texto, você terá que selecionar descrições compatíveis com o caráter. A escolha do tipo físico, as características psicológicas, as roupas, a maneira de andar, falar, devem obedecer um critério de identidade para que o leitor sinta a personagem profundamente.

A PROFESSORA

Um dia a professora organizou um passeio no campo, saímos cedo, levando comida, máquina de retrato e violão, que ela tocava bem. Depois do almoço, debaixo de uma paineira, ela pegou o violão e começou a cantar. Eu e Micuim tínhamos nos afastado para procurar gravatá, de longe ouvimos a voz. Paramos e ficamos escutando. Era bonito demais. Eu queria elogiar, mas fiquei na moita. Quando notei que Micuim também estava gostando, arrisquei:

– Bonita voz, hein?

– Linda – disse Micuim.

Desistimos dos gravatás e fomos nos chegando para a paineira. O ar limpo, o cheiro de campo, os passarinhos, a meninada sentada no chão em volta da professora, tudo isso me pegou de um jeito difícil de explicar, só sei que me senti muito feliz e com uma vontade forte de ficar perto da professora. Como quem não

quer nada, fui me imiscuindo, carambolando, forçando, até conseguir um lugar ao lado dela.

Vendo-a de perfil, notei que os olhos dela não eram feios, como pareciam atrás das lentes grossas dos óculos. Eram de uma cor entre cinza e azul, o que confirmei uma hora que ela tirou os óculos para enxugar os olhos. Quando repôs os óculos, olhou para mim e me reconheceu.

– Joaquim Maria! Que bom você estar aqui pertinho. Você tem um nome famoso. Não pode deixar esse nome cair.

Devo ter ficado corado, porque senti um calor nas orelhas. Isso acontecia sempre que uma mulher falava comigo. E as risadas dos colegas que estavam perto confirmaram que eu não estava normal. Ela pôs o braço em meu ombro e disse:

– Confio muito em você, Joaquim Maria.

Com o movimento de erguer o braço, ela espalhou para o meu lado um cheiro que eu nunca tinha sentido igual, cheiro de suor de mulher limpa. Nem sei o que respondi, acho que não respondi nada, fiquei só farejando aquele cheiro.

Mas o encantamento durou pouco. Ela pegou novamente o violão, que tinha ficado descansando no colo, e perguntou se alguém queria cantar. Umas meninas ensaiaram, não ficou a mesma coisa, fizeram uma cantoria sem graça, que parecia não ter fim. Uma hora lá o Micuim, que tinha conseguido chegar perto também, e que era mais despachado do que eu, disse que era melhor a professora cantar. Ela cantou mais umas duas músicas, uma que meu pai cantava às vezes, falava em luares brancos de prata, e enquanto ela cantava eu a olhei novamente de lado e decidi que era muito mais bonita que a moça que saltava do trapézio no circo e que tinha deixado saudades na meninada toda, chamava-se Solange Rosário, vendia retratos autografados nos intervalos do espetáculo, eu e meu irmão mais velho compramos um de sociedade, mas meu pai acabou tomando e escondendo ou rasgando, porque vivíamos brigando por causa dele.

(VEIGA, José J. *Dói mais que quebrar a perna*, **Apud** *Curso Básico de Redação*, **vol. 3, IBEP. Hermínio Sargentim, p. 27.).**

Note que ao montar as personagens, o autor deu a elas: ações, falas, pensamentos, sentimentos, características:

ações: **"ela pegou o violão, começou a cantar"**

falas: **"– Joaquim Maria! Que bom você está aqui pertinho. Você tem um nome famoso. Não pode deixar esse nome cair."**

sentimentos: **"... só sei que me senti muito feliz e com uma vontade forte de ficar perto da professora."**

características físicas e psicológicas: **"... notei que os olhos dela não eram feios, como pareciam atrás das lentes grossas dos óculos. Eram de uma cor entre cinza e azul, o que confirmei uma hora que ela tirou os óculos para enxugar os olhos."**

EXERCÍCIOS

1) Baseando-se no texto lido, crie uma situação em que você fique ao lado de uma personagem. Descreva-a física e psicologicamente, mostre suas falas, suas ações e o sentimento que ela desperta.

C) CRITÉRIOS DE SELEÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM EM BENEFÍCIO DA MENSAGEM:

Agora que criou sua personagem, a outra preocupação é escolher as descrições que levarão o leitor a perceber o rumo do texto, o propósito das descrições; pois não se faz à revelia todo um trabalho de composição, cada passagem deve ter sua justificativa.

Observe como o autor, no texto A professora, selecionou todos os detalhes a fim de que o leitor percebesse a atração que o aluno sentia pela professora:

"Eu e Micuim tínhamos nos afastado para procurar gravatá, de longe ouvimos a voz. Paramos e ficamos escutando. Era bonito demais."

"O ar limpo, cheiro de campo, os passarinhos, a meninada sentada no chão, em volta da professora, tudo isso me pegou de um jeito difícil de explicar, só sei que me senti muito feliz e com uma vontade forte de ficar perto da professora...".

"... notei que os olhos dela não eram feios, como pareciam atrás das lentes grossas dos óculos. Eram de uma cor entre cinza e azul...".

"Com o movimento de erguer o braço, ela espalhou para o meu lado um cheiro que eu nunca tinha sentido igual, cheiro de suor de mulher limpa (...) fiquei só farejando aquele cheiro."

"... enquanto ela cantava eu a olhei novamente de lado e decidi que era muito mais bonita que a moça que saltava do trapézio no circo e que tinha deixado saudades na meninada toda...".

Notou como todo o trabalho de descrição de ações, pensamentos, sentimentos e características remetem o leitor a perceber o envolvimento do narrador-personagem com a professora; a cada momento este envolvimento vai crescendo até o ponto dele esquecer o "primeiro amor".

Sendo assim, é importante saber que ao elaborar um texto descritivo, você precisa criar uma personagem com todas as características voltadas para a mensagem que pretende passar com o texto.

EXERCÍCIOS

1) **Faça duas descrições de personagens: uma linear e outra complexa. Não se esqueça de que os traços físicos ou psicológicos devem ter alguma influência na caracterização delas.**
2) **Elabore um texto com uma das personagens descritas, procure utilizar as descrições em benefício da mensagem desejada, fazendo com que o leitor gradativamente perceba o propósito do texto sem que você mostre de modo explícito.**

   Pode ser uma paixão, admiração ou mesmo ódio pela personagem; o importante é selecionar as descrições em benefício do propósito do texto.

CAPÍTULO 4

A DESCRIÇÃO DE AMBIENTE E PAISAGEM

Espaço **é o lugar físico onde se passa a ação narrativa, e** *ambiente* **é o espaço com características sociais, morais, psicológicas, religiosas, etc.**

Ao descrevermos um ambiente fechado, escuro, sujo, desarrumado, normalmente sugerimos um estado de angústia da personagem, ou solidão, ou desleixo... já lugares abertos, claros, coloridos, sugerem felicidade, harmonia, paz, amor...

Portanto o ambiente descrito em seu texto deverá fazer com que o leitor perceba o rumo da história.

"A Praça da Alegria apresentava um ar fúnebre. De um casebre miserável, de porta e janela, ouviam-se gemer os armadores enferrujados de uma rede e uma voz tísica e aflautada, de mulher, cantar em falsete a "gentil Carolina era bela", doutro lado da praça, uma preta velha, vergada por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, apregoava em tom muito arrastado e melancólico: "Fígado, rins e coração!" Era uma vendedeira de fatos de boi. As crianças nuas, com as perninhas tortas pelo costume de cavalgar as ilhargas maternas, as cabeças avermelhadas pelo sol, a pele crestada, os ventrezinhos amarelentos e crescidos, corriam e guinchavam, empinando papagaios de papel. Um ou outro branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua, suando, vermelho, afogueado, à sombra de um enorme chapéu-de-sol. Os cães, estendidos pelas calçadas, tinham uivos que pareciam gemidos humanos, movimentos irascíveis, mordiam o ar, querendo morder os mosquitos. Ao longe, para as bandas de São Pantaleão, ouvia-se apregoar: "Arroz de Veneza! Mangas! Macajubas!" Às esquinas, nas quitandas vazias, fermentava um cheiro acre de sabão da terra e aguardente. O quitandeiro, assentado sobre o balcão, cochilava a

sua preguiça morrinhenta, acariciando o seu imenso e espalmado pé descalço. Da Praia de Santo Antônio enchiam toda a cidade os sons invariáveis e monótonos de uma buzina, anunciando que os pescadores chegavam do mar; para lá convergiam, apressadas e cheias de interesse, as peixeiras, quase todas negras, muito gordas, o tabuleiro na cabeça, rebolando os grossos quadris trêmulos e as tetas opulentas."

(AZEVEDO, Aluísio de. *O Mulato*. **Apud** *Curso de Redação*, **Harbra. Jorge Miguel, p. 67.)**

Note como todas as descrições procuram mostrar para o leitor um ambiente em decadência, miserável, fúnebre:

"A praça da alegria apresentava um ar fúnebre, de um casebre miserável, de porta e janela, ouviam-se gemer os armadores enferrujados de uma rede ..."

"Os cães, estendidos pelas calçadas, tinham uivos que pareciam gemidos humanos..."

Leia este belo texto de Rubem Braga:

RECADO DE PRIMAVERA

Meu caro Vinícius de Moraes:

Escrevo-lhe aqui de Ipanema para lhe dar uma notícia grave: A Primavera chegou. Você partiu antes. É a primeira Primavera, de 1913 para cá, sem a sua participação. Seu nome virou placa de rua; e nessa rua, que tem seu nome na placa, vi ontem três garotas de Ipanema que usavam minissaias. Parece que a moda voltou nesta Primavera – acho que você aprovaria. O mar anda virado; houve uma Lestada muito forte, depois veio um Sudoeste com chuva e frio. E daqui de minha casa vejo uma vaga de espuma galgar o costão sul da Ilha das Palmas. São violências primaveris.

O sinal mais humilde da chegada da Primavera vi aqui junto de minha varanda. Um tico-tico com uma folhinha seca de capim no bico. Ele está fazendo ninho numa touceira de samambaia,

debaixo da pitangueira. Pouco depois vi que se aproximava, muito matreiro, um pássaro-preto, desses que chamam de chopim. Não trazia nada no bico; vinha apenas fiscalizar, saber se o outro já havia arrumado o ninho para ele pôr seus ovos.

Isto é uma história tão antiga que parece que só podia acontecer lá no fundo da roça, talvez no tempo do Império. Pois está acontecendo aqui em Ipanema, em minha casa, poeta. Acontecendo como a Primavera. Estive em Blumenau, onde há moitas de azaléias e manacás em flor; e em cada mocinha loira, uma esperança de Vera Fischer. Agora vou ao Maranhão, reino de Ferreira Gullar, cuja poesia você tanto amava, e que fez 50 anos. O tempo vai passando, poeta. Chega a Primavera nesta Ipanema, toda cheia de sua música e de seus versos. Eu ainda vou ficando um pouco por aqui – a vigiar, em seu nome, as ondas, os tico-ticos e as moças em flor. Adeus.

(BRAGA, Rubem. *Recado de Primavera*, **Record, setembro, 1980.)**

Note a beleza e precisão das descrições, veja como o autor apresenta a primavera:

"O mar anda virado; houve uma Lestada muito forte, depois veio um Sudoeste com chuva e frio. E daqui de minha casa vejo uma vaga de espuma galgar o costão sul da Ilha das Palmas. São violências primaveris."

"... ontem vi três garotas de Ipanema que usavam minissaias."

"O sinal mais humilde da chegada da primavera vi aqui junto de minha varanda. Um tico-tico com uma folhinha seca no bico. Ele está fazendo ninho numa touceira de samambaia, debaixo da pitangueira."

O autor Rubem Braga em nenhum momento usou *frases feitas* **para descrever a chegada da primavera:**

"Os botões de rosa se abrem", "O céu está mais azul". Preferiu trabalhar com o factual, com que estava vendo, mostrando que a simplicidade e originalidade são importantes no processo descritivo. Além disso, veja como realmente sentimos a chegada da primavera, como as descrições são pertinentes e como o final faz um belo arremate no texto.

EXERCÍCIOS

1) Elabore duas descrições de ambiente. Lembre-se de que a originalidade tornará seu texto mais bonito, evite frases feitas, comuns, repetições já desgastadas:
a) Um local triste, desolado, abandonado.
b) Um local alegre, festivo.

A) DESCRIÇÃO DE PAISAGEM

Além de aplicar os recursos estudados nas lições anteriores, você deverá ficar atento à perspectiva, à sua posição diante do objeto de sua descrição.

Um esquema o ajudará a trabalhar este tipo de descrição:

1º parágrafo: **Mostra-se a localização, ou outra referência de plano geral:**

"Era um belo jardim, aquele do casarão antigo."

2º e 3º parágrafos: **Mostra-se o elemento mais próximo do observador. Pode-se generalizar e depois se aproximar de um só elemento, ou ir detalhando por ordem.**

"Flores de todas as cores enfeitavam o terreno de terra preta, saudável. Nas laterais espinheiros cortados simetricamente em forma de arcos; no centro: crisântemos, lírios, rosas, dálias, uma infinidade de flores, e perdida entre elas pequenas violetas risonhas."

4º parágrafo: **Conclui-se mostrando a impressão que a paisagem causa em quem a vê.**

"Era de uma singeleza aquele jardim, adornava o velho casarão rústico, enchia-o de paz, acalmava o coração aflito de qualquer um que o contemplasse."

EXERCÍCIO

1) Seguindo o esquema dado, elabore uma descrição de uma paisagem de sua escolha. Como sugestão: o pôr-do-Sol, uma lagoa, uma floresta, montanhas, jardim ...

B) DESCRIÇÃO DE AMBIENTE: ESPAÇO FECHADO

Ao descrever um lugar fechado, um quarto, uma sala, uma frente de casa, usa-se o mesmo procedimento da descrição de paisagem. No entanto, é importante perceber que esta descrição deve ser gradativa e original para que o leitor acompanhe o objeto descrito, essa descrição se assemelha a uma filmagem onde se é levado a contemplar o objeto aos poucos.

"Cheguei a casa, abri a porta, estava uma desordem: jornais espalhados pelo chão, na mesa de centro um copo com um pouco de cerveja e bordas mordidas de pizzas num prato; na estante, coberta de pó, livros remexidos, um rádio-relógio piscando com a hora atrasada e uma xícara de café perdida entre portas-retratos."

Perceba: **ao entrar com o narrador na casa, nota-se toda a bagunça, a desordem, começando pelo chão, subindo para a mesa de centro, terminando na estante. Tem-se um panorama total da casa.**

Observe a bela descrição de uma casa:

"Encosto a cara na noite e vejo a casa antiga. Os móveis estão arrumados em círculo, favorecendo as conversas amenas, é uma sala de visitas. O canapé, peça maior. O espelho. A mesa redonda com o lampião aceso desenhando uma segunda mesa de luz dentro da outra. Os quadros ingenuamente pretensiosos, não há afetação nos móveis, mas os quadros têm aspirações de grandeza nas gravuras de mulheres imponentes (rainhas?) entre pavões e escravos transbordando até o ouro purpurino das molduras. Volto ao canapé de curvas mansas, os braços abertos sugerindo cabelos desatados. Espreguiçamento. Mas as almofadas são exemplares, empertigadas no encosto de palhinha gasta. Na almofada menor está bordada uma guirlanda azul.

O mesmo desenho de guirlandas desbotadas no papel sépia da parede. A estante envidraçada, alguns livros e vagos objetos nas prateleiras penumbrosas." (TELLES, Lygia Fagundes. Ap. *Missa do Galo*. **São Paulo, Summus, 1977.)**

Note que neste caso não há uma enumeração em ordem lógica dos objetos descritos, pois como o texto trata-se de uma recordação, as imagens vão surgindo conforme as lembranças do narrador, dando maior veracidade ao texto.

EXERCÍCIOS

1) Faça duas descrições:
a) um quarto de um garota
b) um quarto de uma empregada doméstica

2) Baseando-se no texto de Lygia Fagundes Telles, faça uma descrição de uma casa ou cidade onde você esteve há muito tempo. Mostre suas recordações das pessoas, do lugar em geral.

3) Elabore um texto em que você volta para uma cidade em que morou quando jovem. Mostre como era e como está agora e o que tudo isso provoca em você.

C) DESCRIÇÃO DE CENA

Conhecida também como descrição dinâmica ou animada, esse tipo é muito semelhante à narração; pois inclui pessoas, animais, veículos em ação.

"O guarda-noturno caminha com delicadeza, para não assustar, para não acordar ninguém. Lá vão seus passos vagarosos, cadenciados, cosendo a sua sombra com a pedra da calçada."
("O anjo da noite". Apud Magda Soares, *Novo português através de textos*, **p. 40, A DESCRIÇÃO.)**

O texto, além de belíssimo, mostra uma perfeita descrição de cena, detalhadamente vai retratando o andar macio do guarda-noturno.

FUNERAL

"Uma cena me ficou na memória com uma nitidez inapagável. Parado no meio-fio duma calçada, no Passo de la Reforma, vejo passar o enterro de um bombeiro que se suicidou. Os tambores, cobertos de crepe, estão abafados e soam surdos. Não se ouve sequer um toque de clarim. Atrás dos tambores marcham alguns pelotões. Os soldados de uniforme negro, gola carmesim, crepe no braço, marcham em cadenciado silêncio. E sobre um carro coberto de preto está o esquife cinzento envolto na bandeira mexicana.

Plan-rata-plan! Plan-rata-plan! Lá se vai o cortejo rumo do cemitério. Haverá outro país no mundo em que um velório seja mais velório, um enterro mais enterro, e a morte mais morte?

Plan-rata-plan! Adeus bombeiro. Nunca te vi. Teu nome não sei. Mas me será difícil, impossível esquecer o teu funeral. Plan-rat-plan!"

(VERÍSSIMO, Érico. *México*, **apud J. F. Miranda,** *Arquitetura da redação*.**)**

O autor, neste fragmento, mostra, como se estivesse parado, a passagem de um enterro; perceba como a cena passa em seus mínimos detalhes.

EXERCÍCIOS

1) **Descreva um quarto de adolescente, entre no quarto, dê um panorama geral, em seguida detalhe esse panorama, procure dar uma ordem lógica para sua descrição.**

2) **Elabore um texto descritivo em que você se lembra de algum lugar que lhe foi muito marcante. Lembre-se de mostrar suas impressões sobre o lugar, não há necessidade de uma ordem nas enumerações, porém procure enumerar de modo consciente para que o leitor percebe sua intenção.**

3) **Descreva uma cena de assalto no centro da cidade.**

4) **Descreva uma saída de escola.**

5) **Descreva um dia de chuva no campo visto pela janela da casa.**

PROPOSTAS DE REDAÇÃO
DESCRIÇÃO

1) Elabore uma definição, uma descrição objetiva e uma subjetiva de um lápis e um relógio.

2) Complete as frases, formando um parágrafo descrito:
   a) era tão bonita
   b) não era muito bonita
   c) tinha um físico atlético
   d) era mau-caráter.

3) Redija os seguintes anúncios usando os processos descritivos estudados:
   a) vendendo um vestido de noiva
   b) um carro
   c) uma fazenda com casa e piscina.

4) Observe a foto e descreva as cenas:

5) Descreva um intervalo na escola.

6) Depois de muitos anos você volta para o colégio em que estudara quando criança. A sala está vazia, porém suas lembranças aos poucos vão trazendo de volta os amigos, professores, cadeiras, lousa, janelas, cortinas.... descreva este momento.

7) Identifique os objetos descritos:
   a) máquina frigorífica adaptada a uma espécie de armário onde se produz gelo, sorvetes, e onde se conservam alimentos, etc.
   b) instrumento com lentes que amplificam os objetos distantes do observador e que lhe permitem uma visão nítida dos mesmos.
   c) veículo de duas rodas, sendo a traseira acionada por um sistema de pedais que movimentam uma corrente transmissora.

8) Faça descrições de objetos:
   a) uma tesoura
   b) um avião

9) a) Imagine dois estudantes: o primeiro possui agenda, onde marca direitinho todos os seus compromissos, escolares ou não. Nunca esquece seu material para as aulas. Seus livros e cadernos são encapados, possuem etiquetas com seu nome, número e série. Não há nada rabiscado ou amassado. O segundo é justamente o contrário: anota telefones de amigos e compromissos escolares em papeizinhos soltos, nas páginas de cadernos e livros (seus ou não). Está sempre procurando alguma coisa perdida.
   Anote em seu caderno outras características que você imaginar sobre estas duas personagens.
   b) Agora, imagine os quartos do primeiro e do segundo estudante. Faça uma lista das características e selecione as que achar mais importantes para dar a idéia do modo de ser de cada um.
   c) Escreva um parágrafo mostrando cada quarto.

10) Os dois estudantes do exercício anterior se conhecem. Por algum motivo, ficam muito amigos. Um dia, um vai visitar o outro.

Escreva dois parágrafos diferentes:

a) O estudante organizado descreve o quarto do estudante desorganizado.

b) O estudante desorganizado descreve o quarto do estudante organizado.

Mostre ao leitor as possíveis sensações e julgamentos que um estudante tem em relação ao quarto do outro.

A DESCRIÇÃO NO VESTIBULAR

11) Elabore textos descritivos seguindo as orientações:

a) (Faap-SP) – Redija um texto em prosa sobre o seguinte tema: "E o mundo ficou mais triste..."

b) (Fuvest) – Suponha que você foi surpreendentemente convidado para uma festa de pessoas que mal conhece. Conte, num texto em prosa, o que teria ocorrido, imaginando também os pormenores da situação. Não deixe de transmitir suas possível reflexões e impressões. Evite expressões desgastadas e idéias prontas.

c) (Unesp) – "Crianças na rua."

d) (ITA-SP) – "A natureza esquecida."

e) (Cesesp-PE) – "O dinheiro não compra tudo."

f) (PUC-MG) – Faça uma redação com o seguinte título: "Fim de festa".

g) (FASP) – Faça uma descrição, em prosa, em aproximadamente 20 linhas sobre o tema: "O dia-a-dia do paulistano". (*Observação:* se você não for paulistano, adapte o tema à sua realidade.)

h) (PUCCAMP) – A primeira frase da sua redação é: "Abriu os olhos e não conseguiu acreditar no que via". Continue a redação.

i) (FATEC) – Uma praça, quase garagem ao ar livre. Árvores. Três prédios. Encostado ao do meio, um grupo de mendigos. Ali é seu ponto, seu pouso, seu repertório.

Você tem que ir a um dos prédios e o caminho mais curto é rente aos mendigos.

Escreva o que passa pela mente: misto de revolta contra a sociedade, de medo de se envolver, de solidariedade, de repugnância, de dó.

12) Faça uma descrição emotiva da cena abaixo.

13) Elabore um texto predominantemente descritivo baseando-se na imagem abaixo.

UNIDADE 4: A NARRAÇÃO

CAPÍTULO 1

A TÉCNICA NARRATIVA

"Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra."

Tradição popular

A narração é uma forma de composição de textos que consiste em relatar fatos ou acontecimentos com determinados personagens em local e tempo definidos.

DOMINGO NO PARQUE

O rei da brincadeira – ê José
O rei da confusão – ê João
Um trabalha na feira – ê José
Outro na construção – ê João

A semana passada, no fim da semana,
João resolveu não brigar.
No domingo de tarde saiu apressado
E não foi pra Ribeira jogar
Capoeira.
Não foi pra lá, pra Ribeira,
Foi namorar.

O José, como sempre, no fim de semana
Guardou a barraca e sumiu.
Foi fazer, no domingo, um passeio no parque,
Lá perto da Boca do rio.
Foi no parque que ele avistou
Juliana,

Foi que ele viu
Juliana na roda com João,
Uma rosa e um sorvete na mão.
Juliana, seu sonho, uma ilusão.
Juliana e o amigo João.

O espinho da rosa feriu Zé
E o sorvete gelou seu coração.
O sorvete e a rosa – ê José
A rosa e o sorvete – ê José
Oi dançando no peito – ê José
Do José brincalhão – ê José
O sorvete e a rosa – ê José
A rosa e o sorvete – ê José
Oi girando na mente – ê José
Do José brincalhão – ê José

Juliana girando – oi girando
Oi na roda-gigante – oi girando
Oi na roda-gigante – oi girando
O amigo João – oi João
O sorvete é morango – é vermelho
Oi girando e a rosa – é vermelha
Oi girando, girando – é vermelha
Oi girando, girando – olha a faca
Olha o sangue na mão – ê José
Juliana no chão – ê José
Outro corpo caído – ê José
Seu amigo João – ê José

Amanhã não tem feira – ê José
Não tem mais construção – ê João
Não tem mais brincadeira – ê José
Não tem mais confusão – ê João."

Como podemos observar, o texto acima é um exemplo claro e bem-feito de um texto narrativo. Logo na primeira estrofe, o autor apresenta as personagens envolvidas e suas características básicas. Em seguida mostra o tempo, o local e os fatos:

Personagens:

José: sujeito brincalhão, trabalhava na feira, nos finais de semana costumava ir ao parque encontrar sua namorada Juliana para se divertir.

João: sujeito briguento, sempre arrumava confusão. Trabalhava na construção civil, costumava ir à Ribeira jogar capoeira.

Tempo: **um domingo.**

Local: **um parque de diversões perto da Boca do rio.**

Fatos: **João no final de semana resolveu não brigar, saiu apressado e foi para o parque namorar.**

José, como sempre, foi ao parque encontrar-se com sua namorada Juliana. Chegando, assustou-se: sua namorada Juliana e seu amigo João de mãos dadas namorando.

Aquela cena deixou José indignado e nervoso. Tomado pela emoção e raiva pegou uma faca e matou a namorada e o amigo.

Uma história trágica, porém contada com muita delicadeza e poesia por Gilberto Gil, que por meio de metáforas entre sorvete, rosa, morango e sangue relatou um belo drama.

EXERCÍCIOS

Leia o texto abaixo:

UM HOMEM DE CONSCIÊNCIA

Chamava-se João Teodoro, só. O mais pacato e modesto dos homens. Honestíssimo e lealíssimo, com um defeito apenas: não dar o mínimo valor a si próprio. Para João Teodoro, a coisa de menos importância no mundo era João Teodoro.

Nunca fora nada na vida, nem admitia a hipótese de vir a ser alguma coisa. E por muito tempo não quis nem sequer o que todos ali queriam: mudar-se para terra melhor.

Mas João Teodoro acompanhava com aperto de coração o deperecimento sensível de sua Itaoca.

– Isto já foi muito melhor, dizia consigo. Já teve três médicos bem bons – agora só um e bem ruinzote. Já teve seis advogados e hoje não dá serviço para um rábula ordinário como o Tenório. Nem circo de cavalinhos bate mais por aqui. A gente que presta se muda. Fica o restolho. Decididamente, a minha Itaoca está-se acabando...

João Teodoro entrou a incubar a idéia de também mudar-se, mas para isso necessitava dum fato qualquer que o convencesse de maneira absoluta de que Itaoca não tinha mesmo conserto ou arranjo possível.

– É isso, deliberou lá por dentro. Quando eu verificar que tudo está perdido, que Itaoca não vale mais nada de nada, então arrumo a trouxa e boto-me fora daqui.

Um dia aconteceu a grande novidade: a nomeação de João Teodoro para delegado. Nosso homem recebeu a notícia como se fosse uma cacetada no crânio. Delegado, ele! Ele que não era nada, nunca fora nada, não queria ser nada, não se julgava capaz de nada...

Ser delegado numa cidadezinha daquelas é coisa seriíssima. Não há cargo mais importante. É o homem que prende os outros, que solta, que manda dar sovas, que vai à capital falar com o governo. Uma coisa colossal ser delegado – e estava ele, João Teodoro, de-le-ga-do de Itaoca!...

João Teodoro caiu em meditação profunda. Passou a noite em claro, pensando e arrumando as malas. Pela madrugada botou-as num burro, montou no seu cavalinho magro e partiu.

Antes de deixar a cidade foi visto por um amigo madrugador.

– Que é isso, João? Para onde se atira tão cedo, assim de armas e bagagens?

– Vou-me embora; respondeu o retirante. Verifiquei que Itaoca chegou mesmo ao fim.

– Mas, como? Agora que você está delegado?

– Justamente por isso. Terra em que João Teodoro chega a delegado, eu não moro. Adeus.

E sumiu.

(LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. **7ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1956, p. 185-6.)**

1) Faça a seguinte divisão:
   a) Mostre o trecho em que o autor apresenta a personagem.
   b) Caracterize a personagem.
   c) Descreva o local em que se desenrolam os fatos.
   d) Faça um relato dos fatos desta história.

2) Elabore uma narrativa em que suas personagens disputem algo. Esta história deve ocorrer em local e tempo determinados pelo narrador.

CAPÍTULO 2

O NARRADOR

Ao produzir um texto, você poderá fazê-lo de duas maneiras diferentes, contar uma história em que você participa ou contar uma história que ocorreu com outra pessoa. Essa decisão determinará o tipo de narrador a ser utilizado em seu texto.

NARRADOR EM 1ª PESSOA: **Conhecido também por narrador-personagem, é aquele que participa da ação. ....**

Pode ser protagonista quando personagem principal da história, ou pode ser alguém que presenciou o fato, estando no mesmo local.

Exemplo: *Narrador-protagonista*.

"Era noite, voltava sozinho para casa, o frio estava insuportável, não havia ninguém naquela rua sombria, ouvi um barulho estranho no muro ao lado, assustei-me..."

Exemplo: *Narrador 1ª pessoa*

"Estava debruçado em minha janela quando vejo na esquina um garoto magro roubando a carteira de um pobre velho..."

NARRADOR EM 3ª PESSOA: **Conhecido também por narrador-observador, é aquele que não participa da ação.**

"João estava voltando para casa, à noite, sozinho, quando ouviu, próximo ao muro, um barulho estranho."

EXERCÍCIOS

1) Indique o tipo de narrador dos textos a seguir:
   a) Alguns homens aparecem na porta do restaurante com suas esposas.
   b) No meio do caminho resolvi parar, sentia-me mal, provavelmente por causa do peixe que comi no almoço.
   c) O menino foi abrindo o caminho com um pedaço de ferro.
   d) Quando cheguei dei de cara com minha mãe na sala.

2) Passe para narrador-personagem:
   "De madrugada o homem acordou com a chuva castigando o telhado de zinco do seu barraco. Rolou na cama, virou pro lado, fingiu que não era com ele. Mas não tinha jeito de dormir. Experiente, o homem sabia que aquela chuva grossa e insistente era com ele mesmo."

3) Elabore um parágrafo com narrador-observador (3ª pessoa), seguindo a orientação:
   Um rapaz tentando pegar sua bola que caiu no quintal do vizinho. Este é muito nervoso e tem um cachorro que adora morder bolas e dono de bolas.

CAPÍTULO 3

O DISCURSO

Para relatar as falas e os pensamentos das personagens, o narrador pode usar o discurso direto, o indireto e o indireto-livre.

A) DISCURSO DIRETO

O narrador reproduz exatamente o que a personagem falou. Exemplos:

O professor chamou Joãozinho e perguntou:
– Você sabe por que Napoleão perdeu a guerra?

A mãe olhou para o filho e disse:
– Coma essa sopa logo.

B) DISCURSO DIRETO E OS VERBOS DE ELOCUÇÃO

Normalmente, o discurso direto é marcado pela presença dos verbos de elocução, para indicar a pessoa e o modo como falou.

A garota aproximou-se do namorado e perguntou:
– Quem era aquela menina com quem você estava conversando no intervalo?
O namorado retrucou:
– Deixe de ser ciumenta. Será que não posso conversar com ninguém?

Esses verbos podem ser usados depois ou antes do enunciado, ou ainda intercalados nele. Dependendo da escolha, mudará a pontuação.

Observe:
1ª posição – *antes da fala* **– separa-se por dois pontos:**
O professor chamou Pedrinho e perguntou:
– Você trouxe o trabalho hoje?

2ª posição – *depois da fala* **– separa-se por vírgula ou travessão:**
– É lógico que gosto de você, disse-me beijando a testa.

3ª posição – *intercalada* **– separa-se por vírgula ou travessão.**
– E quer saber, continuou ela, eu não vivo sem você.

IMPORTANTE:

Ao escrever, você deverá escolher o verbo de elocução que melhor caracterize a fala da personagem. Sendo assim, seu texto será mais preciso.

Veja alguns verbos de elocução:

dizer, perguntar, responder, exclamar, pedir, aconselhar, ordenar.

Observe, agora, outros mais específicos:

afirmar, declarar, indagar, interrogar, retrucar, replicar, negar, questionar, objetar, gritar, rogar, sussurrar, murmurar, balbuciar, cochichar, segredar, esclarecer, sugerir, solucionar, comentar, propor, convidar, cumprimentar, repetir, estranhar, insistir, prosseguir, acrescentar, concordar, consentir, anuir, intervir, repetir, berrar, protestar, contrapor, desculpar, justificar-se, rir, sorrir, gargalhar, chorar, choramingar...

OBSERVAÇÃO:

O uso dos verbos de elocução não é obrigatório, podendo o narrador omiti-lo com o propósito de deixar o texto mais dinâmico.

CONVERSINHA MINEIRA

– É bom mesmo o cafezinho daqui, meu amigo?
– Sei dizer não senhor; não tomo café.
– Você é o dono do café, não sabe dizer?

– Ninguém tem reclamado dele não senhor.
– Então me dá café com leite, pão e manteiga.
– Café com leite só se for sem leite.
– Não tem leite?
– Hoje, não senhor.
– Por que hoje não?
– Porque hoje o leiteiro não veio.
– Ontem ele veio?
– Ontem não.
– Quando é que ele vem?
– Não tem dia certo não senhor. Às vezes vem, às vezes não vem. Só que no dia que devia vir, não vem.
– Mas ali fora está escrito "Leiteria"!
– Ah, isto está, sim senhor.
– Quando é que tem leite?
– Quando o leiteiro vem.

(Fernando Sabino)

C) DISCURSO INDIRETO

O narrador transmite com suas próprias palavras a fala da personagem.

"O professor chamou Joãozinho e perguntou se ele sabia por que Napoleão havia perdido a guerra."

"A mãe olhou para o filho e disse para que ele comesse a sopa logo..."

D) TROCANDO OS DISCURSOS

Ao passar do discurso direto para o discurso indireto, ou vice-versa, deve-se efetuar algumas modificações:

a) Discurso direto – primeira pessoa
Eles perguntaram: – *O que devemos fazer?*
Discurso indireto – terceira pessoa
Eles perguntaram *o que deviam fazer.*

b) Discurso direto – imperativo
O professor pediu – *Venham ao quadro.*
Discurso indireto – pretérito imperfeito do subjuntivo
O professor pediu *que fôssemos ao quadro.*

c) Discurso direto – futuro do presente
A mãe comentou – *Com calma, ganhará o presente.*
Discurso indireto – futuro do pretérito
A mãe comentou que *com calma, ganharia o presente.*

d) Discurso direto – presente do indicativo
Ele disse – *Eu escrevo a carta.*
Discurso indireto – pretérito imperfeito do indicativo
Ele disse que *escrevia a carta.*

e) Discurso direto – pretérito perfeito
Ele comentou – *Não gostei daquele filme.*
Discurso indireto – pretérito mais-que-perfeito.
Ele comentou *que não gostara do filme.*

E) DISCURSO INDIRETO-LIVRE

Emprega-se o discurso indireto-livre para transmitir a fala interior da personagem; esta fala às vezes vem "misturada" à fala do narrador.

Para que ocorra o discurso indireto-livre são necessárias três condições:

a) Narrador em 3ª pessoa.

b) Devem ser omitidos os verbos de elocução (disse que, pensou que...)

c) O narrador deve mostrar o que se passa na consciência da personagem.

Exemplos:

"Ele continuou a caminhar, mas sua vontade era voltar, pedir para que sua amada o perdoasse, para viverem como era antes.

O coração batia forte. *Com medo? Mas era uma briguinha tola sem maiores conseqüências*.**"**

Note que as primeiras frases pertencem ao narrador, no entanto as segundas são da personagem; entretanto, não há palavras que indiquem esta mudança, somente o contexto permite observá-la.

Esse recurso torna a narrativa mais rápida e fluente, mostrando também o domínio que o narrador possui sobre sua personagem.

EXERCÍCIOS
TIPOS DE DISCURSO

1) Passe as frases para o discurso indireto:
   a) Ele reclamou: – Devolva meu presente!
   b) O chefe disse: – Fiquem tranqüilos, tudo acabará bem.
   c) A filha respondeu à mãe: – Irei voltar tarde hoje.
   d) A moça questionou: – E se nada der certo?
   e) O rapaz confirmou: – Amanhã seria o último dia, mas o prazo foi prorrogado.
   f) O professor perguntou: – Quem escondeu o lápis de João?
   g) A namorada reclamou: –Não posso ficar mais, meu pai não gosta que chego tarde.

2) Passe para o discurso direto:
   a) Ela me disse que precisava ir embora cedo.
   b) O médico indagou por que não trouxeram o paciente antes para a sala de cirurgia.
   c) O rapaz afirmou que já era tarde e que, se não se apressasse perderia o horário do vôo.
   d) A professora pediu às crianças que entrassem, pois a chuva já começara a cair.
   e) Ele garantiu-me que aquela manobra tinha sido necessária.
   f) O policial perguntou quem era a testemunha do assalto.
   g) A menina pediu que não a deixassem sozinha naquela casa escura.

3) Grife as passagens que apresentarem discurso indireto-livre:
   "Nesse ponto as idéias de Sinhá Vitória seguiram o outro caminho, que pouco depois foi desembocar no primeiro. Não era

que a raposa tinha passado no rabo a galinha pedrês? Logo a pedrês, a mais gorda. Decidiu armar um mundéu perto do poleiro. Encolerizou-se. A raposa pagaria a galinha pedrês. Ladrona! Pouco a pouco a zanga se transferiu. Os roncos de Fabiano eram insuportáveis, não havia homem que roncasse tanto." (*Vidas Secas,*** **Graciliano Ramos)**

4) Insira no texto, a seguir, o discurso indireto-livre:
"O rapaz foi ao encontro marcado mais cedo do que a hora combinada, estava ansioso para conhecer a garota que apenas conversara por telefone. Achou a situação engraçada, nunca marcara encontro com quem não conhecia fisicamente. Parecia que os quinze minutos que chegou adiantado não passavam, andava de um lado para o outro, cada moça que aparecia era um frio na barriga."

5) Conte a história a seguir de duas formas diferentes:
a) com discurso direto e com verbos de elocução
b) com discurso indireto

6) Imagine como deve ter sido o diálogo entre Pedrinho e a Professora. Reproduza-o:

7) Leia a história abaixo, e em seguida reescreva-a em 3ª pessoa usando, também, o discurso indireto-livre. Faça as alterações necessárias.

NINGUÉM

A rua estava fria. Era sábado ao anoitecer mas eu estava chegando e não saindo. Passei no bar e comprei um maço de cigarros. Vinte cigarros. Eram os vinte amigos que iam passar a noite comigo.

A porta se fechou como uma despedida para a rua. Mas a porta sempre se fechava assim. Ela se fechou com um som abafado e rouco. Mas era sempre assim que ela se fechava. Um som que parecia o adeus de um condenado. Mas a porta simplesmente se fechara e ela sempre se fechava assim. Todos os dias ela se fechava assim.

Acender o fogo, esquentar o arroz, fritar um ovo. A gordura estala e espirra ferindo minhas mãos. A comida estava boa. Estava realmente boa, embora tenha ficado quase a metade no prato. Havia uma casquinha de ovo e pensei em pedir-me desculpas por isso. Sorri com esse pensamento. Acho que sorri. Devo ter sorrido. Era só uma casquinha.

Busquei no silêncio da copa algum inseto mas eles já haviam todos adormecido para a manhã de domingo. Então eu falei em voz alta. Precisava ouvir alguma coisa e falei em voz alta. Foi só uma frase banal. Se houvesse alguém perto diria que eu estava ficando doido. Eu sorriria. Mas não havia ninguém. Eu podia dizer o

que quisesse. Não havia ninguém para me ouvir. Eu podia rolar no chão, ficar nu, arrancar os cabelos, gemer, chorar, soluçar, perder a fala, não havia ninguém para me ver. Ninguém para me ouvir. Não havia ninguém. Eu podia até morrer.

De manhã o padeiro me perguntou se estava tudo bom. Eu sorri e disse que estava. Na rua o vizinho me perguntou se estava tudo certo. Eu disse que sim e sorri. Também meu patrão me perguntou e eu sorrindo disse que sim. Veio a tarde e meu primo me perguntou se estava tudo em paz e eu sorri dizendo que estava. Depois uma conhecida me perguntou se estava tudo azul e eu sorri e disse que sim, estava, tudo azul.

(VILELA, Luiz. *Tremor de terra*. **4ª ed. São Paulo, Ática, 1977, p. 93.)**

CAPÍTULO 4

NÍVEIS DE LINGUAGEM

Leia esta tira:

Observe como o autor conseguiu um efeito humorístico alternando o nível de linguagem nos quadrinhos; nos dois primeiros, a linguagem usada apresenta um nível formal, seguindo a norma culta; já no último, o nível de linguagem é informal, semelhante a gírias usadas diariamente. Podemos, então, definir os níveis de linguagem da seguinte maneira:

Linguagem formal: **É aquela que se caracteriza pela correção gramatical, riqueza de vocabulário, com ausência de gírias e termos regionais.**

Linguagem informal: **É aquela que se caracteriza pela liberdade de expressão, sem convenções gramaticais. Esse tipo de linguagem geralmente apresenta diminutivos e aumentativos com sentido afetivo ou pejorativo; apresenta gírias, regionalismos, vícios lingüísticos e termos usados no dia-a-dia.**

Ambos os níveis são corretos nas circunstâncias adequadas. O autor, ao trabalhar o texto, deverá adequar a linguagem à personagem para que o texto seja verossímil, isto é, parecido com a realidade.

Observe este exemplo:

"O rapaz é posto para depor, o delegado olha-o com firmeza e pergunta:

– O Senhor confessa que estava promovendo badernas no bar?

– Não dotô, nóis tava bebendo uns birinaiti, até qui o dono dissi qui tava na hora di fechá o istabelicimento, então nóis reclamamu e ele cumeçô a jogá água nu chão e molhô os pacote di pão qui eu ia levá prá patroa, fiquei invocado i dei uns catiripapo nu vagabundo. Mas di leve.

– Como o senhor alega que a agressão foi, foi... 'de leve', o dono do bar apresentou muitos hematomas no rosto?

– Ema o quê?

– Hematomas, escoriações, ferimentos..."

Veja que o narrador usou linguagem formal, *ele sempre se utilizará dela*. **Já as personagens usam a linguagem devida. Perceba que o delegado usou linguagem formal e o rapaz usou a linguagem informal para que o texto seja o mais próximo possível da realidade.**

EXERCÍCIOS

1) **Procure nos jornais** *Folha de São Paulo* **e** *Notícias Populares*, **que pertencem à mesma empresa, duas notícias do mesmo assunto. Indique qual jornal apresenta linguagem formal e qual apresenta linguagem informal. Explique o porquê do uso diferente do nível de linguagem para cada jornal.**

2) **Elabore uma narração em terceira pessoa com discurso direto envolvendo personagens que utilizam níveis de linguagem diferentes.**

3) **Escreva uma carta declarando o seu amor que há tempos você escondia. Não assine seu nome, porém deixe pistas descritivas a seu respeito.**

4) **Escreva uma carta ao diretor do colégio, solicitando uma sala para que seja montado o Grêmio Recreativo Alunos Unidos.**

CAPÍTULO 5

O TEMPO NA NARRATIVA

Uma história deve se passar num determinado tempo que pode ser cronológico ou psicológico.

Tempo cronológico **é aquele marcado pelo relógio ou pela contagem dos dias, semanas, meses, anos.**

"Acordei mais cedo no feriado, minha esposa viajara e levara meus filhos, fiquei só. Peguei meu chinelo velho que ela insistia em jogar fora, sentei na poltrona; acendi o cachimbo, ninguém iria reclamar do cheiro, abri o jornal, li-o em paz. Foi minha melhor manhã de feriado."

Tempo psicológico **não é marcado por nenhuma unidade de tempo, pois refere-se ao mundo interior da personagem, às suas lembranças, divagações.**

"É com alegria que me lembro do antigo colégio, das estripulias, dos amigos, dos professores, do diretor...

Felipo era o meu grande amigo, paquerador emérito, conquistava todas as garotas que desejava. Eu era tímido, calado; deliciava-me com as conquistas dele. Tinha também Juliana, meu primeiro amor, secreto, dolorido; beijava-a todas as noites silenciosas, todos os dias de chuva; bastava estar só e lá aparecia o rosto branco e suave de Juliana. Na classe os cabelos encaracolados emaranhavam minha visão, ficava perdido olhando-a, até o professor me chamar e eu tomar um belo susto e servir de alvo para as brincadeiras dos colegas.

Meu apelido era Da Lua, achavam-me distraído. Mas não era; apenas sonhava com Juliana..."

Veja o belo texto de Rubem Braga, note como o tempo é trabalhado:

O PADEIRO

Rubem Braga

Levanto cedo, faço minhas abluções, ponho a chaleira no fogo para fazer café e abro a porta do apartamento – mas não encontro o pão costumeiro. No mesmo instante me lembro de ter lido alguma coisa nos jornais da véspera sobre a "greve do pão dormido". De resto não é bem uma greve, é um *lock-out*, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que obrigando o povo a tomar seu café da manhã com pão dormido conseguirão não sei bem o quê do governo.

Está bem. Tomo o meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:

– Não é ninguém, é o padeiro!

Interroguei-o uma vez: como tivera a idéia de gritar aquilo?

"Então você não é ninguém?"

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era; e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: "não é ninguém, não senhora, é o padeiro". Assim ficara sabendo que não era ninguém...

(*Para gostar de ler*. São Paulo, Ática, 1984, v. 1, p. 63-64.)

Observe como o autor trabalhou as duas formas básicas de tempo:

Cronológico: **"Levanto cedo, faço minhas abluções, ponho a chaleira no fogo... e abro a porta."**

As ações da personagem estão no presente, retratando as realizações neste espaço de tempo.

Psicológico: **"E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas para não incomodar os moradores, avisava gritando:**

– Não é ninguém, é o padeiro!"

As ações são retiradas da lembrança do narrador-personagem, num tempo qualquer.

EXERCÍCIOS

1) Elabore um texto narrativo seguindo as orientações:

a – Localize os fatos num tempo definido.

b – Empregue ações cuja sucessão marquem a passagem do tempo.

c – Enfatize a idéia de que o tempo é importante, que a personagem depende dele para realizar algo.

d – Por exemplo, a personagem deve saldar uma dívida num prazo de tempo pequeno estipulado pelo cobrador, caso não saldá-la, correrá risco de vida. Conte as peripécias da personagem para resolver o problema, faça um final surpreendente.

2) Numa linguagem afetiva, faça um texto em que uma personagem idosa, em uma cadeira de rodas, relembra a juventude, ou um fato marcante da juventude. Não use data específica, comece seu texto narrando o momento presente e aos poucos relembrando o passado.

3) Crie uma história em que se misturem tempos cronológicos e psicológicos.

CAPÍTULO 6

ENREDO

Enredo é uma seqüência de fatos ordenados.

Para que seu texto tenha sentido, você deverá organizar a ordem dos acontecimentos em sua história.

Observe esta seqüência de fatos, perceba como a ordem lógica dos fatos ajuda a entender melhor o texto.

O Homem Nu

Fernando Sabino

Ao acordar, disse para a mulher:

– Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

– Explique isso ao homem – ponderou a mulher.

– Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar – amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

– Maria! Abre aí, Maria. Sou eu – chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, *era* o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço de escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

– Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um *ballet* grotesco e mal-ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão. Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

– Ah, isso é que não! – diz o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime de Terror!

– Isso é que não – repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão de seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: "Emergência: parar." Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada

de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

– Maria! Abre esta porta! – gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si. Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

– Bom dia, minha senhora – disse ele, confuso. – Imagine que eu...

A velha, estarrecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

– Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

– Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

– É um tarado!

– Olha, que horror!

– Não olha não! Já para dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

– Deve ser a polícia – disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

(SABINO, Fernando. *O Homem Nu*. 24ª ed.
Rio de Janeiro, Record, 1984. p. 65-8.)

ANÁLISE DO ENREDO

O autor introduz a história já com um problema: a visita do cobrador. A personagem principal pede à mulher para não abrir a porta em hipótese nenhuma, para ninguém.

Despiu-se e foi ao banheiro tomar banho, no entanto a mulher entrara antes e se trancara. A personagem, então, resolve fazer o café; e, nu, vai à área de serviço do lado de fora pegar o pão e a porta se tranca por dentro.

Note que a seqüência lógica dos fatos não deixa a história absurda, tudo que ocorreu é possível.

Lá fora a personagem passa por difíceis situações para não ser vista nua. Todas as situações são verossímeis.

Descoberta por uma senhora, que assustada liga para a polícia, a personagem consegue desesperadamente entrar em sua casa. Restabelecida a ordem, alguém toca a campainha; a personagem abre achando que era a polícia e dá de cara com o cobrador.

Você deve ter percebido que a seqüência lógica dos fatos tornou a história "verdadeira" e interessante, com a personagem passando a todo instante por acontecimentos complicados, e terminando por fim de maneira surpreendente.

a) Estrutura do Enredo

Toda história tem um princípio (introdução), um meio (desenvolvimento) e um fim (desfecho).

Introdução: **o autor apresenta: a idéia principal, as personagens, o lugar aonde vai ocorrer os fatos.**

Desenvolvimento: **é a parte mais importante do enredo, é nele que o autor detalha a idéia principal.**

O desenvolvimento é dividido em duas partes:

Complicação: **quando há uma ligação entre os fatos levando a personagem a um conflito, situação complicada.**

Clímax: **é o momento mais importante da narrativa, a situação chega em seu momento crítico e precisa ser resolvida.**

Desfecho: **é a parte final, a conclusão. Nessa parte o autor soluciona todos os conflitos, podendo levar a narrativa para um final feliz, trágico ou ainda sem um desfecho definido, deixando as conclusões para o leitor.**

EXERCÍCIOS

1) Faça a estruturação do enredo do texto "O Homem Nu":

a) introdução:

b) desenvolvimento (complicação e clímax):

c) desfecho:

2) Elabore uma narrativa em que a personagem passe por momentos delicados e sucessivos. Dê um final surpreendente.

3) Leia os textos a seguir e crie uma história de suspense. Procure surpreender o leitor com o final da narrativa.

TESTEMUNHA TRANQÜILA

O camarada chegou assim com ar suspeito, olhou pros lado e – como não parecia ter ninguém por perto – forçou a porta do apartamento e entrou. Eu estava parado olhando, para ver no que ia dar aquilo.

Na verdade eu estava vendo nitidamente toda a cena e senti que o camarada era um mau-caráter.

E foi batata. Entrou no apartamento e olhou em volta. Penumbra total. Caminhou até o telefone e desligou com cuidado, na certa para que o aparelho não tocasse enquanto ele estivesse ali. Isto – pensei – é porque ele não quer que ninguém note a sua presença: logo, só pode ser um ladrão, ou coisa assim.

Mas não era. Se fosse ladrão, estaria revistando as gavetas, mexendo em tudo, procurando coisas para levar. O cara – ao contrário – parecia morar perfeitamente no ambiente, pois mesmo na penumbra se orientou muito bem e andou desembaraçado até uma poltrona, onde sentou e ficou quieto.

– Pior que ladrão. Esse cara dever ser um assassino e está esperando alguém chegar para matar – eu tornei a pensar e me lembro (inclusive) que cheguei a suspirar aliviado por não conhecer o homem e – portanto – ser difícil que ele estivesse esperando por mim. Pensamento bobo, de resto, eu não tinha nada a ver com aquilo.

De repente, ele se retesou na cadeira. Passos no corredor. Os passos, ou melhor, a pessoa que dava os passos, parou em frente à porta do apartamento. O detalhe era visível pela réstia de luz que vinha por baixo da porta. Som de chave na fechadura e a porta se abriu lentamente e logo a silhueta de uma mulher se desenhou contra a luz. Bonita ou feia? – pensei eu. Pois era uma graça, meus caros. Quando ela acendeu a luz da sala é que eu pude ver. Era boa às pampas. Quando viu o cara na poltrona ainda tentou recu-

ar, mas ele avançou e fechou a porta com um pontapé... e eu ali olhando. Fechou a porta, caminhou em direção à bonitinha e pataco... tacou-lhe a primeira bolacha. Ela estremeceu nos alicerces e pimpa... tacou outra.

Os caros leitores perguntarão: – E você? Assistindo aquilo tudo sem tomar uma atitude? – a pergunta é razoável. Eu tomei uma atitude, realmente. Desliguei a televisão, a imagem dos dois desapareceu e eu fui dormir.

(Stanislaw Ponte Preta)

EPISÓDIO DO INIMIGO

Tantos anos fugindo e esperando e agora o inimigo estava em minha casa. Da janela vi-o subir penosamente pelo áspero caminho do cerro, com a ajuda de uma bengala, de uma bengala rústica, que em suas velhas mãos não podia ser uma arma, apenas um báculo. Ouvi, com dificuldade, o que esperava: a débil batida na porta. Olhei, não sem nostalgia, para meus manuscritos, o rascunho sem terminar e o tratado de Artemidoro sobre os sonhos, livro um pouco anômalo ali, já que não sei grego. Outro dia perdido – pensei. Tive que forçar a chave. Temi que o homem desfalecesse, mas deu uns passos incertos, soltou a bengala, que não vi mais, e caiu em minha cama, exausto. Minha ansiedade o imaginara muitas vezes, mas só então notei que se parecia, de modo quase fraternal, ao último retrato de Lincoln. Seriam quatro horas da tarde.

Inclinei-me sobre ele para que me ouvisse.

– Pensamos que os anos só passam para nós mesmos – disse-lhe –, mas passam também para os outros. Aqui nos encontramos finalmente e o que aconteceu antes não tem sentido.

Enquanto eu falava, ele havia desabotoado o sobretudo. A mão direita estava no bolso do paletó. Alguma coisa apontava para mim e percebi que era um revólver.

Falou-me então com voz firme:

– Para entrar em sua casa, recorri à compaixão. Agora o tenho em minhas mãos e não sou misericordioso.

Ensaiei algumas palavras. Não sou um homem forte e só as palavras podiam salvar-me. Consegui dizer:

– É verdade que há muito tempo maltratei uma criança, mas você não é mais aquela criança nem eu aquele insensato. Além disso, a vingança não é menos vaidosa e ridícula que o perdão.

– Precisamente porque não sou mais aquela criança – replicou-me – tenho que matá-lo. Não se trata de uma vingança, mas de um ato de justiça. Seus argumentos, Borges, são meros estratagemas de seu terror para que eu não o mate. Já não pode fazer mais nada.

– Posso fazer uma coisa – respondi-lhe.

– O quê? – perguntou-me.

– Acordar.

E assim fiz.

(BORGES, Jorge Luis. "Episódio do inimigo". *Nova antologia pessoal*. **Rio de Janeiro, Sabiá.)**

Um roteiro poderá ajudá-lo na composição de sua história:

a) o que aconteceu?

b) onde aconteceu?

c) quando aconteceu?

d) quais as características da personagem?

e) elementos geradores de suspense.

f) contar somente o particular levando o leitor para o interior da trama.

CAPÍTULO 7

A ESTRUTURA NARRATIVA

Após estudar os elementos básicos de uma narração – *personagem, tempo, tipo de narrador, tipo de discurso e enredo* **– você verá, agora, a estrutura do texto narrativo, ou seja, de que forma o texto narrativo deve ser estruturado para que se torne consistente.**

A narrativa é, em síntese, o relato de algo. Este relato é estruturado com base em quatro tópicos: manipulação, competência, "performance" e sanção.

Manipulação: **Uma personagem ou algo induz outra personagem a fazer alguma coisa. A que pratica o ato deve ou quer fazê-lo.**

Competência: **Aquele que pratica o ato possui o saber, ou o poder.**

"*Performance*": **É o desenvolvimento do ato.**

Sanção: **É a recompensa ou penalização sobre o ato.**

Observe essa estrutura em um texto:

A RAPOSA E AS UVAS

Millôr Fernandes

De repente a raposa, esfomeada e gulosa, fome de quatro dias e gula de todos os tempos, saiu do areal do deserto e caiu na sombra deliciosa do parreiral que descia por um precipício a perder de vista. Olhou e viu, além de tudo, à altura de um salto, cachos de uvas maravilhosos, uvas grandes, tentadoras. Armou um salto, retesou o corpo, saltou, o focinho passou a um palmo das

uvas. Caiu, tentou de novo, não conseguiu. Descansou, encolheu mais o corpo, deu tudo que tinha, não conseguiu nem roçar as uvas gordas e redondas. Desistiu, dizendo entre dentes, com raiva: "Ah, também, não tem importância. Estão muito verdes." E foi descendo, com cuidado, quando viu à sua frente uma pedra enorme. Com esforço empurrou a pedra até o local em que estavam os cachos de uva, trepou na pedra, perigosamente, pois o terreno era irregular e havia o risco de despencar, esticou a pata e... conseguiu! Com avidez colocou na boca quase o cacho inteiro. E cuspiu. Realmente as uvas estavam muito verdes!

MORAL: A FRUSTRAÇÃO É UMA FORMA DE JULGAMENTO TÃO BOA COMO QUALQUER OUTRA.

(FERNANDES, Millôr. *Fábulas fabulosas*. **9º ed. Rio de Janeiro, Nórdica, 1985, p. 118.)**

OBSERVE A ESTRUTURA DO TEXTO

Manipulação: **Movida pela fome a raposa tenta pegar as uvas da parreira.**

Competência: **Ela, a raposa, queria as uvas e podia pegá-las.**

"Performance": **No entanto todas as suas tentativas foram em vão.**

Sanção: **Não conseguiu as uvas que desejava.**

Praticamente todo bom texto narrativo é baseado nessa estrutura, a personagem precisa fazer algo, deve saber fazê-lo, deve executar e será recompensada ou penalizada, dependendo da sua *performance*.

EXERCÍCIOS

1) Leia o texto a seguir e divida-o em: manipulação, competência, *performance* **e sanção.**

TRAGÉDIA BRASILEIRA

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade.

Conheceu Maria Elvira na Lapa – prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quando ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

(Manuel Bandeira)

2) Elabore um texto narrativo, baseando-se na indicação a seguir:

Uma personagem deve executar uma tarefa para a qual não tem competência, porém deve obrigatoriamente realizá-la, caso contrário será terrivelmente penalizada.

Antes de produzir o seu texto pense: Que situação a personagem deve enfrentar? Por que não sabe executar? O que sofrerá se não executar? Como resolve?

Faça um rascunho marcando: manipulação, competência, *performance* **e sanção.**

CAPÍTULO 8

A ORGANIZAÇÃO DO TEXTO NARRATIVO

Você já aprendeu a trabalhar com os elementos e com a estrutura da narrativa. Observe, agora, como um texto narrativo deve ser organizado.

A) NARRAÇÃO OBJETIVA

Narração objetiva é aquela que costumamos ler em jornais, em livros de história, etc.

Veja um exemplo:

Árvore cai com a chuva

"Ontem, na rua Colômbia, nos Jardins, desabou uma enorme e antiga árvore sobre dois carros. A tempestade e o forte vento que caíram sobre a cidade são os causadores do acidente."

Vamos caracterizar esse tipo de narrativa: Veja que o narrador está em terceira pessoa; não toma, pois, parte da história, apenas relata de maneira imparcial, contando os fatos sem que sua emoção transpareça na narrativa. Resumindo, a narração objetiva apenas informa o leitor.

B) NARRAÇÃO SUBJETIVA

Narração subjetiva é aquela em que o narrador deixa transparecer os seus sentimentos, sua posição diante do fato é sensível, emocional.

O CAJUEIRO

O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro atrás da casa. Agora vem uma carta dizendo que ele caiu.

Eu me lembro do outro cajueiro que era menor, e morreu há muito tempo. Eu me lembro dos pés da pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-são-jorge (que nós chamávamos simplesmente "tala") e da alta saboneteira que era nossa alegria e a cobiça de toda a meninada do bairro porque fornecia centenas de bolas pretas para jogo de gude. Lembro-me da tamareira, e de tantos arbustos e folhagens coloridas, lembro-me da parreira que cobria o caramanchão, e dos canteiros de flores humildes, beijos, violetas. Tudo sumira; mas o grande pé de frutapão ao lado da casa e o imenso cajueiro lá no alto eram como árvores sagradas protegendo a família. Cada menino que ia crescendo ia aprendendo o jeito de seu tronco, a cica de seu fruto, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima, ver de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além, sentir o leve balanceio na brisa da tarde.

No último verão ainda o vi; estava como sempre carregado de frutos amarelos, trêmulo de sanhaços. Chovera: mas assim mesmo fiz questão de que Caribé subisse o morro para vê-lo de perto, como quem apresenta a um amigo de outras terras um parente muito querido.

A carta de minha irmã mais moça diz que ele caiu numa tarde de ventania, num fragor tremendo pela ribanceira; e caiu meio de lado, como se não quisesse quebrar o telhado de nossa velha casa. Diz que passou o dia abatida, pensando em nossa mãe, em nosso pai, em nossos irmãos que já morreram. Diz que seus filhos pequenos se assustaram, mas depois foram brincar nos galhos tombados.

Foi agora, em fins de setembro. Estava carregado de flores.

(BRAGA, Rubem. *Cem Crônicas Escolhidas,*
Livr. José Olympio Editora, RJ, 1956.)

O narrador, neste texto, conta a princípio uma história banal: *A queda de um cajueiro*. **No entanto traz à tona suas recordações**

de infância, suas últimas visões da árvore e por fim a ironia: apesar de ser fins de setembro, primavera, o cajueiro que estava "tombado de flores" caiu.

De forma tocante, o narrador nos faz sentir um certo sentimento de compaixão e carinho pelo cajueiro. A narração subjetiva tem esta finalidade.

EXERCÍCIOS

1) Leia o texto a seguir e retire passagens que indicam o subjetivismo do narrador.

COISAS ANTIGAS

Depois de cumprir meus afazeres voltei para casa, pendurei o guarda-chuva a um canto e me pus a contemplá-lo. Senti então uma certa simpatia por ele; meu velho rancor contra os guarda-chuvas cedeu lugar a um estranho carinho, e eu mesmo fiquei curioso de saber qual a origem desse carinho.

Pensando bem, ele talvez derive do fato, creio que já notado por outras pessoas, de ser o guarda-chuva o objeto do mundo moderno mais infenso a mudanças. Sou apenas um quarentão, e praticamente nenhum objeto de minha infância existe mais em sua forma primitiva. De máquinas como telefone, automóvel, etc., nem é bom falar. Mil pequenos objetos de uso mudaram de forma, de cor, de material; em alguns casos, é verdade, para melhor; mas mudaram.

O guarda-chuva tem resistido. Suas irmãs, as sombrinhas, já se entregaram aos piores desregramentos futuristas e tanto abusaram que até caíram de moda. Ele permaneceu austero, negro, com seu cabo e suas invariáveis varetas. De junco fino ou pinho vulgar, de algodão ou de seda animal, pobre ou rico, ele se tem mantido digno.

Reparem que é um dos engenhos mais curiosos que o homem já inventou; tem ao mesmo tempo algo de ridículo e algo fúnebre, essa pequena barraca ambulante.

Já na minha infância era um objeto de ares antiquados, que parecia vindo de épocas remotas, e uma de suas características era ser muito usado em enterros. Por outro lado, esse grande acompanhador de defuntos sempre teve, apesar de seu feitio grave, o costume leviano de se perder, de sumir, de mudar de dono. Ele na verdade só é fiel a seus amigos cem por cento, que com ele saem todo dia, faça chuva ou sol, apesar dos motejos alheios; a estes, respeita. O freguês vulgar e ocasional, este o irrita, e ele se aproveita da primeira distração para sumir.

Nada disso, entretanto, lhe tira o ar honrado. Ali está ele, meio aberto, ainda molhado, choroso; descansa com uma espécie de humildade ou paciência humana; se tivesse liberdade de movimentos não duvido que iria para cima do telhado quentar sol, como fazem os urubus.

Entrou calmamente pela era atômica, e olha com ironia a arquitetura e os móveis chamados funcionais: ele já era funcional muito antes de se usar esse adjetivo; e tanto que a fantasia, a inquietação e a ânsia de variedade do homem não conseguiram modificá-lo em coisa alguma.

(BRAGA, Rubem. *200 Crônicas Escolhidas*.
Rio de Janeiro, Record, 1979, p. 218.)

2) Leia o texto a seguir e reescreva-o de forma objetiva, semelhante a uma notícia de jornal.

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número.
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

(BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem***)**

3) A exemplo de Rubem Braga faça um texto subjetivo sobre um objeto qualquer.

C) O CONFLITO

O conflito é um elemento decisivo para a organização do texto narrativo, podendo ser definido como um jogo entre forças opostas.

Todos os elementos da narrativa se prendem em torno do conflito criado pela presença de uma força contrária, fato novo, que desencadeia o conflito da personagem, impossibilitando-a de realizar seus objetivos.

O conflito pode ser de várias ordens: financeira, social, psicológica, emocional, etc.

Basicamente podemos dividir o conflito em dois aspectos:

a) o ser / não ser

b) o ter / não ter

Normalmente em nossa vida vivemos vários conflitos: queremos ter um carro e não temos, queremos ser magros e somos gordos, queremos ser amados e não somos, etc.

Já a personagem viverá apenas um conflito, porém vivido intensamente.

Observe o texto a seguir:

MINHA CASTA DULCINÉIA

Estou numa esquina de Copacabana, são duas horas da madrugada. Espero uma condução que me leve para casa. À porta de um "dancing", homens conversam, mulheres entram e saem, o porteiro espia sonolento. Outras se esgueiram pela calçada, fazendo a chamada vida fácil.

De súbito a paisagem se perturba. Corre um frêmito no ar, há pânico no rosto das mulheres que fogem. Que aconteceu? De um momento para outro, não se vê mais uma saia pelas ruas – e mesmo os homens se recolhem discretamente à sombra dos edifícios.

– Que aconteceu? – pergunto a alguém que passa apressado.

É a radiopatrulha: vejo o carro negro surgir da esquina como um deus blindado e vir rodando devagar, enquanto os olhos terríveis da polícia espreitam aqui e ali. Não se sabe como, sua aparição foi antecedida de um aviso que veio rolando pelas ruas, trazido talvez pelo vento, espalhando o medo e possibilitando a fuga.

Eis, porém, que surgem da esquina duas mulheres, desavisadas e tranqüilas. Uma é mulata e alta, outra é baixa e tão preta, que só o vestido se destaca dentro da noite – ambas pobres e feias. Vêem o inimigo, perdem a cabeça e saem em disparada, cada uma para o seu lado. O carro da polícia acelera, ao encalço da mulata: em dois minutos ela é alcançada...

A outra, trêmula de medo, se encolhe a meu lado como um animal, tentando ocultar-se. O carro faz a volta e vem se aproximando.

– Pelo amor de Deus, moço, diga que está comigo.

Já não há tempo de fugir. A pretinha me olha assustada, pedindo licença para tomar-me o braço, e, assim protegida, enfrenta o olhar dos policiais. Tomado de surpresa, fico imóvel, e somos como um feliz, ainda que insólito, casal. Ergo o corpo para enfrentar a situação. Ouço a voz de Quixote sussurrar-me que agora, ou vou preso com ela, ou ninguém vai. Na verdade, neste instante de heroísmo, unido a um ser humano pelo braço, sinto-me capaz de enfrentar até o Juízo Final, quanto mais a Delegacia de Costumes.

Passado o perigo, a preta retira humildemente o braço do meu, faz um trejeito, agradecendo, e desaparece na escuridão. Eu é que agradeço, minha senhora – é o que pensa aqui o fidalgo. Tomo alegremente o meu lotação e vou para casa com a alma leve, pensando na existência daquelas pequenas coisas, como diria o poeta, pelas quais os homens morrem.

(SABINO, Fernando, *Quadrante I*, Record.)

As personagens vivem um conflito. Elas não se julgavam criminosas; entretanto, naquele local, sozinhas, à noite, pareceu-lhes que seriam suspeitas à polícia. Por outro lado, a polícia, vendo-as correr, sai no seu encalço.

Este conflito gira em torno das falsas aparências.

O importante é você perceber que a narrativa deve girar em torno de um conflito, gerado por um fato novo, e este conflito deve ser vivido intensamente pela personagem.

EXERCÍCIOS

1) Narre uma história em que uma personagem sinta inveja das qualidades do amigo, vive imitando-o até que...

D) AÇÕES DA PERSONAGEM

Você vai contar uma história em que um ladrão entra numa casa com muito cuidado.

O primeiro passo é planejar o trabalho:

Narrador: 3ª pessoa
Personagem: ladrão
Espaço: um sobrado
Tempo: noite
Tipo de narrativa: subjetiva

"O ladrão viu que não havia ninguém na casa, abriu a porta com muito cuidado, olhou para os lados certificando-se que a casa estava mesmo vazia, dirigiu-se até a estante, vasculhou-a à procura de objetos de valor."

Aparentemente o texto está bom, em ordem: com frases curtas bem-organizadas, sem repetições desnecessárias, muito bom! Entretanto poderia estar melhor. Observe:

"O ladrão espiou a casa por uns momentos, viu que não havia ninguém, habilidosamente com auxílio de uma chave de fenda entreabriu a porta, estava escuro, deixou que a claridade da rua entrasse primeiro, colocou a cabeça no vão e observou o ambiente, estava livre, entrou. Esperou por uns instantes para que os olhos acostumassem com a escuridão, na ponta dos pés dirigiu-se até a estante, lentamente vasculhava-a à procura de algo de valor."

Veja que o texto ficou mais detalhado, as ações do ladrão foram minuciosamente relatadas, dessa forma o texto torna-se envolvente, o leitor é levado para junto do ladrão.

Sempre que possível detalhe as ações, deixando-as mais específicas, seu texto será mais gostoso e bem escrito.

EXERCÍCIOS

1) Continue a história do ladrão. Descreva o roubo de forma detalhada.

E) O FATO NOVO

Outro tópico importante para a organização e elaboração da narrativa.

Contar uma história requer do autor um pouco de criatividade e técnica. Veja, ninguém estaria interessado numa história comum, simples, em que não aconteceu nada de novo.

Imagine se alguém lhe contasse isso:

"Olha, preciso te contar uma coisa. Sabe, vinha hoje para a escola de ônibus, no caminho ele parou, subiram algumas pessoas e desceram outras, até que chegou a minha vez de descer."

Se você pudesse o que faria com o autor dessa intrigante história?

Pois bem. Para contar algo, deve ocorrer um fato que mereça ser contado. O que acontece normalmente por aí não nos interessa, afinal já conhecemos o fato, é comum; o que queremos é um FATO NOVO.

VALSINHA

Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar
Olhou-a dum jeito muito mais quente do que sempre costumava olhar
E não maldisse a vida tanto quanto era seu jeito de sempre falar
E nem deixou-a só num canto, para seu grande espanto convidou-a pra rodar

Então ela se fez bonita como há muito tempo não queria ousar
Com seu vestido decotado, cheirando a guardado de tanto esperar
Depois os dois deram-se os braços como há muito não se usava dar
E cheios de ternura e graça foram para a praça e começaram a se abraçar
E ali dançaram tanta dança que a vizinhança toda despertou
E foi tanta felicidade que toda a cidade se iluminou
E foram tantos beijos loucos, tantos gritos roucos como não se ouviam mais
Que o mundo compreendeu
E o dia amanheceu
Em paz
(Vinícius e Chico Buarque, in *Construção*, Philips, 1971.)

A partir do texto é possível pressupor que a personagem masculina (ele) normalmente chegava em casa de mal humor, irritada, nervosa e um certo dia chegou diferente.

"Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar..."

Esse FATO NOVO modifica a vida das personagens, o que seria um dia chato como os outros, tornou-se um dia especial que contagiou toda a cidade.

Um texto precisa desse FATO NOVO que quebre a rotina, que crie novas situações.

Se o nosso amigo, da outra história, contasse que no caminho o ônibus foi assaltado, que ele foi pego como refém, que conseguiu escapar, chamar a polícia... Valeria a pena ouvir ou ler a história, pois o fato do ônibus ser assaltado e ele ficar como refém dos ladrões é NOVO, é interessante, vale a pena ouvir.

EXERCÍCIOS

1) Elabore a história sugerida:
Seu ônibus foi assaltado, você ficou como refém, conseguiu escapar, chamou a polícia...

2) Pense na rotina de um jovem atleta e escreva uma redação de ações praticadas por ele, num determinado espaço de tempo. Por exemplo: Treino pela manhã.

3) Saída da escola. O encontro de um estudante com a namorada que não vê há algum tempo.
Imagine-se a uma certa distância, observando-os. Enumere as ações praticadas pelo jovem casal, enquanto você esteve ali.

4) Uma história de mentiroso. Siga mais ou menos o roteiro:
   a) Comece a narrativa com expressões que localizem os fatos no tempo.
   b) Procure empregar ações cuja sucessão registre a passagem do tempo.
   c) As personagens: onde se encontram e o que fazem?
   d) Uma das personagens conta uma história que lhe aconteceu. Utilize, como recurso expressivo, a inverossimilhança.
   e) Os fatos narrados por essa personagem estão ligados ao tema e conduzem a um desfecho engraçado.

5) Imagine um dia rotineiro em sua vida; tudo acontece dentro do previsto. Tudo, ou quase tudo, porque:
"À noite, quando me dispunha a deitar..."

PROPOSTAS DE REDAÇÃO
NARRAÇÃO

1) Faça a expansão das situações de modo a criar uma cena pormenorizada (utilize no mínimo 40 palavras). Observe o modelo:

Modelo

O menino subiu até o telhado da casa e apanhou as coisas que lá escondia.

Resposta:

"Agarrou-se à janela, escalou o primeiro muro, o segundo, e alcançou o telhado. Andava descalço sobre o limo escorre-

gadio das telhas escuras retendo o enfadonho peso do corpo como quem segura a respiração. O refúgio debaixo da caixa d'água, a fresca acolhida da sombra. Na caixa, a água gorgolejante numa golfada de ar. Afastou o tijolo da coluna e enfiou a mão: bolas de gude, o canivete roubado, dois caramujos com as lesmas salgadas na véspera." (Otto Lara Resende)

a) Rita saiu apressada de casa.
b) Acordei cedo naquele dia. Sentia-me cansado.
c) Roberto e Malu arrumaram tudo para a festa.
d) Levou a namorada até o aeroporto. Ela ficaria longe por dois meses.

2) Agora você vai escrever uma narração. Para isso utilize a seqüência proposta. Procure trabalhar cada acontecimento de forma viva, mostrando para o leitor como os fatos ocorreram. Dê nome às personagens, indique como elas são e como são os lugares onde a história se passa.
- O rapaz preparou-se para sair.
- Foi de carro até uma praça.
- Lembrou-se de acontecimentos passados e lamentou a sua solidão.
- Era o seu aniversário e ele comprou um pedaço de bolo.
- Um mendigo se aproxima e pede-lhe dinheiro.
- O rapaz dá algum dinheiro ao mendigo e, enquanto este se afasta, o rapaz se dá conta de que, se as coisas fossem diferentes, ele e o mendigo poderiam comemorar juntos o seu aniversário, sentindo-se menos solitários.

3) (Unicamp) – Umberto Eco faz a seguinte reflexão acerca do ato de narrar:

"Entendo que para contar é necessário primeiramente construir um mundo, o mais mobiliado possível, até os últimos pormenores. Constrói-se um rio, duas margens, e na margem esquerda coloca-se um pescador, e se esse pescador possuir um temperamento agressivo e uma folha penal pouco limpa, pronto: pode-se começar a escrever, traduzindo em palavras o que não pode deixar de acontecer."

(Pós-escrito a *O nome da rosa*)

Escreva uma narrativa utilizando os dados iniciais fornecidos por Umberto Eco.

4) Escreva, para cada personagem que vem a seguir, uma narração. Não se esqueça de pensar em quais espaços e tempos elas estariam melhor encaixadas.

a) "Não é clássico nem perfeito o corpo da minha Fräulein. Pouco maior que a média dos corpos de mulher. E cheio nas suas partes. Isso o torna pesado e bastante sensual.[...] Fräulein não é bonita, não. [...] Não se pinta, quase nem usa pó-de-arroz. [...] O que mais atrai nela são os beiços, curtos, bastante largos, sempre encarnados. E inda bem que sabem rir: entremostram apenas os dentinhos dum amarelo sadio mas sem frescor. Olhos castanhos, pouco fundos. Se abrem grandes, muito claros, verdadeiramente sem expressão. Por isso duma calma quase religiosa, puros. Que cabelos mudáveis! ora louros, ora sombrios, dum pardo em fogo interior."

(Mário de Andrade)

b) "Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. A comida arranjava-lhe, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha."

(Aluísio de Azevedo)

5) (Unicamp) Escolha um dos fragmentos de texto constantes na coletânea a seguir, e redija uma *narração*, **isto é, um texto em que você contará uma história na qual se encaixe o fragmento escolhido. Elabore a sua redação de acordo com a significação representada pelo fragmento que escolheu.**

Coletânea

Fragmento 1: "A vizinha sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde."

Fragmento 2: "Dizem que a vizinha sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde."

Fragmento 3: **"A vizinha? Sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde."**
Fragmento 4: **"A vizinha sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde?"**
Fragmento 5: **"A vizinha, sai de casa todos os dias às 5 horas da tarde!"**

6) (FAAP) Crie um texto de teor *narrativo*, imaginando a seguinte situação:

Você está a bordo de um foguete com a sonda automática em direção ao cometa Halley. Durante o percurso, informam-lhe que haverá uma congestionamento de trânsito.

De forma original e bastante criativa, apresente:
– o local em que ocorrerá o fato;
– o modo como acontecerá;
– as causas do acúmulo de veículos;
– as conseqüências surgidas;
– um desfecho cômico.

7) (FGV) "Ela sorria fulgidamente. No seu olhar não vi o brilho e a graça de seus dezesseis anos. Vi uma borboleta de ouro nos olhos de diamante, esvoaçando lá dentro de seu cérebro."

O texto anterior é baseado em Machado de Assis. A partir das idéias nele sugeridas, desenvolva uma narração.

Dê um título ao seu trabalho.

8) (FUVEST)

O Menino é Pai do Homem

"Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino-diabo", e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malig-

nos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher de doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos. Prudência, um moleque da casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia – algumas vezes gemendo – mas obedecia, sem dizer palavra, ou, quando muito, um – "ai, nhonhô!" – ao que eu retorquia: – "Cala a boca, besta!" – Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular, dava-me beijos.

Não se conclua daqui que eu levasse todo o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros nem a esconder-lhe os chapéus, mas opiniático, egoísta e algo contemptor dos homens, isso fui; se não passei o tempo a esconder-lhes os chapéus, alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras."

(*Memórias Póstumas de Brás Cubas,* **de Machado de Assis.)**

Trace um linha horizontal dividindo ao meio a página destinada à redação. Na parte superior analise o significado da frase "O menino é pai do homem". Na parte inferior narre uma fato de sua infância que você considere significativo para sua formação.

9) COMPLETE A NARRAÇÃO A SEGUIR:

"O Consumidor acordou confuso. Saíam torradas do seu rádio-despertador. De onde saía então – quis descobrir – a voz do locutor? Saía do fogão elétrico, na cozinha, onde a Empregada, apavorada, recuara até a parede e, sem querer, ligara o

interruptor da luz, fazendo funcionar o gravador na sala. O Consumidor confuso sacudiu a cabeça, desligou o fogão e o interruptor, saiu da cozinha, entrou no banheiro e ligou seu barbeador elétrico. Nada aconteceu. Investigou e descobriu que a sua Mulher, na cama, é que estava ligada e zunia como um barbeador. Abriu a torneira do banheiro para lavar o sono do rosto. Talvez aquilo tudo fosse só o resto de um pesadelo. Pela torneira jorrou café instantâneo."

(Luís Fernando Veríssimo)

10) Baseando-se na tira abaixo, desenvolva uma narração:

11) (FEI)

"O Leonardo começou a procurar com os olhos alguma coisa ou alguém que tinha curiosidade de ver; deu com o que procurava: era Luisinha. Há muito que os dois se não viam; não puderam pois ocultar o embaraço de que se acharam tomados. E foi tanto maior essa emoção, que ambos ficaram surpreendidos um do outro. Luisinha achou Leonardo um guapo rapagão de bigodes e suíça; elegante até onde pode sê-lo, um soldado de granadeiros, com o seu uniforme de sargento bem assente. Leonardo achou Luisinha uma moça espigada, airosa mesmo, olhos e cabelos pretos, tendo perdido todo aquele acanhamento físico de outrora. Além disso seus olhos, avermelhados pelas lágrimas, seu rosto empalidecido, se não verdadeiramente pelos desgostos daquele dia, seguramente pelos antecedentes, tinham nessa ocasião um toque de beleza melancólica, que em regra geral não devia prender muito a atenção de um sargento de granadeiros, mas que enterneceu ao sargento Leonar-

do, que apesar de tudo, não era um sargento como outro qualquer. E tanto assim, que durante a cena muda que se passou, quando os dois deram com os olhos um no outro, passaram rapidamente pelo pensamento do Leonardo os lances de sua vida de outrora, e remontando de fato em fato, chegou àquela ridícula mas ingênua cena da sua declaração de amor a Luisinha. Pareceu-lhe que tinha então escolhido mal a ocasião, e que agora isso teriam um lugar muito mais acertado.

A comadre, que dava uma perspicaz atenção a tudo o que se passava, como que leu na alma do afilhado aqueles pensamentos todos, fez um gesto quase imperceptível de alegria: raiava-lhe na mente alguma idéia luminosa. Começou então a retraçar um antigo plano em cuja execução por muito tempo trabalhava, e cujas probabilidades de êxito lhe haviam reaparecido no que se acabava de passar."

(ALMEIDA, Manuel Antonio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*.**)**

Complete o texto, compondo uma redação cujo tema seja o plano da comadre.

12) Veja as ilustrações e crie uma história emotiva.

13) (MEDICINA-ABC) Tema: Imagine que, dirigindo um veículo a motor, você depare com um cartaz de "Perigo à Frente. Volte." Mas é forçoso seguir. O que o espera? Como agir? Procure o máximo de coerência possível.

14) (Unicamp) O anúncio seguinte foi publicado, em 1989, no jornal *Folha de S. Paulo*:

MOÇA DA SOCIEDADE PAULISTA

"Empresário europeu deseja conhecer, para fins de amizade e breve compromisso, moça de elevada índole moral, culta, de inegável beleza física e com convicção interior e sensibilidade, que o faça acreditar que ainda existem mulheres de bons princípios, caráter íntegro, romântico, que crêem na existência e encontro do verdadeiro amor.

Características pessoais: Europeu, 38 anos, livre, 1,77 m, 77 kg, situação financeira e social definida, ótima apresentação.

Características pretendidas: 26/34 anos, livre, exigente em relação ao que quer na vida, entretanto simples, meiga, voltada prioritariamente ao lar, de boa família, companheira e amiga. Pede-se foto de corpo inteiro e carta de próprio punho que serão devolvidas em sigilo.

Se você existe, pode confiar e escrever sem receios. Esta mensagem é absolutamente séria.
Caixa Postal xxxx CEP xxxxx
São Paulo – SP"

Suponha que o empresário europeu tenha ficado muito bem impressionado com uma das cartas que recebeu em resposta ao anúncio. Suponha, ainda, que um primeiro contato entre ele e a moça tenha sido estabelecido e que um encontro tenha sido marcado. Escreva uma narrativa baseada no que pode ter acontecido a partir do momento em que essas duas pessoas marcaram seu primeiro encontro.

15) MACKENZIE – SP

Viagem interna

"Sempre desejei voltar para o Rio, para aquele apartamento de Copacabana, de frente para o mar, onde me alimentava diariamente da imensidão plena das águas salgadas, que ora se apresentavam calmas com seu manto verde batido de sol, ora se mostravam onduladas pelo sopro do vento forte. Era só o que eu queria. Vivo sonhando com essa possibilidade. Pensando, também, no Corcovado... no Pão de Açúcar... Ah! se eu pudesse voltar para essa paisagem maravilhosa!

Tenho feito o possível para continuar meu trabalho com o mesmo ânimo de antes, mas não consigo. Neste lugar, poucos me compreendem. Acham-me rude, grosseiro. Chamam-me de louco, hostilizando-me a toda hora. Não tenho amigos... não sou feliz. Experimento sensações de que nada possuo, nem posso produzir, a não ser o círculo vicioso da minha liberdade. E, quanto mais me esforço para ser amado e compreender a natureza do amor, praticando todos os exercícios possíveis de bondade, mais sinto vontade de regressar à minha terra.

Como não consigo realizar essa modesta vontade, decidi ser duro, rígido, comigo e com os outros, e todos terão que me aceitar assim. Criei uma muralha protetora, estabelecendo nitidamente os limites entre mim e as pessoas. Assumi uma personalidade introvertida e misteriosa." (Rubem Fonseca)

Com base no texto, recrie a personagem com características psicológicas opostas às descritas pelo autor. Transfira a vida e o conflito experimentado para uma outra realidade. Selecione, com nitidez, os elementos descritivos, para que surja um novo ser.

Componha esse relato em aproximadamente quinze linhas.

16) Leia o seguinte trecho retirado do romance *Capitães da Areia*, **de Jorge Amado. Capitães da Areia são um grupo de menores abandonados que vivem de pequenos golpes. Este trecho mostra como foi a fuga da polícia de um dos integrantes do grupo após um assalto:**

"[...] o Sem-Pernas ficou encurralado na rua. Jogava picula com os guardas. Estes tinham se despreocupado dos outros, pensavam que já era alguma coisa pegar aquele coxo. Sem-Pernas corria de um lado para outro da rua, os guardas avançavam. Ele fez que ia escapulir por outro lado, driblou um dos guardas, saiu pela ladeira. Mas em vez de descer e tomar pela Baixa do Sapateiro, se dirigiu para a praça do Palácio. Porque Sem-Pernas sabia que se corresse na rua o pegariam com certeza. Eram homens, de pernas maiores que as suas, e além do mais ele era coxo, pouco podia correr. E acima de tudo não queria que o pegassem. Lembrava-se da vez que fora à polícia. Dos sonhos das suas noites más. Não o pegariam, e enquanto corre este é o único pensamento que vai com ele. Os guardas vêm nos seus calcanhares. Sem-Pernas sabe que eles gostarão de o pegar, que a captura de um dos Capitães da Areia é uma bela façanha para um guarda. Essa será a sua vingança. Não deixará que o peguem, não tocarão no seu corpo. [...] Pensam que ele vai parar junto ao grande elevado. Mas Sem-Pernas não pára. Sobe para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda força de seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço, como se fosse um trapezista de circo."

a) Reescreva esse trecho com narrador em 1ª pessoa, sob o ponto de vista da personagem Sem-Pernas.
b) Reescreva este trecho com narrado em 1ª pessoa, sob o ponto de vista de uma dos guardas.

17) A exemplo do texto a seguir crie uma história de suspense.

O mistério do quarto escuro

Acordo atordoada, tonta, não me lembro de nada, me viro para lá, me viro para cá e não consigo sair daqui. A porta está fechada. Por mais que eu tente, não consigo abrir. Aqui dentro está uma bagunça de roupas esparramadas, um mau cheiro. Está mal ventilado, sinto até falta de ar. Aqueles homens me prenderam sem motivo algum.

Tento mais uma vez, não consigo abrir a porta, me trancaram, está escuro, não enxergo nem onde piso, esbarrando em tudo. Aqui, apesar de fazer muito frio, estou até corada de calor e aflição.

Este escuro me dá medo. Apesar de tudo, preferia estar lá fora. Só consigo ver luz em uma brecha da porta. Pouca coisa posso ver do outro lado, não sei o que estão fazendo com as minhas amigas, ai, coitadas. Não sei se estão fazendo ou já fizeram. Ai! não quero nem pensar.

Esses homens que me prenderam aqui dentro não têm coração, não nos respeitam, a nós que somos tão inofensivas e indefesas.

Fico em silêncio e ouço vozes masculinas confusas do lado de fora. Acho que estão discutindo o que farão comigo. Essas cordas estão me machucando. Não gosto nem de pensar o que me vai acontecer. Acho que me prenderam por eu ser a mais gordinha.

Meu medo aumentou, ouço passos em minha direção, não posso me esconder, não consigo nem me movimentar. Estão forçando a porta e têm a chave. Não sei o que fazer. Acho que chegou a minha vez, vieram me buscar, não posso mais escapar.

Abriram a porta. É um moreno magro e comprido, de cabelo grande, feio que Deus me livre. Vem com as mãos em minha direção e me agarra com força em seus braços, me desamarra, joga as cordas e me leva para fora num gesto brutal, me põe no chão para fechar novamente o local. Tento correr mas não consigo ir longe. Ele me agarra outra vez com força. Tento me livrar dele, mas não consigo. Ele sorri, me leva para outro lugar. Vejo uma de minhas amigas, penso em pedir socorro, mas ela não pode me ajudar pois ela está sendo vigiada por uma careca ainda mais feio que o outro (o que o outro tem de cabelo, neste está em falta). Coitada! Será que o destino dela será o mesmo que o meu?

Até que ele pára comigo, mas não me coloca no chão (acho que de medo de eu fugir outra vez) e então é a hora, ele me bate, bate, bate no chão. Entra comigo no garrafão, pula comigo e faz a primeira cesta do jogo!

(Carmo R. E. Silva, 14 anos, in *Folhinha de S. Paulo*.**)**

18) O menino vendeu a guitarra e saiu pela rua, assobiando uma música.

Esse é o último trecho de uma narração. Imaginado o resto, complete a história.

19) (Unicamp) Na coletânea abaixo, há elementos para a construção de um texto narrativo em que se tematiza o relacionamento entre duas pessoas, o cruzamento de duas vidas. Sua tarefa será desenvolver essa narrativa, segundo as Instruções Gerais.

"A tragédia deste mundo é que ninguém é feliz, não importa se preso a uma época de sofrimento ou de felicidade. A tragédia deste mundo é que todos estão sozinhos. Pois uma vida no passado não pode ser partilhada com o presente."

(Alan Lightman, *Sonhos de Einstein*, **1993.)**

CENA A: um homem, uma mulher*

- **Uma mulher deitada no sofá, cabelos molhados, segurando a mão de um homem que nunca voltará a ver.**
- **Luz do sol, em ângulos abertos, rompendo uma janela no fim da tarde. Uma imensa árvore caída, raízes esparramadas no ar, casca e ramos ainda verdes.**
- **O cabelo ruivo de uma amante, selvagem, traiçoeiro, promissor.**
- **Um homem sentado na quietude de seu estúdio, segurando a fotografia de uma mulher; há dor no olhar dele.**
- **Um rosto estranho no espelho, grisalho nas têmporas.**
- **As sombras azuis das árvores numa noite de lua cheia. O topo de uma montanha com um vento forte constante.**

CENA B: um pai, um filho

- **Uma criança à beira do mar, enfeitiçada pela primeira visão que tem do oceano.**

- **Um barco na água à noite, suas luzes tênues na distância, como uma pequena luz vermelha no céu negro.**
- **Um livro surrado sobre uma mesa ao lado de um abajur de luz branda.**
- **Uma chuva leve em um dia de primavera, em um passeio que será o último passeio que um jovem fará no lugar que ele ama.**
- **Um pai e um filho sozinhos em um restaurante, o pai, triste, olhos fixos na toalha de mesa.**
- **Um trem com vagões vermelhos, sobre uma grande ponte de pedra, de arcos delicados, o rio que sob ela corre, minúsculos pontos que são casas a distância.**

Instruções Gerais:

- **Escolha elementos de** *apenas uma* **das cenas apresentadas (***A* **ou** *B***) para construir:** *as duas personagens, o cenário, o enredo e o tempo* **de sua narrativa.**
- **O** *foco narrativo* **deverá ser em 3ª pessoa.**
- **O desenvolvimento do enredo, a partir da cena escolhida por você,** *deverá levar em consideração* **o trecho de Alan Lightman, que introduz a coletânea.**

*** Os fragmentos das cenas A e B também foram extraídos do livro de A. Lightman.**

20) Conte os problemas por que passou a personagem abaixo. A narração deve ser feita em 1ª pessoa.

Angeli

21) Componha um texto narrativo que tenha como personagem principal a criança da foto. Descreva a personagem e o local onde ocorrerão os fatos.

UNIDADE 5: DISSERTAÇÃO

CAPÍTULO 1

O TEXTO DISSERTATIVO

"Se não somos inteligíveis é porque não somos inteligentes."

Rousseau

É o tipo de texto que expõe uma tese (idéias gerais sobre um assunto) seguida de um ponto de vista, apoiada em argumentos, dados e fatos que a comprovem.

"A leitura auxilia o desenvolvimento da escrita, pois lendo o indivíduo tem contato com modelos de textos bem-redigidos que ao longo do tempo farão parte de sua bagagem lingüística; e também porque entrará em contato com vários pontos de vista de intelectuais diversos, ampliando, dessa forma, o seu ponto de vista em relação aos assuntos. Como a produção escrita se baseia praticamente na exposição de idéias por meio de palavras, certamente aquele que lê desenvolverá sua habilidade devido ao enriquecimento lingüístico adquirido através da leitura de bons autores."

No texto acima temos uma idéia defendida pelo autor.

TESE: "A leitura auxilia o desenvolvimento da escrita."
Em seguida o autor defende seu ponto de vista com os seguintes argumentos:

ARGUMENTOS: "... lendo o indivíduo tem contato com modelos de textos bem-redigidos que ao longo do tempo farão parte de sua bagagem lingüística e, também, porque entrará em contato com vários pontos de vista de intelectuais diversos, ampliando, dessa forma, o seu ponto de vista em relação aos assuntos."

E por fim, comprovada a sua tese, veja que (*a idéia da tese*) é recuperada:

CONCLUSÃO: "Como a produção escrita se baseia praticamente na exposição de idéias por meio de palavras, certamente aquele que lê desenvolverá sua habilidade devido ao enriquecimento lingüístico adquirido através da leitura de bons autores."

Observe como o texto dissertativo tem por objetivo expressar um determinado ponto de vista em relação a um assunto qualquer, e convencer o leitor de que este ponto de vista está correto. Poderíamos afirmar que o texto dissertativo é um exercício de cidadania, pois nele o indivíduo exerce seu papel de cidadão, questionando valores, reivindicando algo, expondo pontos de vista, etc.

Você verá, nos outros itens deste capítulo, a organização do texto dissertativo para que possa redigir seu ponto de vista com fluência e segurança.

EXERCÍCIOS

1) Produza parágrafos dissertativos, expondo seu ponto de vista em relação às frases a seguir. Você pode utilizá-las como começo de seu texto. Não se esqueça de defender com argumentos a frase e confirmá-la no final.

a) Muitos alunos encontram dificuldades em elaborar redações porque...

b) É importante que lutemos pela preservação do meio ambiente e dos animais, pois...

c) A educação deve ser prioridade em todo governo, se não...

2) Leia o texto a seguir e divida-o em: tese, argumento e conclusão.

O TEMPO E O AMOR

O primeiro remédio é o tempo. Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera!

São afeições como as vidas que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito.

São como as linhas que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino porque não há amor tão robusto, que chegue a ser velho. De todos os instrumentos, com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afroixa-lhe o arco, com que já não tira embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença, é porque o tempo tira a novidade às cousas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com uso, quanto mais o amor? O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos.

(Padre Antonio Vieira, *Sermão do Mandato.***)**

3) Você concorda com o autor? Elabore um texto com sua opinião. Use tese, argumentos e conclusão.

CAPÍTULO 2

O TÍTULO E O TEMA NO TEXTO DISSERTATIVO

É muito comum a confusão que se faz entre título e tema. Nesta unidade você verá a diferença e importância desses tópicos na produção do texto dissertativo.

Título: **é uma vaga referência ao assunto abordado; normalmente é colocado no início do texto.**

Tema: **é o assunto abordado no texto, a idéia a ser defendida.**

Dependendo da proposta podemos escolher diversos temas e títulos para o texto.

Proposta: Família
Título: A ditadura dos filhos
Tema: As famílias sofrem ultimamente com a ditadura dos filhos consumistas que tudo pedem movidos pela onda de consumo propagada pela televisão; e os pais perdidos nas novas tendências educacionais, permitem que os filhos mandem e desmandem na hora de comprar determinado produto.

Proposta: O esporte
Título: Apoio para os menores
Tema: No país do futebol o esporte amador sofre com a falta de patrocínio. A natação, a canoagem, o judô, o atletismo, entre outros responsáveis por muitas medalhas olímpicas, vivem desesperados atrás de um minguado patrocínio, enquanto clubes e atletas profissionais de futebol nadam num mar de dinheiro.

Tanto o título quanto o tema poderiam ser outros, a proposta é muito ampla, permitindo várias opções de escolha. É importante que você seja criativo na escolha do título, não use expressões simplórias.

EXERCÍCIOS

1) Dê títulos significativos para os temas a seguir. Procure usar sua criatividade, fuja do trivial.
   a) A televisão é muitas vezes criticada por transmitir uma visão deturpada da realidade, impedindo as pessoas de conhecerem melhor o mundo em que vivem.
   b) A rebeldia do adolescente pode ser notada, geralmente, no seu modo de vestir-se e na linguagem que adota.
   c) A violência tem aumentado assustadoramente em todo país, deixando a sociedade em pânico; escapando, inclusive, do poder da polícia.
   d) Os movimentos grevistas são fruto de uma política salarial opressiva que não permite ao trabalhador viver com dignidade.

2) Elabore temas para os títulos a seguir. Fuja de frases feitas e pensamentos convencionais, escreva realmente o que você pensa, este espaço é seu.
   a) O trânsito nas grandes cidades.
   b) A AIDS.
   c) O jovem e a moda.
   d) A propagação das drogas.

CAPÍTULO 3

O FATO E A OPINIÃO

Após a escolha do título e do tema você estudará as diferenças entre FATO E OPINIÃO e verá a aplicação destes em textos.

FATO: É uma informação a respeito de um acontecimento qualquer.

OPINIÃO: É a interpretação do fato, o ponto de vista de alguém em relação ao acontecimento.

EXEMPLO:

FATO: Cresce o número de mortalidade infantil no Brasil.

OPINIÃO: É um absurdo um país que deseja atingir o patamar dos países de primeiro mundo permitir que suas crianças morram antes de completar a fase adulta, pois se as crianças são o futuro de um país, e este "futuro" está morrendo de forma avassaladora; mostra-se, então, que este país não tem qualquer perspectiva de futuro ou bom senso.

Observe que o fato é um acontecimento, algo comum para todos; já a opinião é pessoal, é o ponto de vista, é a maneira como alguém vê o fato.

EXERCÍCIOS

1) Dê sua opinião a partir dos fatos a seguir.

a) Encontrada no Nordeste uma casa que abrigava prostitutas, em sua maioria menores que eram obrigadas a prostituir-se.

b) Cresce em São Paulo o número de viciados em “CRACK”.
c) A guerra na Bósnia já matou 200 mil pessoas, em sua maioria civis.
d) Torna-se obrigatório o uso de cinto de segurança em quase todo país.

CAPÍTULO 4

DESENVOLVIMENTO DA OPINIÃO

Para que uma opinião seja validada, deve estar apoiada em fatos que possibilitem sua comprovação.

OPINIÃO: O fumo deve ser proibido em qualquer lugar fechado que reúna várias pessoas.

FATOS: O fumo é prejudicial à saúde do fumante e não-fumante; não-fumantes exposto à fumaça do cigarro estão propensos a doenças pulmonares.

A fumaça do cigarro contribui para o aumento de poluição do ar.

Texto:

"O fumo deve ser proibido em qualquer lugar fechado que reúna várias pessoas, pois é sabido por todos que tanto fumantes como não-fumantes são prejudicados pela fumaça do cigarro, que além de atacar o pulmão de todos provocando o câncer, contribui consideravelmente para o aumento da poluição do ar, que já não anda muito bom devido ao excesso de automóveis e gases poluentes das indústrias.

Portanto, a proibição do fumo em lugares fechados, além de uma medida saudável, é uma prevenção de futuras doenças para a sociedade em geral."

Note que ao argumentar, o autor do texto utilizou fatos que comprovam sua opinião, tornando-a mais eficaz e contundente.

EXERCÍCIOS

1) **Escolha um tema, dê sua opinião e em seguida relacione fatos que a sustente.**
   AIDS
   DROGA
   FAMÍLIA
   ESCOLA
   TRÂNSITO
   ABORTO
   TELEVISÃO
   ESPORTE

CAPÍTULO 5

O PLANEJAMENTO DO TEXTO

Agora que você diferenciou título e tema, fato e opinião, está quase pronto para trabalhar o texto dissertativo. Falta ainda outro item importante: *o planejamento do texto*.

Normalmente, assim que você recebe um tema para trabalhar a dissertação, começa a dor de cabeça: "hoje estou sem inspiração", "não consigo ter nenhuma idéia", ou acontece o pior: entrega um texto com um amontoado de idéias sem unidade nenhuma.

O que fazer?

A resposta para essa pergunta é simples: Planejar o texto.

Como planejar?

Veja, quanto mais contato tiver com os meios de informações (TV, jornais, revistas, rádio, livros), maior será seu campo de visão sobre os assuntos, por isso é muito importante para a escrita que você leia constantemente a fim de que seu "arquivo" de conhecimentos esteja sempre cheio e atualizado, pois se suas idéias forem limitadas, assim será seu texto.

Observe um tema e o levantamento de idéias:

O Trânsito nas grandes cidades

– violência e morte no trânsito;
– as pessoas não respeitam a sinalização;
– à noite ocorrem muitos acidentes;
– o transporte coletivo é muito precário;
– na Europa o transporte é feito basicamente por trem e metrô;
– as pessoas preferem transporte particular a coletivo;
– o trânsito deixa as pessoas nervosas e violentas;
– as ruas estão muito estreitas;
– há poucos viadutos e vias de acesso rápido;

– a poluição é muito grande devido ao número excessivo de carros no centro da cidade;

– deveria ser limitado o número de veículos no centro da cidade, porém esta medida não agrada aos comerciantes;

– a prefeitura não tem verbas para melhorar o transporte coletivo;

– o transporte poderia ser privatizado e a prefeitura poderia fiscalizar o serviço.

Veja que o grande número de idéias levantadas, auxiliará a produção do texto.

EXERCÍCIOS

1) Faça um levantamento de idéias para os seguintes problemas:
   a) O problema da escola pública.
   b) A discriminação racial e social no país.

CAPÍTULO 6

A ORGANIZAÇÃO DAS IDÉIAS

No capítulo anterior, temos um número grande de idéias, porém desorganizadas. O próximo passo é agrupá-las. Uma boa divisão seria separá-las em: *causas*, *conseqüências* **e** *soluções*.

Separe somente aquelas que possuem uma linha de pensamento, que estão interligadas.

FATO: Trânsito caótico.

CAUSAS:

– Há muitos carros particulares no centro da cidade.
– As ruas não comportam o grande número de automóveis.
– O transporte coletivo não atende satisfatoriamente a população.
– Motoristas e pedestres não respeitam as leis de trânsito.

CONSEQÜÊNCIAS:

– Engarrafamentos, poluição, barulho, estresse.
– Insatisfação do usuário, perda de tempo.
– Acidentes graves, violência.

SOLUÇÕES:

– Reduzir o número de veículos no centro da cidade.
– Melhorar as condições dos transportes coletivos para que a população os use freqüentemente.
– Campanhas drásticas de educação de trânsito.
– Melhoria nas ruas, ampliando as vias de acesso rápido.
– Multar severamente os infratores.

De posse destes dados, a produção do texto fica muito mais fácil, e a possibilidade de atingir êxito é maior.

"O trânsito nas grandes cidades está se tornando caótico, pois o número excessivo de veículos, nestas ruas pequenas e sem condições, gera engarrafamentos quilométricos que por sua vez estressam os motoristas, contribuindo, assim, para o grande número de acidentes e mortes. Entretanto, o problema poderia ser resolvido com a melhoria do transporte coletivo, com a ampliação das marginais e viadutos, com a restrição de automóveis no centro, com uma campanha forte de educação e com a punição severa nas infrações."

Note que as idéias foram reelaboradas e só foram utilizadas algumas, que tinha proximidade com o raciocínio do autor.

EXERCÍCIOS

1) Elabore um planejamento de idéias para os temas a seguir:
   a) Investimento na saúde pública.
   b) A poluição nas grandes cidades.
   c) O aumento da criminalidade.
   d) A escolha da carreira.

2) Escolha um levantamento de idéias produzido no exercício anterior e faça a organização do texto em causa, conseqüência e conclusão. Em seguida elabore um parágrafo dissertativo.

CAPÍTULO 7

ESCREVENDO O TEXTO DISSERTATIVO

Como já visto o texto dissertativo é dividido em três partes distintas:

Introdução: **parte em que o autor expõe sua tese.**

Desenvolvimento: **parte em que o autor defende a tese com argumentos.**

Conclusão: **parte em que o autor confirma a tese, baseando-se nos argumentos.**

Pode-se perceber, portanto, que um texto dissertativo deve ter no mínimo três parágrafos.

Depois de ter estudado o planejamento e a organização do texto, de ter diferenciado fato e opinião, causas e conseqüências, você verá a produção do texto dissertativo.

A PRODUÇÃO DO TEXTO

Ao produzir um texto dissertativo, você deve considerar os objetivos e o leitor a que o texto pretende atingir. Se pretende persuadir o leitor de que sua opinião a respeito do assunto está certa, seu texto deve conter argumentos convincentes; se apenas pretende externar suas opiniões, basta expor seu ponto de vista sem preocupações de convencer; se o leitor não possui conhecimento prévio sobre o assunto, é melhor situá-lo e depois argumentar; se é uma resposta a um outro texto, você deve colher os

argumentos do texto anterior e rebatê-los. Preocupando-se com o objetivo e com o leitor de seu texto, certamente terá êxito em seus propósitos.

A) O PARÁGRAFO DISSERTATIVO

Parte introdutória em que o autor apenas mostra como o assunto será abordado. Temos:

Tópico frasal: **parte em que o autor generaliza o assunto.**

Desenvolvimento: **parte em que o autor especifica o assunto.**

EXEMPLO:

Tópico frasal: **O trânsito torna as pessoas agressivas.**

Veja que o autor apenas expõe o ponto de vista de modo geral.

Desenvolvimento: **Ficar horas parado em engarrafamentos perdendo o horário de trabalho, ou mesmo lazer; ouvindo barulho, inalando fumaças; tudo isso gera no indivíduo um desconforto físico e mental que aliado ao estresse das cidades grandes vai tornando as pessoas mais agressivas.**

Veja que o autor especificou o que foi exposto no tópico frasal.

EXERCÍCIOS

1) Desenvolva os tópicos frasais a seguir:

a) A programação das emissoras de televisão contribuem para o aumento da violência nas ruas.

b) Muitos acontecimentos danosos em nossas vidas podem contribuir para o nosso crescimento enquanto ser humano.

2) Baseando-se nas propostas, elabore um tema. A seguir faça um parágrafo dissertativo a respeito.

a) A cola na escola.

tema:

parágrafo:

b) A falta de diálogo entre pais e filhos.

tema:

parágrafo:

B) DESENVOLVIMENTO DO TEXTO DISSERTATIVO

Pode-se desenvolver o texto dissertativo de diversas maneiras: enumeração, causa/conseqüência, exemplificação, confronto, dados estatísticos e citações.

Veremos como trabalhar com esses tipos de desenvolvimento:

1) *Enumeração:* **Consiste em especificar a idéia central através de pormenores, enumerações.**

"Para que o aluno sinta-se motivado a estudar, a escola deve oferecer uma série de condições favoráveis.

Um prédio amplo, espaçoso cria um conforto físico facilitando o aprendizado, pois é praticamente impossível assimilar algo com desconforto.

Atividades constantes e diversificadas quebram a monotonia da classe, aguçando a curiosidade do aluno e por sua vez motivando-o para a aprendizagem.

Relacionamento amistoso entre diretoria, professores e alunos proporciona um clima ameno e favorável para o trabalho. (...)"

Note que o autor foi enumerando e explicitando cada item de seus argumentos.

2) *Causa/conseqüência*: **É freqüentemente usado este recurso no desenvolvimento dos textos dissertativos; o autor apresenta a**

causa do problema para em seguida mostrar as possíveis conseqüências.

"Grande parte da população não confia nos políticos, pois a maioria vive discutindo meios que favorecem a perpetuação do poder próprio; e os problemas que atrapalham a vida do povo geralmente são esquecidos."

Note que a CAUSA da falta de credibilidade dos parlamentares é que a maioria está preocupada com o poder, trazendo como CONSEQÜÊNCIA o esquecimento dos problemas que afligem a vida da população.

O autor desenvolveu seu texto, defendendo os argumentos com causa e conseqüência.

3) *Exemplificação*: **Outro meio de argumentação que facilita o trabalho do autor; nele mostra-se exemplos que comprovam a defesa dos argumentos.**

"A pena de morte não deve ser aprovada, pois não é eficaz no combate contra o crime. Em países como os Estados Unidos, onde a lei existe e é aplicada com freqüência, o crime não diminuiu; e, inclusive, é maior que em alguns países em que não há esta lei. A Suécia é um exemplo, onde o índice de criminalidade é muito pequeno."

Neste texto, o autor utilizou exemplos para defender o seu ponto de vista: "A não aprovação da pena de morte."

4) *Confronto*: **Consiste em comparar seres, fatos ou idéias enfatizando as igualdades e desigualdades entre eles.**

"A leitura é muito mais enriquecedora no processo criativo do que o ato de assistir à televisão. No livro o leitor cria, organiza imagens; enquanto na televisão a imagem já vem construída, limitando o trabalho de criação do receptor."

Veja que o autor confrontou duas idéias para defender a idéia central.

5) *Dados estatísticos*:

"Segundo pesquisa do IBGE, publicada na *Veja* **desta semana, de cada dez crianças nascidas no sertão do Norte e Nordeste do Brasil, cinco morrem antes de completar sete anos de idade. Não é possível que um país que acena para a modernidade deixe suas crianças morrerem por doenças facilmente curáveis ou de inanição. Nossos governantes devem dar condições para que a população menos favorecida tenha direito à vida."**

Perceba que para defender o ponto de vista de que o governo não cuida da saúde e da alimentação das crianças, o autor se apoiou em dados estatísticos confiáveis.

Importante: **Dados estatísticos só podem ser usados mediante comprovação.**

6) *Citações*: **Consiste em citar frases, máximas, trechos ou obras de escritores, intelectuais, políticos, etc.**

"A mídia consagra e destrói pessoas num instante com o aval do público, que como gado segue a marcha da maioria; ídolos são trocados com rapidez absurda, políticos esquecidos são ressuscitados, vota-se por programa de televisão e não por programa de governo. A maioria esmagadora é a representação cega e surda da mídia; Nelson Rodrigues, grande fazedor de frases já dizia: 'Amigos, a unanimidade é burra.' Está certo, o Nelson."

C) CONCLUSÃO DO TEXTO DISSERTATIVO

O texto não termina quando os argumentos foram expostos, é necessário atar as idéias da introdução com os argumentos. O parágrafo de conclusão tem por finalidade amarrar todo o processo do texto por meio de síntese ou confirmação dos argumentos.

A conclusão pode ser:

1) conclusão-síntese;
2) conclusão-solução;
3) conclusão-surpresa.

OBSERVAÇÃO: serão usados os textos do tópico: DESENVOLVIMENTO DO TEXTO DISSERTATIVO.

1) *Conclusão-síntese:* **É a mais comum entre as usadas, tem por finalidade resumir todo o texto trabalhado em um parágrafo; no entanto, deve-se tomar cuidado ao usá-la para que o texto não se torne repetitivo.**
(Concluindo o texto do item enumeração.)

"Sendo assim, faz-se necessário que a escola crie meios para que o aluno sinta-se motivado a fim de que seu rendimento seja satisfatório."

Note que a conclusão resume as idéias trabalhadas ao longo do texto.

2) *Conclusão-solução:* **Esta conclusão apresenta soluções para o problema exposto.**
(Concluindo o texto do item causa/conseqüência.)

"Portanto, nossos parlamentares devem dar prioridades aos problemas da população, como saúde, habitação e educação. Itens básicos que ainda não foram solucionados; e, acima de tudo, devem procurar trabalhar mais ao invés de criar 'lobbies' para proveito próprio."

Note que, neste caso, o autor mostra o que deve ser feito: indica uma proposta.

3) *Conclusão-surpresa*: **É o tipo de conclusão que exige mais trabalho e talento do autor, pois nela pode-se apresentar uma cita-**

ção, um fato pitoresco, uma piada, uma ironia, um final poético ou qualquer outro que cause um estranhamento no leitor, deixando-o surpreso.

(Concluindo o texto do item exemplificação, página 121.)

"É uma pena que pessoas ainda procurem soluções utilizadas há centenas de anos que nada ajudaram a modificar a criminalidade, métodos bárbaros que ferem a inteligência humana. Na verdade, essas soluções são uma pena e de morte."

Note que o autor, usando trocadilhos entre "pena de morte" e as expressões "uma pena" e "de morte", faz com que o texto termine de forma jocosa e irônica.

EXERCÍCIOS

1) Baseando-se nas exposições teóricas sobre desenvolvimento do texto dissertativo e conclusão, faça o que se pede.
   a) Elabore um texto sobre o trabalho escravo, usando: dados estatísticos e conclusão-solução.
   b) Elabore um texto sobre violência nos estádios, usando: exemplificação e conclusão-síntese.
   c) Elabore um texto sobre intolerância das religiões, usando: enumeração e conclusão-surpresa.

CAPÍTULO 8

A DISSERTAÇÃO SUBJETIVA

Na dissertação subjetiva o autor tem por objetivo comover o leitor, despertar-lhe alguma emoção. Diferente da dissertação objetiva, a subjetiva apresenta um texto mais leve, carregado de impressões pessoais do autor, a linguagem é trabalhada com delicadeza e lirismo, muito próxima da linguagem poética.

Veja um texto a respeito da solidão:

DA SOLIDÃO

Cecília Meireles

Há muitas pessoas que sofrem do mal da solidão. Basta que em redor delas se arme o silêncio, que não se manifeste aos seus olhos nenhuma presença humana, para que delas se apodere imensa angústia: como se o peso do céu desabasse sobre a sua cabeça, como se dos horizontes se levantasse o anúncio do fim do mundo.

No entanto, haverá na terra verdadeira solidão? Não estamos todos cercados por inúmeros objetos, por infinitas formas da Natureza e o nosso mundo particular não está cheio de lembranças, de sonhos, de raciocínios, de idéias, que impedem uma total solidão?

Tudo é vivo e tudo fala, em redor de nós, embora com vida e voz que não são humanas, mas que podemos aprender a escutar, porque muitas vezes essa linguagem secreta ajuda a esclarecer o nosso próprio mistério. Como aquele Sultão Mamude, que entendia a fala dos pássaros, podemos aplicar toda a nossa sensibilidade a esse aparente vazio de solidão: e pouco a pouco nos sentiremos enriquecidos.

Pintores e fotógrafos andam em volta dos objetos à procura de *ângulos*, jogos de luz, eloqüência de formas, para revelarem aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais *comunicável*, o mais rico de sugestões, o mais capaz de transmitir aquilo que excede os limites físicos desses objetos, constituindo, de certo modo, seu espírito e sua alma.

Façamo-nos também desse modo videntes: olhemos devagar para a cor das paredes, o desenho das cadeiras, a transparência das vidraças, os dóceis panos tecidos sem maiores pretensões. Não procuremos neles a beleza que arrebata logo o olhar o equilíbrio de linhas, a graça das proporções: muitas vezes seu aspecto – como o das criaturas humanas – é inábil e desajeitado. Mas não é isso que procuramos, apenas: é o seu sentido íntimo que tentamos discernir. Amemos nessas humildes coisas a carga de experiências que representam, e a repercussão, nelas sensível, de tanto trabalho humano, por infindáveis séculos.

Amemos o que sentimos de nós mesmos, nessas variadas coisas, já que, por egoístas que somos, não sabemos amar senão aquilo em que nos encontramos. Amemos o antigo encantamento dos nossos olhos infantis, quando começavam a descobrir o mundo: as nervuras da madeira, com seus caminhos de bosques e ondas e horizontes; o desenho dos azulejos; o esmalte das louças; os tranqüilos, metódicos telhados... Amemos o rumor da água que corre, os sons da máquinas, a inquieta voz dos animais, que desejaríamos traduzir.

Tudo palpita em redor de nós, e é como um dever de amor aplicarmos o ouvido, a vista, o coração a essa infinidade de formas naturais ou artificiais que encerram seu segredo, suas memórias, suas silenciosas experiências. A rosa que se despede de si mesma, o espelho onde pousa o nosso rosto, a fronha por onde se desenham os sonhos de quem dorme, tudo, tudo é um mundo com passado, presente, futuro, pelo qual transitamos atentos ou distraídos. Mundo delicado, que não se impõe com violência: que aceita a nossa frivolidade ou o nosso respeito; que espera que o descubramos, sem se anunciar nem pretender prevalecer; que pode ficar para sempre ignorado, sem que por isso deixe de existir; que não faz da sua presença um anúncio exigente "Estou aqui! estou aqui". Mas, concentrado em sua essência, só se revela quando os nossos sentidos estão aptos para o descobrirem. E

que em silêncio nos oferece sua múltipla companhia, generosa e invisível.

Oh! se vos queixais de solidão humana, prestai atenção em redor de vós, a essa prestigiosa presença, a essa copiosa linguagem que de tudo transborda, e que conversará convosco interminavelmente.

(*Escolha Seu Sonho*. Rio de Janeiro, Record, p. 35-38.)

Note como o texto é carregado de impressões pessoais da autora:

"Amemos o que sentimos de nós mesmos, nessas variadas coisas, já que, por egoístas que somos, não sabemos amar senão aquilo em que nos encontramos."

"Oh! se vos queixais de solidão humana, prestai atenção em redor de vós, a essa prestigiosa presença, a essa copiosa linguagem que de tudo transborda, e que conversará convosco interminavelmente."

A autora, entendendo que todos sofremos do mal da solidão, convida-nos a contemplar o mundo que nos rodeia para que nos afastemos da solidão. Sua linguagem sensibiliza, convence por meio da emoção. A dissertação subjetiva, além de persuadir o leitor pela razão, conquista-o também pela emoção.

EXERCÍCIOS

1) Leia os dois textos a seguir sobre a Televisão e indique qual texto apresenta dissertação objetiva e qual apresenta dissertação subjetiva. Retire passagens do texto que comprovem suas respostas.

A SUPREMACIA DA TV

A televisão começou a se expandir rapidamente após o final da Segunda Guerra Mundial. Na época, o cinema monopolizava o público noturno e o rádio era um meio de comunica-

ção de ampla penetração no cotidiano dos lares. A televisão poderia ser vista, em termos de comunicação, mais próxima do rádio que do cinema. Para se assistir a um filme era preciso organizar-se. Como no teatro, no balé, era preciso acompanhar o programa daquela semana, escolher uma noite para sair e vestir-se adequadamente. Cinema era um acontecimento social como o baile, pois mantinha o caráter de excepcionalidade: tratava-se de um programa diferente daquele que normalmente se fazia à noite.

Com o rádio e – mais tarde – com a televisão, a relação com o meio de comunicação mudou. Primeiro, porque, além de distrair, são veículos (...) que informam as pessoas e funcionam como meio de atualização; segundo, porque vão até a casa das pessoas, em vez de as pessoas irem até eles; terceiro, porque tornam-se "da família", são cotidianos e têm recepção regular e contínua. O rádio e a televisão funcionam de forma parecida à daqueles jornais que são entregues gratuitamente e regularmente nas casas.

O que significam essas diferenças? São as *relações distintas* que as pessoas mantêm com os meios de comunicação. O fato de as pessoas se programarem para sair à noite e assistir a um concerto é bem diferente do fato de as pessoas estarem assistindo à televisão e depararem com um concerto, transmitido por uma emissora. É o oposto, pois, no primeiro caso, o homem vai em busca de seu entretenimento, paga por ele, exige qualidade, julga, emite juízos e críticas. Em outras palavras, ele tem consciência de ser fundamental para a existência do espetáculo como produção cultural: é do seu dinheiro que o concerto sobrevive. Ficando em casa, nada disso acontece. Ele possui um aparelho de televisão e recebe "gratuitamente", como brinde, como dádiva, tudo o que emitem, e isso já lhe tira o direito de criticar, pois nada paga no ato; pagará após, consumindo os produtos anunciados pela publicidade. Aqui, o homem já não é mais "agente de sobrevivência" do programa; este funciona perfeitamente sem ele.

Atualmente, as emissoras têm um interesse real em saber se o telespectador permanece ou não em determinado canal, se mantém ou não o aparelho ligado, mas não é a mesma preocupação dos diretores de teatro ou cinema do passado com a

bilheteria. Se naquela época o vazio das salas de espetáculo era motivo para o realizador melhorar a qualidade de seu produto, hoje a queda do nível de audiência é um meio que leva a TV a alterar sua programação, visando somente ao aumento do número de telespectadores.

Antigamente, a crítica e a reação do público levavam a um investimento qualitativo maior, pois havia uma preocupação estética, uma busca de aprimoramento do gosto. Hoje, o fato de o telespectador receber gratuitamente o programa e não poder "exigir seu dinheiro de volta" leva a emissora a buscar somente o aumento numérico de público, rebaixando a qualidade dos programas aos níveis "da massa", vulgarizando-os, padronizando-os, impondo o que se chama de valor mercadológico. Interessa apenas vender o programa, não importando a qualidade.

(*A Supremacia da TV.* **Ciro Marcondes Filho [***Televisão – a vida pelo vídeo***, 6ª ed, São Paulo, Moderna, 1991, p 29-21. Apud** *Linguagem Nova***. Faraco e Moura. Moderna, 1995, p. 78-79].)**

ELA TEM ALMA DE POMBA

Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro, em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida. Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para depois pegar uma sessão das 8 no cinema. Agora todo mundo fica em casa vendo uma novela, depois outra novela.

O futebol também pode ser prejudicado. Quem vai ver um jogo do Estrela do Norte F.C., se pode ficar tomando cervejinha e assistindo a um bom Fla-Flu, ou a um Inter x Cruzeiro, ou qualquer coisa assim?

Que a televisão prejudica a leitura de livros, também não há dúvida. Eu mesmo confesso que lia mais quando não tinha televisão. Rádio a gente pode ouvir baixinho, enquanto está lendo um livro. Televisão é incompatível com livro – e com tudo mais nesta vida, inclusive a boa conversa, até o *making love***.**

Também acho que a televisão paralisa a criança numa cadeira mais do que o desejável. O menino fica ali parado, vendo e ouvindo, em vez de sair por aí, chutar uma bola, brincar de bandido, inventar uma besteira qualquer para fazer.

Só não acredito que televisão seja máquina de fazer doido. Até acho que é o contrário, ou quase o contrário: é máquina de amansar doido, distrair doido, acalmar, fazer doido dormir.

Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que se pode fazer é que não existe nenhum aparelho de TV, a cores ou em preto e branco, sem um botão para desligar. Mas quando um pai de família o utiliza, isso pode produzir o ódio e rancor no peito das crianças e até de outros adultos.

Quando o apartamento é pequeno e a família é grande, e a TV é só uma – então sua tendência é para ser um fator de rixas intestinas.

– Agora você se agarra nessa porcaria de futebol...

– Mas, francamente, você não tem vergonha de acompanhar essa besteira de novela?

– Não sou eu não, são as crianças!

– Crianças, para a cama!

Mas muito lhe será perdoado, à TV, pela sua ajuda aos doentes, aos velhos, aos solitários. Na grande cidade – num apartamentinho de quarto e sala, num casebre de subúrbio, numa orgulhosa mansão – a criatura solitária tem nela a grande distração, o grande consolo, a grande companhia. Ela instala dentro de sua toca humilde o tumulto e o frêmito de mil vidas, a emoção, o *suspense*, **a fascinação dos dramas do mundo.**

A corujinha da madrugada não é apenas a companheira de gente importante, é a grande amiga da pessoa desimportante e só, da mulher velha, do homem doente... É a amiga dos entrevados, dos abandonados, dos que a vida esqueceu para um canto... ou que no meio da noite sofrem o assalto de dúvidas e melancolias... mãe que espera filho, mulher que espera marido... homem arrasado que espera que a noite passe, que a noite passe, que a noite passe...

(*Ela tem alma de pomba***. Rubem Braga [200** *Crônicas Escolhidas***. 5ª ed. Rio de Janeiro. Recordo, 1978, p. 318-319].)**

2) **Elabore duas dissertações com o mesmo tema, sendo que uma será objetiva e a outra, subjetiva.**

3) **Desenvolva um texto dissertativo subjetivo, baseando-se na frase a seguir:**

   "Que não seja imortal posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure."

4) **Observe a imagem abaixo e elabore um descrição subjetiva mostrando sua opinião e emoção.**

PROPOSTAS DE REDAÇÃO
DISSERTAÇÃO

1) A intenção e a realidade

Não se pode negar que a decisão a que chegaram os juízes de menores de dezessete municípios do Vale do Paraíba, proibindo a venda de cigarros a menores de 18 anos, tenha sido tomada com a melhor das intenções. Os magistrados que assinaram provimento nesse sentido o fizeram com o objetivo de proteger a saúde da juventude contra um hábito cujos efeitos perniciosos serão tanto mais graves quanto mais cedo tenha sido adquirido. Se o motivo é justo, e a intenção louvável, a medida é certamente irrealista: não haverá necessidade de muito esforço imaginativo para burlar a determinação, principalmente por estar dirigida a uma faixa etária que, em sua natural necessidade de auto-afirmação, não perde ocasião para rebelar-se contra a autoridade. E é este, aliás, um dos motivos que levam o adolescente a experimentar o primeiro cigarro, falsamente convencido de que, com tal gesto, está pondo em xeque instituições e valores considerados tradicionais e obsoletos.

Não se pode ignorar, por outro lado, o poder persuasivo dos meios de divulgação, e especialmente a TV, a que os jovens estão expostos. Numa fase de desenvolvimento da personalidade marcada por uma difícil e angustiosa construção da própria identidade, o jovem é particularmente sensível a apelos cujos conteúdos – justamente pelo grau de ilusão que encerram – são os mais atrativos.

É o caso da sofisticada e insistente publicidade em torno do cigarro feita na televisão. Associado ao lazer, a profissões e atividades socialmente reconhecidas como símbolo de *status* **e – contraditoriamente – ao esporte; desfrutado por personagens jovens dinâmicos e cheios de vida; suporte de valores relacionados com projetos de ascensão social – o cigarro é apresentado ou como a chave para ingressar nesse mundo mágico e exclusivo, ou como a marca distintiva dos que dele fazem parte.**

Não resta a menor dúvida de que a irrealidade de tais apelos não resiste à mais elementar análise. Não é à razão,

contudo, que se dirigem, pois seu poder evocativo reside justamente na relação imaginária que estabelecem com o telespectador, convencendo antes pelo clima especial que produzem do que por meio de argumentações.

Nesse sentido, qualquer medida contra o tabagismo, para ser eficaz, deve levar em consideração as determinações tanto psicológicas como sociais vinculadas ao hábito de fumar, visando antes as motivações que o vício em si. É por esta razão que a simples proibição da venda de cigarros a menores de 18 anos seguramente não atingirá os objetivos que a motivaram. A decisão dos magistrados, no entanto, tem o mérito de chamar a atenção para o problema.

O tabagismo, tanto pelos riscos que representa para a saúde da população, como pela complexidade dos fatores que o determinam, não pode ser encarado com gestos apenas bem-intencionados. Só será eficazmente combatido na medida em que o Juizado de Menores, as instituições médicas, pedagógicas, os meios de divulgação conjugarem esforços numa ampla campanha destinada não só a divulgar os males que origina, mas a atacar as causas que o determinam.

(Editorial da *Folha de S. Paulo*, **1981.)**

a) Faça a divisão estrutural deste texto dissertativo.
b) Selecione os argumentos do autor.
c) Elabore um texto concordando ou discordando do autor.

2) (PUCC)

1. Leia o texto dado a seguir e analise as idéias nele contidas.
2. Com base nessas idéias, faça uma *dissertação* **em que você exponha seus pontos de vista e suas conclusões.**
3. Lembre-se de que "dissertar" é expor idéias de modo claro e coerente. Procure chegar a conclusões decorrentes da argumentação que você tiver apresentado.

Em nenhum outro lugar a vida está sendo um jogo tão perigoso como nas grandes cidades. Na cidade grande tudo pode acontecer, quando tudo é possível está instalado o absurdo. Com este, o seu filho mais direto: o medo.

Assim, o medo é o pão cotidiano dos cidadãos, fruto das ameaças a que estão submetidos. E onde estão as ameaças está a violência. Mas abordar o tema da violência torna-se um tanto difícil, pois sua realidade percorre desde as violências vermelhas (sangrentas) até as violências brancas (como a que esmaga o empregado de linha-de-montagem que, nas grandes indústrias, é na verdade o prisioneiro de um campo de concentração habilmente disfarçado).

Para muitas pessoas, essas afirmações podem parecer exageradas. Isto se explica pelo fato de que escapam da nossa percepção diária aquelas situações a que estamos excessivamente habituados. Se vivêssemos no fundo do mar, a coisa da qual teríamos menos consciência constante seria a própria água. Esse comportamento abriga, primeiro, a virtude que o ser humano tem de ser muito adaptativo; segundo, o defeito que o homem tem de se adaptar até àquilo que deveria, que precisaria contestar.

3) (UNICAMP) Comentando o noticiário relativo às manifestações da juventude no período em que se discutia a possibilidade de *impeachment* **do Presidente Collor, o Sr. E.B.M. enviou ao jornal** *Folha de S. Paulo* **a seguinte carta:**

É irritante ler, nas últimas semanas, a cobertura das manifestações contra o poder central por parte da 'juventude'. Excluindo qualquer juízo de valor sobre o processo, o que se deve ter como verdade é que é extremamente fantasioso se admitir que a nossa juventude tenha toda essa capacidade de percepção. É notória a cretinice da juventude brasileira. O 'zeitgeist', o espírito da época, submerge a atual geração num mar de hedonismo e irresponsabilidade. É lindo fazer revolução com tênis Reebok e jeans Forum. O que eu gostaria de ver, mesmo, é como essa juventude vagabunda, indolente e indisciplinada como a brasileira se comportaria diante de um grupo de choque, como nos confrontos que ocorreram em Seul.

(E.B.M., *Painel do Leitor, Folha de S. Paulo,* **01/09/92).**

A leitura atenta da carta do Sr. E.B.M. permite identificar algumas de suas opiniões sobre os jovens, expressas mais ou menos diretamente. Para escrever sua redação, siga as seguintes instruções:

INSTRUÇÕES GERAIS

- **identifique 3 (três) das opiniões emitidas pelo Sr. E.B.M.;**
- **transcreva-as na sua folha de redação;**
- **após ter feito isso, escreva uma carta, dirigida ao Sr. E.B.M., apresentando argumentos para convencê-lo de que está equivocado. Neste exercício de argumentação, você deverá discordar, portanto, das opiniões que identificou na carta.**

ATENÇÃO: ao assinar a carta, use apenas as iniciais de seu nome.

4)

"Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a idéia de fundar uma Igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos (...) Está claro que (o Diabo) combateu o perdão das injúrias e outras máximas de brandura e cordialidade. Não proibiu formalmente a calúnia, mas induziu a exercê-la mediante retribuição, ou pecuniária, ou de outra espécie. (...) A Igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois, notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam antigas virtudes. (...) Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano (...) muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros."

(*Nota:* **embaçar: lograr, enganar)**

(FUVEST) Este trecho do conto "A Igreja do Diabo", de Machado de Assis, descreve a necessidade que o homem teria de regras que lhe digam o que fazer e como se comportar. Uma

vez conseguido isso, ele passaria a violar secretamente as normas que tanto desejou.

Escreva uma dissertação que analise esta visão que o autor tem do comportamento humano. Você pode discordar ou concordar com ela, desde que seus argumentos sejam fundamentados.

O maior mérito estará numa argumentação coesa capaz de levar a uma conclusão coerente.

5) Observe com atenção o desenvolvimento dos quadrinhos a seguir. Transforme o significado que o autor quis transmitir com as imagens em um texto dissertativo.

6) (FUVEST)

1º caderno – quarta-feira, 10/10/90

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

Terra de Cegos

Há um conto de H. G. Wells, chamado *A Terra dos Cegos*, **que narra o esforço de um homem com visão normal para persuadir uma população cega de que ele possui um sentido do qual ela é destituída; fracassa, e afinal a população decide arrancar-lhe os olhos para curá-lo de sua ilusão.**

Discuta a idéia central do conto de Wells, comparando-a com a do ditado popular "Em terra de cego quem tem um olho é rei". Em sua opinião essas idéias são antagônicas ou você vê um modo de conciliá-las?

7) Leia o texto a seguir e observe depois as instruções.

EU NÃO O CONHECI

Meu filho foi embora e eu não o conheci. Acostumei-me com ele em casa e me esqueci de conhecê-lo. Agora que sua ausência me pesa, é que vejo como era necessário tê-lo conhecido.

Lembro-me dele. Lembro-me bem em poucas ocasiões.

Um dia, na sala, ele me puxou a barra do paletó e me fez examinar seu pequeno dedo machucado. Foi um exame rápido.

Uma outra vez me pediu que lhe consertasse um brinquedo velho. Eu estava com pressa e não consertei, mas lhe comprei um brinquedo novo. Na noite seguinte, quando entrei em casa, ele estava deitado no tapete, dormindo e abraçado ao brinquedo velho. O novo estava a um canto.

Eu tinha um filho e agora não o tenho mais porque ele foi embora. E este meu filho, uma noite, me chamou e disse:

– Fica comigo. Só um pouquinho, pai.

Eu não podia; mas a babá ficou com ele.

Sou um homem muito ocupado. Mas meu filho foi embora. Foi embora e eu não o conheci.

(FRANÇA JÚNIOR, Oswaldo. *As laranjas iguais*.
2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985, p. 37.)

Propomos que você elabore dois textos:

a) uma carta dirigida ao pai (se quiser, você pode escrever como se fosse o filho);
b) uma dissertação que desenvolva o tema sugerido pelo texto.

8)

Por que algumas pessoas têm este tipo de pensamento?

9) (FUVEST 93)

Texto 1

"Voltemos à casinha. Não serias capaz de lá entrar hoje, curioso leitor; envelheceu, emagreceu, apodreceu, e o proprietário deitou-a abaixo para substituí-la por outra, três vezes maior, mas juro-te que muito menor que a primeira. O mundo era estreito para Alexandre; um desvão de telhado é o infinito para as andorinhas."

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas.***)**

Texto 2

"O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia.
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia.
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia,...

(Fernando Pessoa, *Poemas de Alberto Caeiro.***)**

O quadro anterior é do pintor surrealista René Magritte (1898-1967).

A frase nele inscrita (em francês) significa:

"ISTO CONTINUA A NÃO SER UM CACHIMBO."

A partir da relação entre esse quadro e os textos 1 e 2, é possível afirmar que tudo é relativo? Redija uma dissertação, defendendo o seu ponto de vista a esse respeito.

10) (FUVEST 94)

Redija no caderno de Redação

"*Antes mundo era pequeno*
Porque Terra era grande
Hoje o mundo é muito grande
Porque Terra é pequena
Do tamanho da antena parabolicaramá."
(Gilberto Gil)

"Como democratizar a TV, o rádio, a imprensa, que são o oxigênio e a fumaça que a nossa imaginação respira? Como seria uma TV sem manipulação? São perguntas difíceis, mas a luta social efetiva, e sobretudo um projeto de futuro, são impossíveis sem entrar nesse terreno."
(Roberto Schwarz)

"Tevê colorida
fará azul-rósea
a cor da vida?"

(Carlos Drummond de Andrade)

Relacione os textos acima e redija uma dissertação, em prosa, discutindo as idéias neles contidas apresentando argumentos que comprovem e/ou refutem essas idéias.

11)

Você concorda com Samuel? Nossa vida depende de nós mesmos?

Mostre o que pensa a respeito.

12) Leia o texto a seguir e elabore uma dissertação, usando dados estatísticos e exemplificação em sua argumentação.

"ESCRAVO" CUSTA US$ 300 NO SUL DO PARÁ

É possível contratar trabalho "escravo" por telefone no Brasil.

Um fazendeiro paulista mostrou à *Folha* **como é fácil fazer o acerto com empreiteiros de trabalho em fazendas no sul do Pará. Ele ligou, às 19h30 do dia 20, para o maranhense Adão dos Santos Franco, em Santana do Araguaia (700 km ao sul de Belém). Com cem ou 120 "peões" recrutados no Nordeste ou Goiás, Franco garantiu desmatar 250 alqueires em**

São Félix do Xingu cobrando US$ 300 por alqueire ou o equivalente em arroba de boi.

Na conversa por telefone, o fazendeiro usou um nome fictício (João Monteiro Neto), dizendo ser conhecido de um ex-cliente de Franco – Tarley Euvécio Martins, gerente da fazenda Santo Antonio do Indaiá, no município de Ourilândia do Norte. Lá, em julho de 91, a Polícia Militar libertou 16 "trabalhadores escravizados", segundo a Polícia Federal, por "seguranças" de Adão Franco.

Fugas

Segundo Franco, o serviço prestado ao fazendeiro paulista seria realizado com um esquema de segurança para impedir fugas. O transporte dos "peões" seria com dois ou três ônibus fretados para passar pelas barreiras policiais nas estradas. Essa é uma nova forma para transportar "escravos". Antes eles eram levados em caminhões de bois.

O novo sistema de transporte foi adotado depois que se intensificaram na região denúncias sobre trabalho forçado feitas pela CPT (Comissão Pastoral da Terra), ligada à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

Os casos denunciados pela CPT levaram a OIT (Organização Internacional do Trabalho) a incluir o Brasil, no início do mês, entre os nove países do mundo com sérios problemas de trabalho escravo. Foram 16.442 pessoas escravizadas, em 92, segundo o relatório da CPT.

As denúncias sobre trabalho escravo começaram, em 83, pelo sul do Pará, área de expansão rural que se tornou um dos maiores palcos de conflitos fundiários do país. Mas o relatório de 92 aponta que o Pará, com 165 casos, já perdeu o título de "campeão nacional de escravos".

As fazendas também deixaram de ser as principais "senzalas". Em Mato Grosso do Sul, a CPT registrou 8.235 escravos em carvoarias. A prática criminosa, segundo a CPT, foi constatada também em Estados de Regiões mais desenvolvidas, como no Rio Grande do Sul, onde foram registrados 3.450 escravos.

(*Folha de S. Paulo*)

13) Leia o belíssimo texto do jornalista Gilberto Dimenstein e escreva um texto dissertativo em que você cite alguma passagem.

Adoro ser jornalista, mas estou insatisfeito. Diria mais: sinto-me frustrado. Com a queda do regime militar, conseguimos nos libertar da censura, mas o jornalismo ainda é vítima de um dos piores tipos de ditadura – a ditadura da ignorância. Antes, porém, a indignação era maior e conhecíamos os inimigos.

Somos um país povoado por analfabetos e semi-analfabetos, gente que não sabe ler. Ou, quando sabe, não entende o que escrevemos, devido à total incapacidade de abstração. Pior notícia impossível para um país às vésperas de uma eleição.

Não existe liberdade sem imprensa – mas também não existe sem leitor. Por isso, neste Dia do Jornalista, gostaria de reverenciar outra categoria, vítima da desmoralização diária expressa em salários indignos e vexaminosas condições de trabalho: o professor. Cabo de transmissão da cidadania, sem ele não temos nem bons leitores nem bons eleitores.

A educação está para o homem como as asas aos pássaros. Viramos uma imensa fábrica de paralíticos. Homens engaiolados pela institucionalização da ignorância. Multidões que são cegas por não enxergarem o que vêem, surdas por não entenderem o que ouvem e mudas por não conseguirem expressar o que está em suas gargantas e corações. Fala-se muito de meninos de rua. Mas, na verdade, eles não existem. O que existe são os meninos fora da escola. E os milhões que estão nas salas de aulas vivem, na prática, o abandono. Está aí o grande drama nacional. O resto é detalhe.

O drama do jornalista, hoje, e de todos aqueles que fazem da liberdade sua matéria-prima, é que estamos produzindo crianças abandonadas na escola. Só uma pequena parcela vai concluir pelo menos os quatro primeiros anos, vitais para a alfabetização. E muitos dos que concluem pouco aprenderam. Produzimos crianças abandonadas que, por sua vez, serão adultos abandonados, legando novas gerações de seres irremediavelmente abandonados. Abandonados que nunca terão asas para voar.

(Gilberto Dimenstein – Diretor sucursal de Brasília
***Folha de S. Paulo.*)**

14) (UNESP-85)

No fragmento da crônica "Filhos de estimação", de Lourenço Diaféria, somos colocados ante o problema das crianças abandonadas. Faça uma redação sobre o mesmo tema, intitulando-a "Crianças nas ruas", ou dando-lhe o título que preferir.

Filhos de estimação

Li em algum lugar que uma entidade protetora de animais está oferecendo cães e gatos abandonados a pessoas de bom coração que queiram adotá-los. Os animais passaram por veterinários, estão ótimos de saúde, não oferecem perigo. Por que foram atirados à rua? Quem sabe, porque as pessoas enjoam dos bichos quando eles crescem. Ou porque o bicho dá trabalho. Não sei, porém, se vocês repararam que os cachorros e gatos vagabundos estão diminuindo nas ruas. Era comum antes topar com dezenas de vira-latas perambulando pelas calçadas, cheiriscando muros e latas de lixo. Agora pouca gente usa lata para guardar lixo. O próprio lixo emagreceu, não tem mais a atração da fartura de desperdício de tempos atrás. Inflação, custo de vida, essas coisas. A captura municipal se aprimorou. A campanha de prevenção da raiva alertou os donos dos bichos. E os automóveis não perdoam cachorro e gato distraído.

Para substituir esses animaizinhos desvalidos surgem novos bandos de crianças desgarradas em São Paulo. Se antes uma criança pedindo esmola chamava nossa atenção, hoje nós a olhamos com naturalidade e indiferença. Dar ou recusar uma esmola, uma moeda, tornou-se um gesto maquinal.

Suponho que o destino desses guris está selado: eles acabarão na cadeia. Ou nos encostarão contra a parede a qualquer momento, o revólver em nosso peito.

É possível que amanhã, com outro governo, o Brasil não seja um grande exportador de armas, mas passe a ser conhecido no mundo como um país de brio que deu às crianças esquálidas e tristes não direi diploma de doutor, isso seria um enorme milagre inútil. Mas uma oportunidade de trabalho, ao menos isso, com um pagamento que lhes permita, depois de aprender uma profissão prática, ganhar a vida com o coração limpo e honestidade. Podemos sonhar acordados.

(Lourenço Diaféria, *Jornal da Tarde,* **26/9/84.)**

15) Leia as frases a seguir e elabore um texto relacionado ao tema

a) "Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência, e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade."
(Art. 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos – ONU.)

b) "Os homens não melhoraram e matam-se como percevejos."
(Andrade, Carlos Drummond de)

c) "O homem se tornou lobo para o homem, porque a meta do desenvolvimento industrial está concentrada num objeto, e não no ser humano. A tecnologia industrial e a própria ciência não respeitaram os valores éticos. E, por isso, não tiveram respeito algum para o humanismo. Para a convivência. Para o sentido mesmo da existência.
Na própria política, o que contou no pós-guerra foi o êxito econômico. E muito pouco, a justiça social e o cultivo da verdadeira imagem do homem. Fomos vítimas da ganância e da máquina. Das cifras. E, assim, perdemos o sentido autêntico da confiança, da fé, do amor. As máquinas andaram por cima da plantinha sempre tenra da esperança.
E foi o caos."
(Paulo Evaristo Arns, *Em favor do homem,* **Rio de Janeiro.)**

16) (FMU-SP) Escolha um dentre os seguintes temas e escreva até 30 linhas sobre ele.

Tema A: "Somos duplamente prisioneiros: de nós mesmos e do tempo em que vivemos."
(Manuel Bandeira)

Tema B: "Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz."
(São Francisco de Assis)

Tema C: "Há, no mundo, milhares de formas de alegria, mas no fundo todas elas se resumem a uma única: a alegria de poder amar."
(Michel Ende)

17) Elabore dissertações a partir dos temas sugeridos pelas frases a seguir, use-as como citações:

a) "Ao fim e ao cabo só há verdades velhas caiadas de novo."
(Machado de Assis)

b) (FGV/SP) "O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando." (Guimarães Rosa)
c) "A vida, a vida, só é possível reinventada." (Cecília Meireles)
d) "Um galo sozinho não tece uma manhã." (João Cabral de Melo Neto)
e) "Navegar é preciso, viver não é preciso." (Fernando Pessoa)
f) (E. S. de Estatística-BA) "Liberdade é o caminho mais curto entre o homem e a felicidade."
g) (PUC-SP) "Só conhecemos bem aquilo que nós mesmos descobrimos e criamos."
h) (FGV-SP) "E cada instante é diferente, e cada homem é diferente, e somos todos iguais." (Carlos Drummond de Andrade)
I) (UF-RN) "As coisas que admitimos e amamos, os heróis que escolhemos, os modelos que seguimos dão a medida exata do que somos."

18) Leia os textos a seguir e elabore uma dissertação a respeito. Use passagens de algum texto como citação.

Modelo relata ataque de garotos

Cláudia seguia para o Anhembi, quando ficou presa no trânsito e foi assaltada por menores.

Cláudia tem 21 anos. Modelo de uma das mais importantes agências do País, ela foi vítima de um assalto semana passada, na Avenida Prestes Maia, quando seguia para o Anhembi, para trabalhar num estande da Fenasoft. "Precisei tomar calmante e até hoje não me esqueço do que aconteceu."

Ao contrário do que normalmente faz, Cláudia tinha baixado o vidro da porta do seu Uno naquele dia, depois de demorar mais de 20 minutos para atravessar o túnel do Anhangabaú. Na saída do túnel, um rapaz de 16 anos encostou e começou a oferecer barras de chocolate. Em seguida chegou um garoto, de cerca de 14 anos, com um pano cobrindo a mão.

"O rapaz do chocolate ficou bem perto da janela e o outro mostrou um vidro pontudo e comprido e mandou entregar o dinheiro e o relógio pois iria me cortar."

Cláudia, nervosa, não conseguia pegar a carteira na bolsa. "As pessoas nos carros por perto não se importavam e o garoto do chocolate começou a instigar o outro, dizendo para cortar o meu rosto e espetar o vidro no meu pescoço." Quando ela conseguiu pegar a carteira, o garoto mais jovem pegou o dinheiro, atirou os documentos no banco de trás, e o outro tirou o relógio.

Cláudia contou o que ocorrera a um marronzinho da Companhia de Engenharia de Tráfego parado na Prestes Maia, antes da Senador Queirós, "disse que todos os dias acontecem assaltos ali e a polícia não dá a mínima." Com medo de represálias, ela não apresentou queixa à polícia e pediu para que seu sobrenome não seja revelado. (R.L.)

(*Estado de São Paulo***, 26/7/95.)**

"Não dou esmola nem para mulher grávida"

Ao parar seu Fiat Tipo no semáforo da esquina da Avenida Prestes Maia com a Rua São Caetano, a estudante de Direito Helena Miquelina, de 20 anos, foi abordada por um garoto de aproximadamente 14 anos. Ele limpou o pára-brisa do carro e Helena, moradora em Santana, deu-lhe R$ 1,00.

O garoto a chamou de "pão-dura", tirou um punhal do cabo do limpador e disse para Helena entregar-lhe a carteira. "Achei que ele estava brincando", contou a estudante no 2º Distrito Policial, no Bom Retiro. "Mas ele encostou a ponta do punhal no meu pescoço, tirou o dinheiro – cerca de R$ 100,00 – e depois jogou a carteira vazia no meu colo."

Chocada com o assalto, a estudante não passou mais pela Prestes Maia. Sai de Santana, vai até a Ponte Casa Verde e depois pega a Avenida Rio Branco para chegar ao Centro. "Não abro mais o vidro do carro para ninguém", diz Helena. "Depois da situação em que estive, não dou dinheiro nem para mulher grávida ou com criança pequena no colo."

(*Estado de São Paulo***, 27/7/95.)**

19) (UNICAMP) Leia os textos a seguir e elabore um texto dissertativo com relação ao tema.

A Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida, conhecida também como campanha contra a fome, tem provocado numerosas manifestações contraditórias, reavivando uma discussão antiga sobre a validade da ajuda aos desfavorecidos.

Levando em conta a coletânea abaixo, que contém fatos e opiniões diversas sobre aquela campanha, redija uma dissertação sobre o tema: *dar o peixe ou ensinar a pescar?*

1. *Já são quase 32 milhões de brasileiros famintos, num país que desperdiça somente o equivalente a US$ 4 bilhões. Apenas 20% desse desperdício saciariam a fome de todos esses brasileiros miseráveis*.

("O avesso da fome", *Jornal do Brasil,* **12/09/93.)**

2. *A cada ano que passa, mil crianças morrem por dia debaixo do céu brasileiro. Morrem de doenças para as quais a medicina criou uma infinidade de nomes, todos sinônimos de um só mal: fome, subnutrição.*

(Eric Nepomuceno, Caderno FOME,
Jornal do Brasil, **12/09/93.)**

3. *Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na Terra de Canaã.*

(José Américo de Almeida, *A bagaceira.***)**

4. *Querido Cony, (...) venho te dar os parabéns pela crônica "Não é por aí". Também eu não quero bagunçar a campanha contra a fome (...), mas já era tempo de alguém dizer que para acabar com a fome precisa-se de reforma agrária, justiça social, melhor distribuição de renda. A caridade é uma das virtudes teologais, mas para acabar com a fome no Brasil não basta...*

(Jorge Amado, Painel do Leitor,
Folha de S. Paulo, **24/06/93.)**

5. Betinho – *há uma relação estreita entre conjuntura e estrutura. Se eu não sou capaz de mudar alguma coisa aqui e agora, seguramente não seria capaz de mudar no futuro. Toda vitória que eu consiga hoje, por menor que seja, está criando condições para a reforma estrutural.*

Folha – O movimento tem um caráter filantrópico, assistencialista. A filantropia sempre foi considerada inócua e muitas vezes associada à picaretagem.

Betinho – *Pilantropia (ri). Esse movimento está nos obrigando a diferenciar solidariedade de assistencialismo e filantropia de pilantropia. Para mim, solidariedade é um gesto ético, de alguém que quer acabar com uma situação, e não perpetuá-la. Já o assistencialismo é exatamente o contrário.*

(de uma entrevista de Betinho ao jornal
Folha de S. Paulo, **05/09/93.)**

6. *Mas eis que Chico Buarque, justificando sua participação no show do Memorial, veio com um argumento curioso. Você pode dizer que distribuir alimentos não resolve nada, lembrava ele, "mas não distribuir resolve alguma coisa?" Já que nada vale nada, um pouco de caridade é melhor do que nenhuma.*

(Marcelo Coelho, *Folha de S. Paulo,* **08/09/93.)**

7. *Na piscina do Clube Harmonia ouvi uma senhora gordinha dizendo que a campanha contra a fome era comandada pelo PT e que tinha por objetivo arrasar com o nosso país. Outras senhoras gordinhas concordaram, repetindo a velha história de que era melhor ensinar a pescar do que dar o peixe...*

(Geraldo Anhaia Mello, Painel do Leitor,
Folha de S. Paulo, **09/09/93.)**

8. *Pessoas que moram nas ruas de São Paulo não têm uma idéia exata do que seja a campanha da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Elas se dizem cansadas de movimentos que distribuem alimentos, mas não conseguem resolver o problema da miséria. Essas pessoas – que seriam as principais beneficiadas pela campanha – pedem a criação de mais empregos, pois querem conseguir uma moradia e poder escolher a comida.*

(*Folha de S. Paulo,* **21/09/93)**

9. *Na esperança da revolução redentora, a palavra de ordem era ensinar a pescar. Dar o peixe era o pecado assistencialista, que retardava o processo revolucionário. (...) Hoje sabe-se: o capitalismo não acaba com a miséria. O socialismo também não. Não há mais sonho nem utopia. Resta apenas a concretude tenebrosa da miséria (...) não se está sugerin-*

do que a sociedade assuma o papel do Estado. Mas é importante compreender: é a sociedade que muda o Estado, não o contrário. (...) (o cidadão) morrerá, como têm morrido milhares, se alguém não lhe der comida.

(Alcione Araújo, Caderno FOME,
Jornal do Brasil, **12/09/93.)**

10. *Eu nunca senti fome na vida, mas acho que deve ser muito triste.*
(Adriana, 12 anos, *Veja,* **15/09/93.)**

20) UNICAMP

Atenção: se você não seguir as instruções relativas ao tema que escolheu, sua redação será anulada.

Tema A

Em momentos de crise, o homem procura desesperadamente encontrar a saídas. Cientistas sociais, filósofos, políticos afirmam que é preciso alterar as condições econômicas, sociais, educacionais, para que os indivíduos possam resolver seus problemas; místicos, esotéricos e defensores de várias formas de auto-ajuda prometem saídas pessoais, por vezes rápidas e eficazes. Na coletânea abaixo você encontra elementos relevantes para a análise dessa questão. Com base nos fragmentos dessa coletânea, redija um texto dissertativo sobre o seguinte tema: Saídas milagrosas para a crise: solução ou ilusão?

1. A auto-ajuda contém uma filosofia do senso comum, uma espécie de refinamento do que se vê nos pára-choques de caminhão. "Sorria para a vida e ela sorrirá para você", por exemplo, Ou então: "Toda jornada começa com um passo." É possível discordar disso?

2.

Os mais vendidos	
Ficção	**Não-Ficção**
1 – *O Alquimista*, **Paulo Coelho (8-212*)**	**1 –** *Emagreça Comendo*, **Lair Ribeiro (1-6)**
2 – *Escrito nas Estrelas*, **Sidney Sheldon (1-14)**	**2 –** *O Sucesso Não Ocorre por Acaso*, **Lair Ribeiro (2-56)**
3 – *Memorial de Maria Moura*, **Rachel de Queiroz (3-31*)**	**3 –** *Prosperidade*, **Lair Ribeiro (3-37*)**

3. *Veja* **– É possível recuperar a auto-estima brasileira, perdida na década de 80?**

S. Kanitz (economista) – Os brasileiros foram cobaias de experimentos econômicos por quase dez anos, o que baixa a auto-estima de qualquer um. O Lair Ribeiro é resultado disso. Se as pessoas não estivessem de astral tão baixo, ele não venderia tantos livros. A auto-estima começa a melhorar quando você tem controle sobre sua vida econômica.

(A crise já era, *Veja*, **12/10/94.)**

4. As modernas listas de *best-sellers* **ilustram a imensa necessidade que temos desses livros de iniciação, verdadeiros manuais de sobrevivência para a travessia da vida. Mas a arte de viver adulta, envergonhada, costuma se apoiar em dois álibis: ou na psicologia, e então temos as lições positivas de Lair Ribeiro, ou na religião, e temos aqui as fábulas esotéricas de Paulo Coelho. Não ousamos, ainda, nos apegar a uma arte de viver sem muletas, moldada diretamente pela própria vida.**

(José Castello, Caderno 2, *O Estado de São Paulo*, **08/11/94.)**

5. A crise criou discursos, que se digladiam pelos louros do acerto. No discurso clamamos à nação, o orador pede a uma Razão secreta que desperte, tipo "Deus, onde estás que não respondes?" Tende para o religioso, para o sagrado horror, já que não há nenhuma Central da Razão que tome uma providência. (...) A crise é boa para aumentar o contato com o absurdo, logo, com o ministério da vida. Neste sentido, a crise é filosófica.

(Adaptado de Arnaldo Jabor, "A crise é a salvação de muitos brasileiros, Os canibais estão na sala de jantar".)

6. Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem arbitrariamente, em circunstâncias escolhidas por eles mesmos, e sim em circunstâncias diretamente dadas e herdadas do passado.

(Karl Marx, *O 18 Brumário de Luís Bonaparte.***)**

7. Vivi puxando difícil de difícel, peixe vivo no moquém: quem mói no asp'ro, não fantasêia.(...)

Viver é muito perigoso...

(Palavras de Riobaldo, personagem de *Grande Sertão: Veredas*, **de João Guimarães Rosa.)**

21) (FUVEST). Redação

ANDY WARHOL, Marilyn Monroe, 1962. Óleo sobre tela, 81 x 55 3/4.

"Em muitas pessoas já é um descaramento dizerem 'Eu'." (T. W. Adorno)

"Não há sempre sujeito, ou sujeitos.(...)"

"Digamos que o sujeito é raro, tão raro quanto as verdades." (A. Badiou)

"Todos são livres para dançar e para se divertir, do mesmo modo que, desde a neutralização histórica da religião, são livres para entrar em qualquer uma das inúmeras seitas. Mas a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa." (T. W. Adorno)

Relacione os textos e a imagem anteriores e escreva uma dissertação em prosa, discutindo as idéias neles contidas e expondo argumentos que sustentam o ponto de vista que você adotou.

22) Veja os textos a seguir e elabore uma dissertação a respeito. Procure tomar uma posição clara.

Saúde adia decisão sobre liberação da maconha para uso medicinal

Da Sucursal de Brasília e da Reportagem Local

Os Ministérios da Saúde e da Justiça vão consultar os oncologistas – médicos que tratam de câncer – antes de decidir sobre a liberação de uma das substâncias ativas da maconha, o THC (o tetrahidrocanabinol), para uso terapêutico.

O secretário nacional de Vigilância Sanitária, Elisaldo Carlini, disse ontem, em Brasília, em um simpósio sobre o tema, que a consulta aos médicos será em outubro, durante congresso de oncologia que ocorre em Belo Horizonte.

O ministro Adib Jatene, da Saúde, poderia liberar a substância com uma portaria, mas preferiu esperar.

"Queremos antes que o assunto seja discutido pela sociedade", disse, na abertura do simpósio.

Não está em discussão a liberação de cigarros de maconha. O THC só será consumido dentro de hospitais, em cápsulas, por quem faz quimioterapia contra câncer.

O único efeito terapêutico do THC comprovado pela ciência é eliminar vômitos e náuseas, efeitos colaterais da quimioterapia.

Há outros usos em estudo em vários países, com o glaucoma, epilepsia, certas doenças neurológicas e espasmos. A bibliografia da homeopatia menciona várias utilidades da maconha.

Carlini é a favor de que o THC seja autorizado para o uso médico. "É uma posição pessoal. Não há posição oficial do Ministério."

O reconhecimento da utilidade terapêutica do THC pela Organização Mundial de Saúde, em 91, foi acatado pelas Nações Unidas, com o voto do Brasil.

O oncologista Rene Gansl disse que, quando o THC foi liberado nos EUA, no início dos anos 80, "era competitivo, mas hoje há drogas mais eficazes e com menos efeitos adversos, como o Plasil".

Ele admite que o THC poderia beneficiar pacientes em alguns casos. "Mas, antes, o THC era útil em 30% dos casos; hoje, para menos de 1%. Acho que não se justifica a liberação", disse.

Em São Paulo, Anthony Wong, diretor de Centro de Assistência Toxicológica do Hospital das Clínicas, defendeu a liberação do THC. "Ele não leva à dependência física e pode beneficiar muitos doentes. O THC pode e deve ser vendido sob rigoroso controle."

O psiquiatra Dartiu Xavier da Silveira, do Proad – Centro de Prevenção e Estudos da Escola Paulista de Medicina – defendeu a liberação para uso terapêutico.

"Estudos nos EUA mostram que 90% dos que fumam maconha não ficam dependentes", afirma. "Controlado, o THC traria benefícios, não riscos."

Arthur Guerra, que coordena o Grea – Grupo de Estudos em Álcool e Drogas do HC –, não concorda. "A discussão é uma jogada de *marketing* **para a liberação da droga", disse. (Aureliano Biancarelli e Paulo Silva Pinto,** *Folha de S. Paulo.***)**

Maconha

A maconha (*Cannabis sativa***) foi provavelmente a primeira planta que o homem usou para fabricar fibras e também – a carne é fraca – para embriagar-se. Ao que tudo indica, ela surgiu no norte do Himalaia. Escritos antigos apontam que já em 2.800 a.C. os chineses a utilizavam. Há indícios de que a planta já era conhecida na Pré-História.**

A erva rapidamente se popularizou. Na Índia é conhecida como "bhang", "charas" ou "ghanga"; no Egito e Ásia Menor, haxixe; no norte da África é "kif". O português "maconha" vem do quimbundo (língua banto africana) "ma'kana", plural de "di'kaña" (erva santa).

A fértil imaginação dos brasileiros e africanos criou uma rica lista de sinônimos para designar essa variedade de cânhamo: liamba, aliamba, diamba, riamba, bagulho, bengue, birra, dirígio, erva, fuminho, fumo, fumo-de-angola, mato, pango, soruma, manga-rosa, massa, tabanagira. Há o mais universal, marijuana.

Apesar de antigo, o hábito de embriagar-se com "Cannabis sativa" muitas vezes foi visto com maus olhos. Um grupo de cruzados europeus teve de enfrentar – com pouco sucesso, acredita-se – uma seita islâmica bastante valorosa em combate. Eram os "hashshsshin" ("bebedores de haxixe"). Atribuindo a ferocidade da seita à droga, os europeus retornaram em menor número à sua terra natal e trouxeram de quebra a palavra "assassino".

A idéia do Ministério da Saúde de liberar o mais importante princípio ativo da *Cannabis sativa*, **o tetrahidrocanabinol (THC), para uso medicinal – em que pese os resultados frustrantes do seminário de ontem – é mais do que oportuna.**

Os próprios EUA, os inimigos número 1 do tráfico, já incluíram o THC em sua farmacopéia. A ONU, sobre recomendação da OMS, retirou o THC da lista 1 – a das drogas proscritas – para incluí-lo no rol dos medicamentos controlados.

A droga já revelou grande valor no combate às náuseas e vômitos dos pacientes de câncer submetidos a sessões de quimioterapia. Também está comprovada sua ação no tratamento de glaucoma. Estudos ainda inconclusivos indicam que o THC pode ter algum valor terapêutico para epilépticos.

Permitir que médicos recomendem a seus pacientes que procurem um traficante para obter uma droga que pode fazer bem à sua saúde ou melhorar a sua qualidade de vida é um contra-senso. A liberação do THC como substância médica controlada é um imperativo. A morfina, estupefaciente do grupo das opiáceas muito mais poderoso que o THC, circula pelos hospitais sem que isso se tenha transformado num problema de saúde pública.

Seria ridículo que falsos moralistas e a hipocrisia impedissem que uma droga que pode ajudar muitos seja comercializada legalmente. (*Folha de S. Paulo***, Editorial.)**

23) Escreva uma carta ao jornal mostrando sua opinião sobre o editorial lido.

UNIDADE 6: APOIO FUNCIONAL

"A gramática é a ferramenta do autor na construção do texto."

João Jonas

Durante o processo de produção de textos, surgem sempre dúvidas gramaticais; nesta unidade trataremos dos casos em que alguns exercícios podem ajudar a solucionar certos problemas; no entanto há outros casos que gramáticas e livros do tipo tira-dúvidas resolvem tranqüilamente; a consulta a esses materiais torna-se obrigatória por parte de quem se propõe a escrever na escola, no trabalho ou mesmo por motivos particulares.

Vale lembrar que a eliminação de alguns erros será efetuada a partir do treinamento lingüístico e a prática constante da escrita. Cabe ao produtor o trabalho constante da revisão e escrituração dos textos para que a assimilação das técnicas redacionais e normas gramaticais seja efetivada.

CAPÍTULO 1

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

As palavras são classificadas com base em sua tonicidade em:

Oxítonas: **quando a última sílaba é mais forte: café, Pari, paletó.**

Paroxítonas: **quando a penúltima é a mais forte: caráter, cavalo, férias.**

Proparoxítonas: **quando a antepenúltima é a mais forte: público, sábado, mágico.**

A acentuação está baseada numa regra prática de exclusão.

ACENTUAM-SE

1) *monossílabas*: **são acentuadas as terminadas em: a, e, o, em seguidos ou não de s: pá, três, vê-lo, pô-lo.**

2) *proparoxítonas*: **todas são acentuadas: clássico, pássaro, rótulo.**

3) *oxítonas*: **são acentuadas as terminadas em: a, e, o, em seguidos ou não de s: guaraná, atrás, lavá-lo, jacaré, repôs, dispô-lo, também, parabéns.**

4) *paroxítonas*: **são acentuadas as terminadas em: l, n, r, x, ps, ao, a, i(s), u(s), um(s), on(s), ditongo: fácil, amável, pólen, hífen, revólver, repórter, xérox, tórax, bíceps, órgão, ímã, júri, íris, vírus, álbum, álbuns, próton, elétrons, história, série, úteis.**

5) *Ditongos abertos*: **são acentuados os ditongos abertos terminados em: éi, éu, ói: idéia, fogaréu, jóia.**

Obs.: Muitas pessoas têm dúvidas quanto à separação de sílabas dos ditongos abertos. Veja:

jói-a, idéi-a, apói-o. É muito simples, basta conservar o ditongo aberto na separação.

6) *Hiatos*: **acentuados os I e U que formam os hiatos, quando constituem sílabas sozinhos ou seguidos de s, e não seguidos de l, m, n, r, u, z, nh: saúde, balaústre, raízes, faísca.**

Não são acentuados: juiz, rainha, Raul, cairmos.

7) *Grupo EE e OO*: **é acentuada a primeira vogal do grupo quando tônicas: lêem, vôo, enjôo.**

8) *Trema*: **usa-se trema no U átono nos grupos que, qui, gue, gui: freqüência, tranqüilo, agüentar, lingüiça.**

Obs.: Levam acento agudo o mesmo grupo quando o U for tônico: argúi, obliqúes, apazigúe, averigúe.

9) *Acento diferencial tônico*: **usa-se o acento diferencial para distinguir as palavras com grafia semelhante.**

pára(verbo) – para (prep.)
péla (verbo, subst.) – pela (prep., contração)
pélo (verbo) – pêlo (subst.) – pelo (prep., contr.)
pólo, pôlo (subst.) – polo (prep., contr.)
pôr (verbo) – por (prep.)
pêra (fruta) – péra(pedra) – pera (prep., contr.)
côa (verbo) – coa (prep., contr.)
pôde (pretérito perfeito) – pode (presente)
o porquê (subst) – porque (conj.)
por que (frases interro.) – por quê (final de frase)
quê (subst. aparece sozinho ou em final de frases) – que (pron. conj.)

10) *TER e VIR e seus compostos*:
seguem a seguinte regra:

singular	*plural*
Ele tem	**Eles têm**
Ele vem	**Eles vêm**

Ele contém **Eles contêm**
Ele intervém **Eles intervêm**

11) Algumas palavras que geram dúvidas quanto à acentuação: dúplex, látex, lêvedo, logótipo, rubrica, avaro, pudica, distinguiu, aziago, Pacaembu, tatu, mister, ínterim, bisturi, moinho.

EXERCÍCIOS

Acentue se necessário:

aparencia	facil	bone	ureter	fluido
voo	insonia	avaro	bebedo	rubrica
arquetipo	prototipo	logotipo	duplex	omega
ibero	levedo	lampada	materia	piloto
palito	paleto	perpetuo	Jacarei	tatu
vandalo	juiz	juizes	Luis	Luiz
apoio(subst.)	chapeu	improprio	miudo	refem
contribui(ele)	estagio	sovietico	plagio	moida
contribui(eu)	hifen	itens	saci	anzol
apoio (verbo)	moveis	instancia	abençoo	bilingue
ele mantem	pais	pai	ziper	colher
ele obtem	tres	Parana	heroico	polen
eles tem	onus	delirio	bussola	interim
eles creem	consul		armazem	
eles veem	ele ve	ele cre	po	pe
para(verbo)	cientifico	bau	Botucatu	jovem
para(prep.)	mister	macio	vazio	mictorio
pode(pres.)	ideia	assembleia	boi	joia
pode(pret.)	lingueta	eloquencia	quota	inquerito
quilo	aquatico	iniquidade	aliquota	regua
balneario	deixa-lo	recebe-lo	parti-lo	dividi-lo
retribui-lo	lava-lo	perde-lo	aparta-lo	boia

CAPÍTULO 2

A CRASE

Usa-se o acento indicativo da crase quando houver a contração da preposição a e do artigo feminino a ou com os pronomes demonstrativos aquela e suas variações.

Eu vou a + a feira = Eu vou à feira.

Note como houve o encontro da preposição *a* e do artigo *a*, Caso trocássemos feira por mercado, veríamos que ocorreria o encontro da preposição *a* com o artigo *o*.

Eu vou a + o mercado = Eu vou ao mercado.

Regra Prática

a) Trocar a palavra feminina por uma masculina semelhante.
Se ocorrer com a palavra masculina o encontro *ao*, com a feminina ocorrerá a fusão *à*.
O professor se referiu *ao* aluno = O professor se referiu *à* aluna.

b) Trocar a preposição *a* pela preposição *para*.
A secretária foi *para* a reunião = A secretária foi *à* reunião.

Regras Específicas

Nem sempre será possível aplicar as regras práticas; haverá casos que solicitarão o uso de algumas regras específicas.

1) *Horas*: **Ocorrerá a crase. Irei ao clube hoje às 14 horas, a reunião será das 15 às 20 horas.**

Observação: A palavra *desde* **elimina a ocorrência da crase:**
Estou esperando você *desde* **as 2 horas.**
Veja que se usarmos meio-dia, não haverá o encontro a + o:
Estou esperando você desde o meio-dia.

2) *Dias da Semana*: **Ocorrerá crase somente no plural.**
Das segundas às sextas-feiras haverá reuniões.

Observação:
a) No singular não ocorrerá a crase:
Haverá reunião de segunda a sexta-feira.
b) Não ocorrerá crase antes dos meses do ano:
De janeiro a março teremos dias quentes.

3) *Nome de lugares*: **A ocorrência da crase será constatada com o auxílio do verbo** *vir* **ou** *voltar*:
Irei à Argentina = Venho da Argentina.
Vou à Roma Antiga = Voltei da Roma Antiga.
Irei a Marília = Venho de Marília.
Vou a Roma = Voltei de Roma.
Ao usar o verbo *vir* **ou** *voltar*, **deve-se observar a incidência do artigo na preposição** *de*:
da = à
de = a

4) *À moda* **ou** *À maneira*: **Ocorrerá crase com estas expressões mesmo que subentendidas:**
Comi um bife à moda milanesa ou Comi um bife à milanesa.
Escrevo à maneira de Nelson Rodrigues, ou Escrevo à Nelson Rodrigues.

Observação: **Esta regra ocorrerá com qualquer palavra subentendida:**
Fui à Marechal Deodoro. = Fui à rua Marechal Deodoro.
Esta caneta é igual à que comprei. = Esta caneta é igual à caneta que comprei.

5) *Distância*: **Ocorrerá crase quando é determinada a distância:**
Vi sua chegada a distância.
Vi sua chegada à distância de dez metros.

6) *Casa*: **Ocorrerá crase quando não existir o sentido de lar ou quando estiver modificada.**
Volte a casa. (sentido de lar)
Vou à casa de meus irmãos. (modificada = de meus irmãos)

7) *Terra*: **Ocorrerá crase quando não estiver no sentido de solo:**
Cheguei a terra. (solo)
O lavrador trabalha a terra. (solo)
Cheguei à terra natal.
Os astronautas regressaram à Terra tranqüilos.

8) *Pronomes*: **Ocorrerá crase somente nestes casos:**
a) pronomes relativos *a qual* **e** *as quais*:
Esta é a garota à qual me referi.
b) pronomes demonstrativos *aquela*, *aquela*, *aquilo*:
Referi-me àquele livro.

Note que se usássemos outro pronome apareceria a preposição *a*:

Referi-me a este livro = Referi-me a + aquele livro.

Observação: **Com os pronomes demonstrativos** *a* **e** *as* **só ocorrerá crase com verbos que exigirem a preposição** *a*:
Assisti a todas aulas do dia, menos às de física.

Note que o verbo assistir neste caso pede a preposição *a*:

Assisti a todas e assisti a + as de física.

c) *Pronomes possessivos femininos* **(minha, tua, sua, nossa...): a ocorrência de crase é facultativa:**
Assisti a tua peça musical, ou Assisti à tua peça musical.

9) *Locuções Adverbiais, Prepositivas e Conjuntivas Femininas*: **Normalmente respondem às perguntas onde? como? quando? por que?**

Veja:

Comerei à luz de vela. – Comerei como? à luz de vela.

Caso não usasse o acento indicativo de crase a frase teria outro sentido.

Comerei a luz de vela – Significa que a luz de vela será comida.

Adiou à noite. – Adiou quando? à noite.

Adiou a noite. – Significa que a noite foi adiada.

Observe algumas locuções: à risca, às cegas, à direita, à força, à revelia, à escuta, à procura de, à espera de, às claras, às vezes, às pressas, à paisana, à tarde, à noite, à toa, à medida que, à proporção que, etc.

EXERCÍCIOS

1) Use o acento indicativo de crase quando necessário:

a) A cigarra vive a cantar junto a janela onde a pobre menina doente descansa.
b) A distância observava as moças cantarem suaves canções.
c) Prefiro isto aquilo.
d) Irei a Campinas amanhã e a saudosa Araraquara na semana que vem.
e) Fomos a Itália e não fomos a Roma.
f) Esta é a rua a que me referia ontem.
g) As cegas o policial estava a procura do ladrão na mata escura.
h) A discussão é pertinente a gerência financeira.
i) Víamos a distância de dez metros os marinheiros descerem a terra.
j) Vou a casa de meus pais visitá-los.
l) Aquela é a mulher a qual dediquei metade de minha vida em vão.
m) Vou a Marechal Deodoro hoje.
n) Estou aqui desde as duas horas da tarde.
o) De segunda a sexta haverá reuniões no horário das dez as onze horas.

p) Escreve a Fernando Pessoa.
q) Não me referi a este livro.
r) Gosto muito de ir a festas de final de ano.
s) Não escrevo a caneta.
t) A noite é bela, mas só irei ao centro da cidade a tarde.
u) Assisti a novela e não gostei do capítulo de ontem.
v) O aluno ficou nervoso e bateu a porta com força.
x) Ela cheirava a rosa e me enebriava.
z) Ela cheirava a rosa e espirrava, pois era alérgica a perfumes.

CAPÍTULO 3

O USO DA VÍRGULA

Regra Geral: **A ordem direta de uma oração é sujeito, verbo e complemento. Qualquer alteração nessa ordem pede o uso da vírgula para que a leitura não seja prejudicada.**

Eliana escreve cartas todo o dia. – ordem direta.

Observe uma oração em que há alteração da ordem direta:

Todo dia, Eliana escreve cartas.

Como pôde ser visto, o complemento "todos os dias" estava antes do sujeito "Eliana" modificando, assim, a ordem direta da oração.

PROIBIÇÃO DO USO DA VÍRGULA

Não se separa por vírgula o sujeito do verbo e, também, o verbo de seus complementos:
Eliana, escreve cartas todo dia. (emprego errado)
Eliana escreve, cartas todo dia. (emprego errado)
Eliana, todo dia, escreve carta. (emprego certo, pois houve alteração na ordem da oração)
Eliana escreve, todo dia, cartas. (emprego correto, pois houve alteração na ordem direta)

REGRAS ESPECÍFICAS

1) Separar vários sujeitos, vários complementos ou várias orações.

Os professores, alunos e funcionários foram homenageados pelo diretor.

Gosto muito de redação, literatura, gramática e história.
Fui ao clube, nadei bastante, joguei futebol e almocei.

2) Separar aposto, termo explicativo.

O técnico da seleção brasileira, *Zagalo*, **convocou vinte e dois jogadores para o amistoso.**
Jorge Amado, *grande escritor brasileiro*, **é autor de inúmeros romances adaptados para televisão.**
O presidente da empresa, *Sr. Ferret*, **deu uma enorme gratificação a seus funcionários.**

3) Separar vocativo.

A inflação, *meu amigo*, **faz parte da cultura nacional.**
"Isso mesmo, *caro leitor*, **abane a cabeça" (Machado de Assis)**

4) Separar termos que se deseja enfatizar.

Eliana chegou à festa, *maravilhosa como uma Deusa*, **iluminando todo o caminho por que passava.**

5) Separar expressões explicativas e termos intercalados.

A vida é como boxe, *ou seja*, **vivemos sempre batendo em alguém.**
O professor, *conforme prometera*, **adiou a prova bimestral.**

6) Separar orações:
coordenadas (mas, porém, contudo, pois, porque, logo, portanto)

Participamos do congresso, porém não fomos remunerados.
Trabalhe, pois a vida não está fácil.
Antônio não estudou; não consegui, portanto, passar o ano letivo.

7) Separar orações adjetivas:

O fumo, *que é prejudicial à saúde*, **terá sua venda proibida para menores.**

8) Separar orações adverbiais, principalmente quando vierem antes da principal.

Para que os alunos aprendessem mais, **o professor trabalhava com música.**
Assim que puder, **mandar-te-ei um lindo presente.**

9) Orações reduzidas de particípio e gerúndio.

Chegando atrasado, **o aluno conturbou a aula.**
Terminada a palestra, **o médico foi ovacionado pelo público.**

10) Para indicar omissão de palavra.

Eu leio romances clássicos; você, policiais. (Foi omitido o verbo ler.)

O USO DA VÍRGULA COM O CONECTIVO *E*

a) Separar as orações com sujeitos diferentes.

O policial prendeu o ladrão, e sua esposa ficou muito orgulhosa.

b) Usa-se vírgula antes do *e* quando precedido de intercalações.

Eliana foi promovida, devido a sua capacidade, e todos do departamento a cumprimentaram.

c) Usa-se vírgula depois do *e* quando seguido de intercalações.

Eliana foi promovida e, por ser muito querida, todos do departamento a cumprimentaram.

O USO DO PONTO-E-VÍRGULA

Usa-se, basicamente, o ponto-e-vírgula para obter mais clareza em períodos longos com vírgulas.

Compramos, em 15 de abril, da empresa Lether Informática, 10 mesas para computadores; da Decortex, 15 cortinas bege; em 20 de abril, da Pen, 5 caixas de canetas azuis e vermelhas.

Fomos, ontem pela manhã, ao clube; faltamos, portanto, à aula.

EXERCÍCIOS

Use vírgulas se necessário.

a) Eu fui de carro e ela de ônibus.

b) Escolha o roteiro e o monitor reservar-lhe-á os melhores hotéis e restaurantes.

c) A moça desesperada corria sozinha pelas ruas.

d) Paulo o cozinheiro não veio hoje o que faremos?

e) Paulo o cozinheiro normalmente falta no trabalho.

f) Nós tivemos muitas alegrias eles pobres coitados na vida só decepções.

g) Maria gosta muito de festas Lúcia sua irmã por sua vez não aprecia muito.

h) Consegui uma folga para emendar o feriado aceitarei portanto o seu convite.

i) O diretor da empresa ofereceu brindes e sua esposa ficou muito contente com a maneira que ele trata os funcionários.

j) Prometeu-nos no último encontro que embora suas atividades fossem variadas e múltiplas atender-nos-ia sem falta quando dele precisássemos.

l) A autora ganhou prêmios literários e versos humorísticos seus foram lidos por todos.

m) Maria toma banho por que sua mãe pede ela traga o sabonete.

n) O fazendeiro tinha o bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

o) Com muita paciência ele conversou com o velho ouviu-lhe as queixas e de acordo com as possibilidades atendeu-o em alguma coisa.

p) A exportação de tecnologia acreditem meu amigos é a mola-mestra do progresso.

CAPÍTULO 4

O USO DOS PRONOMES

Estudaremos neste capítulo o emprego de alguns pronomes cuja colocação causa algumas dúvidas.

1) *Pronomes demonstrativos: esse, este e aquele.*

a) *Este:* **usamos para indicar objetos que estão próximos do falante e para indicar tempo presente ou futuro:**

Esta minha blusa está me incomodando, vou tirá-la.
Este dia está insuportável, preciso fazer algo diferente.
Esta noite pretendo dormir cedo.

b) *Esse:* **usamos para indicar objetos que estão com a pessoa com que se fala e com a pessoa que nos ouve ou lê, e também em tempo passado.**

Peço a essa empresa compreensão quanto à demora da entrega do pedido.
Essa noite não consegui dormir bem.

c) *Aquele:* **usamos para indicar objetos que estão com a pessoa de quem se fala e também para indicar algo muito distante.**

Aquela blusa do seu amigo é muito bonita.
Lembra quando estudávamos no primário, aquela escola era o máximo.

Observação: Este e aquele:
Usamos *aquele* **na indicação de elementos que foram mencionados em primeiro lugar e** *este* **para os que foram por último.**

João e Jonas são amigos, porém este é extrovertido; aquele, muito tímido.

2) *Pronomes oblíquos:*

a) Pronomes: *o* **e** *a* **usam-se com verbos transitivos diretos.**
Comprei *o carro.* **/ Comprei-o.**

Antes de verbos terminados em: R, S e Z, usa-se LO ou LA:
Comprar *a casa.* **/ Comprá-la.**
Fez *o exercício.* **/ Fê-lo.**
Comemos *o bolo.* **/ Comemo-lo.**

Antes de sons nasais, usa-se NO ou NA:
Dão *presentes.* **/ Dão-no.**
Levam *fama.* **/ Levam-na.**

b) *Pronome: lhe* **usa-se com verbos transitivos indiretos.**

Fiz a ele uma proposta. / Fiz-lhe uma proposta.
Informei ao diretor o assunto. / Informei-lhe o assunto.

c) *Pronomes: eu* **e** *mim.*

Antecedido de preposição *para* **e sucedido de verbo** *no infinitivo*, **usa-se** *eu.*
Isto é para *eu fazer.* **/ Pediram para** *eu comprar o livro*.

Antecedido por preposição, usa-se *mim*.
Entre mim **e ti está tudo acabado.**
Isto é *para mim?*

d) *Consigo* **e** *contigo:*

Consigo = ele mesmo
João trouxe consigo o livro de redação.

Contigo = com você
João, preciso falar contigo ainda hoje.

e) *Conosco* **e** *com nós:*
Quando acompanhado de um agente modificador (mesmos, todos, próprios ou numerais) usa-se com nós.

Eliana virá conosco.
Eliana virá com nós mesmos.

3) *Colocação pronominal:*

Próclise, colocação antes do verbo.

a) Com palavras negativas:
Nunca **me diga isso.**
Não **te quero mais.**

b) Nas frases exclamativas, interrogativas e optativas:
Como se fala aqui!
Quem te disse?
Deus lhe pague, moço.

c) Com pronomes interrogativos, indefinidos e demonstrativos:
Esta é a bela moça de *que* **lhe falei.**
Alguém **me ajude, por favor.**
Aquilo **a irritava profundamente.**

d) Com advérbios.
Aqui **se trabalha muito.**
Sempre **me convidam para padrinho.**

e) Com infinitivo regido de preposição.
Ela veio nos ajudar.
O professor chegou *para* **me** *passar* **a matéria da prova.**

f) Com gerúndio regido de preposição *em.*
Em **se** *tratando* **de redação, Pedro é o melhor.**
Em **a** *ajudando***, reparará o seu estúpido erro.**

Mesóclise, colocação do pronome no meio do verbo.

a) Usa-se apenas com verbos no futuro do presente e no futuro do pretérito do indicativo, desde de que não ocorra casos que pedem próclise.

Dir-te-ei toda a verdade. (Te direi a verdade – errado)
Ajudá-lo-ei sempre que possível. (Ajudarei-o sempre – errado)
A festa realizar-se-á em 23/12. (A festa se realizará – errado)

Ênclise, colocação do pronome depois do verbo.

a) Usa-se em orações que se iniciam com verbos, desde que não peçam mesóclise.

Revelaram-me a verdade sobre você.

b) Usa-se ênclise sempre que não ocorrer incidência de próclise ou mesóclise.

Ela disse-me palavras bonitas.

Quero beijar-te agora.

EXERCÍCIOS

1) Corrija as frases que apresentarem erros de uso dos pronomes:

a) Essa minha camisa é muito quente, vou tirá-la.
b) Esta noite não dormi bem.
c) Menino, saia já desta sala eu acabei de limpá-la.
d) Acho melhor você não usar esta blusa, o dia vai esquentar.
e) Esse carro que seu amigo estava dirigindo é importado?
f) Eu gosto de falar contigo mesmo e as pessoas me acham louco porque falo sozinho.
g) João leva consigo um revólver.
h) Encontraram-lo perdido na rua.
i) Viram-a sozinha no bar.
j) Jamais te direi a verdade.
i) Revelarão-me tudo sobre você.
m) Isto não é para mim ler, é para você.
n) O professor lhe viu colando é melhor conversar com ele.
o) Fiz-o conforme você pediu.
p) Seu amigo é muito chato, já o avisei que na próxima vez não vou aturar gozações.
q) Em tratando-se de rapidez de digitações, não conheço ninguém melhor que minha secretária.
r) Te ajudaria se pudesse.
s) Eu te amo, já lhe disse várias vezes, você é surda?
t) Essa noite vou sair com meus amigos.
u) Informei-os o acontecido.
v) Solicitei-o ao diretor, mas parece que ele não se sensibilizou-se.
x) Se se atrapalhar, procure alguém para ajudar-lhe.
z) Não diga-me o que eu tenho que fazer.

CAPÍTULO 5

CONCORDÂNCIA VERBAL

a) *Haver* **e** *fazer:*
Quando impessoais não possuem flexão.

Haver **no sentido de existir não flexiona.**

Havia outras soluções (Existiam outras soluções.)
Houve muitas discussões (Existiram muitas discussões.)

Haver **indicando tempo passado não flexiona = Faz.**

Há dias que não te vejo. (Faz dias que não te vejo.)
Há muitos anos que estive lá. (Faz muitos anos que estive lá.)

Fazer **indicando tempo decorrido não flexiona.**
Faz horas que estou esperando você.

b) Sujeito coletivo:
Concorda com o coletivo.

A turma chegou.
A maioria dos alunos faltou.

OBS.: A concordância com o adjunto é aceitável:
A maioria dos alunos faltaram.

c) Verbo concorda com a expressa numérica:

1) Porcentagem: Um terço dos alunos foi bem na prova.
Quarenta por cento da turma foram aprovados.

2) *Mais de um, cerca de*: **Mais de um aluno faltou. Cerca de dez alunos faltaram.**

OBS.: Se houver reciprocidade, o verbo ficará no plural:
Mais de um aluno agrediram-se.

d) Sujeitos ligados por *ou* **e** *e*:
Quando o sujeito é formado por palavras ligadas por *ou* **e a ação é coletiva, o verbo fica no plural; quando individual, o verbo fica no singular.**
Maria ou Marta será escolhida a Miss Primavera. (Ação individual.)
Maria ou Marta são ótimas candidatas à Miss Primavera (Ação coletiva.)

Quando o sujeito é formado por palavras ligadas por *e*, **fica normalmente no plural; quando é formado por sinônimos ou gradação, o verbo fica no singular.**

João e José participaram da festa.
Ódio e rancor formava o caráter daquele homem. (Sinônimo.)
Um grito, uma palavra e um gesto modificou minha vida. (Gradação.)

e) Voz passiva sintética = *verbo* **+** *se*:
Quando o verbo é transitivo direto (sem preposição) concordará com o sujeito.

Vendem-se casas. (Casas são vendidas.)
Dão-se aulas. (Aulas são dadas.)
Compra-se carro. (Carro é comprado.)

Quando o verbo é transitivo indireto (com preposição) ficará obrigatoriamente no singular.

Precisa-se *de* **empregada.**
Pensou-se *em* **soluções.**

f) Pronomes relativos *que* **e** *quem*:
Que: **O verbo concorda com o antecedente**

Fui *eu* **que** *comprei* **o carro.**

Foi *ele* **que** *comprou* **o carro.**

Fomos *nós* **que** *compramos* **o carro.**

Quem: **O verbo concorda obrigatoriamente com a 3ª pessoa do singular (ele).**

Fui eu quem *comprou* **o carro.**

Fomos nós quem *comprou* **o carro.**

Foram eles quem *comprou* **o carro.**

g) O verbo *ser*:

1) Concorda com o sujeito quando é personativo.

Capitu **era as esperanças de Betinho.**

Eliana **é meus sonhos.**

2) Concorda com o predicativo quando este é um pronome pessoal.

O premiado sou *eu*.

O premiado é *ele*.

3) Com os pronomes: *aquilo*, *isso*, *isto*, **tudo, o verbo concorda com o predicativo.**

Tudo **são ilusões na vida.**

Aquilo **são flores.**

4) Datas e horas: O verbo concorda com o numeral.

São duas horas.

Hoje são quinze de agosto.

É meio-dia e meia.

5) Nas expressões: *é muito*, *é pouco*, *é suficiente*, **etc., o verbo fica no singular.**

Cem quilos *é muito* **para mim.**

Dez metros de pano *é suficiente*.

CAPÍTULO 6

CONCORDÂNCIA NOMINAL

a) Adjetivos com substantivos de números e gêneros diferentes.

1) Adjetivo depois do substantivo: Concorda com o masculino plural ou o mais próximo.

Paletó e camisa velhos, ou Paletó e camisa velha.

2) Adjetivo antes do substantivo: Concorda com o mais próximo.

Comprei uma linda camisa e sapatos.
Comprei lindos sapatos e camisa.

b) Cores. Quando a cor é expressa por um substantivo fica invariável; quando por adjetivo é variável.

Cortinas azuis – adjetivo
Cortinas gelo
Toalhas brancas – adjetivo
Toalhas laranja
Pisos azul-claros – adjetivo
Piso azul-mar

Obs.: as cores *bege*, *azul-marinho* **e** *azul-celeste* **não possuem plural.**

c) *Menos* **e** *alerta*: **são invariáveis**
Na classe havia menos meninas hoje.
Na classe havia meninos alerta.

d) *Meio.*
Quando significa *um pouco* **ou** *um tanto* **é invariável:**
Ela está *meio* **cansada. (Ela está um pouco cansada.)**
A mulher do vizinho é meio zangada.

Quando significa *metade*, **é variável:**

Comi meia laranja. (Comi metade da laranja.)
Preciso de meias garrafas.
Quero meio melão.

e) *Bastante.*
É semelhante à palavra muito, possui a mesma flexão.
Ele é *muito* **calmo = Ele é** *bastante* **calmo.**
Vi *muitas* **estrelas = Vi** *bastantes* **estrelas.**

f) *Caro e barato.*
Quando adjetivos, são variáveis.

As camisas são caras.

Os carros estão baratos.

Quando advérbios (refere-se normalmente ao verbo), são invariáveis.

As camisas custam caro.

g) *Próprio e mesmo.*
Concordam com a palavra a que se referem.

Ele mesmo pegou o livro.

Ela mesma pegou o livro.

Elas mesmas pegaram o livro.

Nós próprios pegamos o livro.

h) *É bom*, *é proibido*.
Concordam com o artigo ou permanecem no masculino.

Manteiga é bom.

A manteiga é boa.

É proibido entrada de estranhos.

É proibida a entrada de estranhos.

i) *Mau e mal.*
Mal **é o contrário de bem, e** *mau* **é o contrário de bom.**

Ele é mau. (Ele é bom.)
Ele está muito mal. (Ele está muito bem.)

j) *Anexo e incluso.*
Concordam com a palavra a que se referem.

A ficha está anexa.

O relatório está anexo.

O disquete vai incluso.

A fita vai inclusa.

EXERCÍCIOS

1) Corrija as frases que apresentarem erros de concordância.
a) Naquela sala haviam muitas coisas para serem arrumadas.
b) A turma de alunos chegaram gritando na sala de aula.
c) Quarenta por cento dos estudantes escrevem muito bem.
d) Mais de um torcedor agrediram-se.

e) Mais de um torcedor foi preso no estádio.
f) João ou Jonas serão escolhidos como presidente.
g) Naquele local, ultimamente, acontece muitos fatos estranhos.
h) Fomos nós quem reprovamos o orçamento.
i) Neste estabelecimento revela-se na hora fotos coloridas.
j) Dá-se aulas particulares de português.
l) Maria foi os sonhos do pobre José.
m) Cem quilos de carne são suficiente para todo o pessoal.
n) Hoje a professora está meio chateada com você.
o) Havia menas meninas hoje no auditório.
p) Comprei sapatos e camisas bonitos.
q) Compraram camisas beges.
r) São lindos as camisas e ternos que você comprou.
s) As cortinas são verdes-águas.
t) Elas mesmo compraram as cortinas verde-escuros.
u) É vedado ao público a entrada nesta sala.
v) Está incluso no documento a fatura.
x) Nós próprio foi quem fizemos a compra.
z) As roupas de inverno custam muito caras nesta época.

BIBLIOGRAFIA

BASTOS, Lúcia K. & MATTOS, Maria A. *A produção escrita e a gramática*. **São Paulo, Martins Fontes, 1992.**

BELLINE, Ana H. Cizotto. *Trabalhando com descrição*. **São Paulo, Ática, 1995.**

BORBA, Francisco da Silva. *Pequeno vocabulário da linguística moderna*. **São Paulo, Nacional / Edusp, 1971.**

CÂMARA JR., J. Matoso. *Manual de expressão oral e escrita*. **3ª ed., Rio de Janeiro, J. Ozon Editor.**

CITELLI, Adilson. *O texto argumentativo*. **São Paulo, Scipione, 1995.**

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. **7ª ed., Rio de Janeiro, FGV, 1978.**

GRANATIC, Branca. *Técnicas básicas de redação*. **São Paulo, Scipione, 1995.**

FILHO, Paulo B. *A descrição*. **São Paulo, Atual, 1993.**

FIORIN & PLATÃO. *Para entender o texto*. **São Paulo, Ática, 1991.**

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. **7ª ed., Rio de Janeiro. Acadêmica, 1973.**

MACEDO, José Armando. *Redação no vestibular.* **São Paulo, Moderna, 1977.**

MINCHILLO, Carlos A. C. & CABRAL, Isabel C. M. *A narração.* **São Paulo, Atual, 1993.**

MOURA & FARACO. *Para gostar de escrever.* **São Paulo, Ática, 1989.**

PACHECO, Agnelo C. *A dissertação*. **São Paulo, Atual, 1993.**

SOBRAL, João Jonas Veiga. *Técnicas de redação: redação empresarial – produção do texto*. **São Paulo, Iglu, 1995**

SIQUEIRA, João Hilton S. *O texto*. **São Paulo, Seliunte, 1990.**

TERRA, Ernani. *Gramática prática*. **São Paulo, Scipione, 1993.**

TUFANO, Douglas. *Estudo de redação.* **São Paulo, Moderna, 1990.**

TUFANO, Douglas. *Estudos de gramática*. **São Paulo, Moderna, 1990.**

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem*. **São Paulo, Martins Fontes, 1987.**

O LIVRO

REDAÇÃO: **escrevendo com prática** apresenta um estudo minucioso e completo da técnica de escrituração de textos. Trata-se de uma obra essencial, pois traz:

- Exposição teórica clara e prática das modalidades redacionais: Descrição, narração e dissertação;
- Estudo da coerência e coesão textuais;
- Ao fim de cada capítulo, exercícios de fixação que facilitam a assimilação do conteúdo;
- Ao fim de cada unidade, propostas de redação retiradas de vestibulares, de jornais, de revistas e de tiras de quadrinhos;
- Esquema simplificado com exercícios dos problemas gramaticais mais freqüentes.

Acreditamos que com todos esses cuidados *Redação: escrevendo com prática* é uma obra indispensável para todos que desejam redigir textos com qualidade e segurança.

NOTA SOBRE O AUTOR

João Jonas Veiga Sobrai é licenciado em letras, professor com larga experiência no ensino da redação, ministrando esta disciplina na Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo, na Fundação Escola de Comércio Alvares Penteado, no Colégio Comercial Álvares Penteado e na Escola Técnica Oswaldo Cruz.

Autor do livro **Técnicas de Redação:** *redação empresarial-a produção do texto,* além de ministrar cursos, palestras e seminários destinados a professores, estudantes e profissionais de empresas privadas.

APLICAÇÃO

Livro-texto para a disciplina Técnicas de Redação. Material de consulta para profissionais ou consulentes que almejam escrever adequadamente. Recomendado, também, para cursos preparatórios em vestibulares e/ou concursos públicos.

IGLU EDITORA
IGLU EDITORA LTDA.
RUA DUÍLIO, 386
CEP 05043-020 - SÃO PAULO - SP
TEL.: (011) 873-0227

ISBN 85-85631-20-1
9 788585 631208